

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Marinaldo de Almeida Cunha

Expectativas de estudantes concluintes do ensino médio em escolas públicas estaduais
de Campina Grande: Trajetória e perspectiva

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

São Paulo
2015

Marinaldo de Almeida Cunha

Expectativas de estudantes concluintes do ensino médio em escolas públicas estaduais
de Campina Grande: Trajetória e perspectiva

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade, sob a orientação da Professora Doutora Leda Maria de Oliveira Rodrigues.

São Paulo
2015

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Evarista e Marinaldo, que nunca mediram esforços para oferecer a melhor educação aos seus filhos, baseados na justiça e na ética, além de todo amor.

Aos meus irmãos que sempre estiveram comigo em todos os momentos, dividindo angústias e vitórias, a Edanne, a Edjane, a Elianne, a Simão e, especialmente a Marciano que sempre acreditou no meu potencial e me orientou desde as primeiras letras até voos mais longínquos, me ensinando “o caminho das pedras”.

A todos os professores que não apenas passaram pela minha trajetória escolar, mas que trouxeram cada um à sua maneira, a contribuição impagável na construção da minha identidade, por meio do ofício da docência.

Aos amigos que sempre estiveram presentes desde a infância, Adriano e Thiago, e aos que me acompanham desde a graduação, Diego e Rafael, dando palavras de incentivo e apoio nas horas difíceis.

Ao professor José Geraldo, grande mestre, que acreditou e apostou no meu potencial como educador e, sobretudo, como mestrando.

À professora Leda, que desde o início do meu pequeno projeto de pesquisa me acompanha auxiliando na minha maturidade intelectual de professor e pesquisador, além de estar sempre à disposição e ser muito prestativa, competente e dedicada nos seus ofícios de professora e orientadora.

Aos demais professores do EHPS pelas contribuições, especialmente a professora Alda, que com sua maestria e domínio conseguiu abrir meus olhos para entender cientificamente o que eu conhecera na prática de profissional da educação.

À Betinha um agradecimento especial, por sempre “quebrar meu galho” durante esses dois anos, além de uma grande profissional, um grande ser humano.

Aos colegas Ísis, Washington Góes, Elbio, Janaína, Vagner, Chirley, Cybele, Felipe, Mariana, dentre outros, que me acompanharam ao longo desses dois anos, dividindo conhecimentos, abrigo, almoços e alegrias.

Às doçuras do “clubes literário”, Eulina, Harriet, Nita e Anne, que sabem como ninguém embelezar minhas longas noites de estudo e poesia.

À professora Adrina e ao professor Thiago, e aos demais profissionais da rede estadual de ensino da Paraíba que deram grande contribuição para a pesquisa empírica.

Aos jovens que se dispuseram a participar desta pesquisa, contribuindo para a produção do conhecimento.

Ao CNPq pelo apoio financeiro, que tornou possível a realização desta pesquisa.

CUNHA, Marinaldo de Almeida. 2015. *Expectativas de estudantes concluintes do ensino médio em escolas públicas estaduais de Campina Grande: Trajetória e perspectiva*. Dissertação de Mestrado. Educação: História, Política, Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

RESUMO

Sucesso e fracasso escolar têm sido temas bastante comuns em trabalhos acadêmicos que pesquisam sobre estudantes egressos do ensino médio de escolas públicas ou privadas. Entretanto, poucos relacionam o olhar do estudante que ainda cursa esta etapa de ensino, e o que esses indivíduos esperam de si mesmos para um futuro próximo com a forma pela qual os determinantes recebidos dos familiares e das relações sociais influenciam o jovem na sua possível escolha. Sendo assim, este trabalho pretende identificar as expectativas de jovens estudantes sobre seu próprio destino e as relações que envolvem suas escolhas na conclusão do ensino médio. O estudo consiste numa pesquisa empírica que visa caracterizar os indivíduos em termos socioeconômicos, além de traçar os perfis existentes na sala de aula e procurar conhecer as relações sociais mantidas pelos sujeitos dentro e fora da escola. Prioritariamente buscamos identificar as expectativas de jovens estudantes do ensino médio de escolas públicas estaduais da cidade de Campina Grande, Paraíba. Pretendemos assim, constatar de que forma o meio e os grupos sociais, tais como a família, a escola, dentre outros, exercem influência direta ou indireta sobre o indivíduo na escolha do caminho educacional e/ou profissional que pretende seguir após a conclusão deste nível de ensino. Os conceitos de capital cultural, social e econômico de Pierre Bourdieu serão o guia do trabalho na busca de compreender como a origem social e as relações sociais são fatores determinantes na escolha do futuro do indivíduo. Também empregamos os conceitos de socialização primária e secundária de Berger e Luckmann. A primeira forma de socialização é responsável pela inserção do indivíduo nos meios sociais e, a segunda, pelo processo que introduz o indivíduo já socializado em novos setores da sociedade.

Palavras-chave: Ensino Médio; Expectativa de futuro; Capital cultural; Socialização primária e secundária; Relações sociais.

CUNHA, Marinaldo de Almeida. 2015. *Expectations of graduating high school students in public schools in Campina Grande: Trajectory and perspective*. Masters Dissertation. Education: History, Politics, Society. Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo.

ABSTRACT

Success and School failure have been quite common themes in academic papers researching on students graduating high school from public or private schools. However, few investigate the student look that still attends this level of education, and what these people expect of themselves for the near future with the way the determinants received from family and social relationships influence the young in your possible choice. Thus, this paper aims to identify the expectations of young students on their own destiny and the relationships involving their choices upon completion of high school. The study is an empirical research aimed to characterize individuals in socio-economic terms, in addition to showing existing profiles in the classroom and seek to know the social relations kept by the subjects in and out of school. Primarily aimed to understand the expectations of young high school students from public schools in the city of Campina Grande, Paraíba. Therefore we wish to observe how the environment and social groups such as family, school, among others, have a direct or indirect influence on the individual to choose the educational path and / or professional to be followed after completion at this level of education. The Pierre Bourdieu's concepts of cultural, social and economic capitals will be the work tab in the quest to understand how social origin and social relations are determining factors in the choice of the future of the individual. We also employ the concepts of primary and secondary socialization of Berger and Luckmann. The first form of socialization is responsible for the insertion of the individual in social media, and the second, by the process that introduces the individual already socialized into new sectors of society.

Keywords: High school; Expected future; Culture capital; Primary and secondary socialization; Social relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 Pesquisas no Brasil e apresentação dos conceitos.....	18
1.1. Ensino médio, perspectivas e realidade.....	18
1.2. Capital cultural, social e econômico: Bourdieu e trajetórias.....	22
1.3. A constituição do ser: socialização primária e socialização secundária.....	29
CAPÍTULO 2 Detalhamento da pesquisa.....	33
2.1. As escolas: características gerais e específicas do objeto de pesquisa.....	34
2.1.1. Da escola A e seus sujeitos.....	34
2.1.2. Da escola B e seus sujeitos.....	37
CAPÍTULO 3 Análise e interpretação.....	41
3.1. Análise dos questionários.....	41
3.1.1. Características pessoais e seus indicadores: idade, cor, moradia, com quem mora....	42
3.1.2. Características familiares e econômicas cujos indicadores são: responsável, escolaridade do responsável, responsável pela renda, renda familiar mensal e participação na renda.....	46
3.1.3. Características socioculturais.....	50
3.1.4. Perspectivas de vida e de carreira.....	54
3.2. Das entrevistas.....	60
CAPÍTULO 4 Trajetória e destino.....	63
4.1. Da trajetória de Maria e sua escolha.....	63
4.2. Da trajetória de Romeu e sua escolha.....	67
4.3. Da trajetória de Julieta e sua escolha.....	70
4.4. Da trajetória de Bentinho e sua escolha.....	72
4.5. Da trajetória de João e sua escolha.....	76
4.6. Da trajetória de Capitu e sua escolha.....	81
4.7. Da trajetória de José e sua escolha.....	84
4.8. Da trajetória de Pedro e sua escolha.....	86

4.9. Caminhos diferentes.....	88
4.9.1. Sobre o que os aproxima.....	89
4.9.2. Sobre o que os distancia.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
ANEXOS.....	98
QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL	98
ROTEIRO DE ENTREVISTA	105
CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA A	106
CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA B.....	110

LISTA DE ABREVIATURAS

CEE: Conselho Estadual de Educação

CIEE: Centro de Integração Empresa-Escola

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

EsSA: Escola de Sargentos das Armas

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFPB: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

IDHM: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

PIB: Produto Interno Bruto

PPP: Projeto Político Pedagógico

SAB: Sociedade de Amigos do Bairro

SENAI: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SISU: Sistema de Seleção Unificada

UEPB: Universidade Estadual da Paraíba

UFMG: Universidade Federal de Campina Grande

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sexo

Figura 2: Idade

Figura 3: Cor

Figura 4: Moradia

Figura 5: Com quem mora

Figura 6: Responsável

Figura 7: Escolaridade do responsável

Figura 8: Responsável pela renda

Figura 9: Renda familiar mensal

Figura 10: Participação na renda

Figura 11: Grupo social e lazer

Figura 12: Interação familiar

Figura 13: Leitura

Figura 14: Estilo musical preferido

Figura 15: Esporte preferido

Figura 16: Pensamento no futuro

Figura 17: Planos

Figura 18: Inspiração

Figura 19: Apoio familiar

Figura 20: Apoio escolar

INTRODUÇÃO

Toda minha trajetória, vida social, vida escolar e acadêmica, foi e está voltada para a educação, desde a tenra infância aos dias de hoje, seja como filho de professora, seja como estudante, seja como professor, e, agora, como pesquisador. Por estar, durante toda minha trajetória, inserido numa realidade escolar, tive contato com muitas pessoas de diferentes origens sociais. E, ao ingressar no mestrado e ter contato com autores da sociologia, percebi quão rica era aquela diversidade social para estudo, e que continham um significado para toda aquela diferença: suas origens, trajetórias e escolhas.

Para a pesquisa de mestrado, dentre os diversos possíveis temas que a minha trajetória com a educação básica poderia me oferecer, optei por pesquisar as escolhas dos jovens durante a conclusão do Ensino Médio. O porquê desta minha opção é justificado tomando por base a obra de Bourdieu, particularmente o conceito de Capital Cultural e a relação com a *Escolha do destino*¹ (BOURDIEU, 2007a, PP. 46-52). Após essas leituras passei a fazer associações com as lembranças de minha época de conclusão do Ensino Médio, quando eu vi um divisor de águas nas relações entre meus colegas de turma e eu, e os nossos futuros a partir daquele ano. O que era uma turma, até certo ponto, homogênea, pois nossa convivência e rotina eram basicamente as mesmas como estudantes, passou a ser completamente diferente a partir da conclusão, quando os caminhos se distanciaram e a heterogeneidade passou a ser notável: as escolhas não foram semelhantes. Com base nestas lembranças passei a refletir, ampliando minha visão para além da sala de aula, estendendo-a para a vida que os meus colegas e eu levávamos, dando atenção para a origem social e para as relações que mantínhamos dentro e fora da escola.

As cifras sistemáticas que ainda separam, ao final do *cursus* escolar, os estudantes oriundos dos diferentes meios sociais devem sua forma e sua natureza ao fato de que a seleção que eles sofrem é desigualmente severa e que as vantagens ou desvantagens sociais são convertidas progressivamente em vantagens e desvantagens escolares pelo jogo das orientações precoces, que, diretamente ligadas à origem social,

¹ A *escolha do destino* se refere ao segundo subtítulo do Capítulo 2 A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura, dos Escritos de Educação. In: BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Organizado por NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007a, PP. 39-64.

substituem e redobram a influência desta última. (BOURDIEU, 2007a, p. 52)

Quanto mais avançava nas leituras, mais era impressionante como cada palavra de Bourdieu se encaixava com aquelas lembranças. Quanto mais lia, mais fazia sentido e o porquê das distâncias parecia mais claro para mim. Notava que os destinos escolhidos pelos colegas eram mais próximos um do outro quanto mais parecidas eram suas origens sociais e o seu *capital cultural*. Os colegas que foram comigo para universidade eram aqueles que também compartilhavam das mesmas atividades fora da escola, como literatura, cinema, viagens, esportes, lazer, enfim, as diversas formas de expressão do capital cultural. Já os que passaram a trabalhar no comércio ou no setor de serviços tinham menos volume de capital cultural fora da escola e alguns já tinham algum pequeno trabalho remunerado em meio período, como cuidar de crianças.

Outro resgate de memória no que se refere às escolhas de destino após a conclusão do Ensino Médio, veio por meio de minha experiência como professor de Filosofia neste grau de ensino. Lecionava numa pequena escola particular de bairro de classe média baixa, onde era notável a diferença de origem entre os meus alunos. Mas além da origem social/familiar deles, outro fator que eu observava, vinha do seu capital cultural adquirido e nas suas relações dentro e fora da escola, amizades que procuravam fazer e manter, músicas que costumavam ouvir, o que costumavam ler ou se não liam, os lugares que frequentavam e as demais atividades que realizavam fora do currículo da escola. Consequentemente, ao final do curso, vinham as escolhas, que reproduziam a posição da família no estrato social: sua origem, seu capital cultural e social. Resumidamente, os que mais mantinham atividades sociais e culturais dentro e fora da escola (tinham contato com a cultural nacional e internacional, cinema teatro) pensavam em prolongar seus estudos prestando vestibular. Os que não participavam de atividades além das oferecidas pelo currículo escolar e os que já costumavam fazer alguns trabalhos para ajudar em casa, ingressavam no mercado de trabalho formal ou informalmente.

É notável o quanto as relações sociais mantidas pelos estudantes, dentro ou fora da escola, durante a escolarização até o ensino médio, norteia o caminho que estes jovens irão trilhar depois de vencida esta etapa. Um conceito que consegue explicar melhor essa relação de interesse por determinados grupos sociais ou conhecimentos específicos durante a fase na qual o jovem concluinte do ensino médio se encontra, e

que possivelmente norteia-lhe as escolhas, é o que Berger e Luckman (2008) chamam de *Socialização Secundária*, que, resumidamente

é a aquisição do conhecimento de funções específicas, funções direta ou indiretamente com raízes na divisão do trabalho. [...]

A socialização secundária exige a aquisição de vocabulários específicos de funções, o que significa em primeiro lugar a interiorização de campos semânticos que estruturam interpretações e condutas de rotina em uma área institucional. Ao mesmo tempo, são também adquiridas “compreensões tácitas”, avaliações e colaborações afetivas desses campos semânticos. Os “submundos” interiorizados na socialização secundária são geralmente realidades parciais, em contraste com o “mundo básico” adquirido na socialização primária. Contudo, eles também são realidades mais ou menos coerentes, caracterizadas por componentes normativos e afetivos assim como cognoscitivos. (BERGER e LUCKMAN, 2008, p. 185)

Ou seja, de acordo com este conceito, passo a observar o ensino médio como uma etapa de preparação para o mercado de trabalho, onde os jovens já começam a se inclinar para uma determinada área de seu interesse, direta ou indiretamente, pois alguns não sabem ainda que escolha fazer. No entanto, eles já direcionam seu foco em determinado campo do conhecimento ou do mercado ao qual sua futura escolha estará ligada. A partir de comportamentos, relações, linguagens, o jovem busca por um conhecimento específico ou aperfeiçoamento em áreas de seu interesse.

Assim, em razão das inquietações apresentadas anteriormente e da curiosidade em aprofundar e direcionar meus estudos nesta área, eu iniciei um levantamento de trabalhos publicados recentemente, no banco de teses da CAPES e da SciELO. Eles puderam me oferecer um entendimento maior, com uma abordagem acadêmica e teórica do que acontece na prática em nossas escolas com os alunos concluintes do ensino médio.

Sendo assim, minha intenção de pesquisa é tentar identificar a relação entre o volume de capital cultural e social desses indivíduos com a escolha do seu destino. Ou seja, o que os estudantes ainda no ensino médio esperam de si mesmos, com base no que possuem de materialidade, quais são as suas perspectivas para um futuro mais próximo, e se de alguma forma se preparam para o que está por vir. Utilizarei como base para esta análise os conceitos de Bourdieu de *capital cultural* e *capital social* e os conceitos de *socialização primária* e *socialização secundária* de Berger e Luckmann.

Definindo o problema

Com o término do ensino médio, o jovem sofre inúmeras pressões do meio que o cerca sobre a escolha que irá direcionar seus passos após essa etapa ser vencida. A família, a escola, os amigos, ou seja, o ambiente social onde ele se insere agora cobra uma decisão que traçará o rumo da sua vida. Nessas condições, os motivos que impulsionam o jovem para a escolha do seu futuro após o término do ensino médio vão além de testes de orientação profissional que são oferecidos aos montes, dentro ou fora da escola, como afirma Ferreira (2011). Esta escolha pode ser o mercado de trabalho, o ensino superior, o esporte ou a arte. Está mais relacionada com as relações sociais cultivadas pelo jovem ao longo de sua trajetória, sua vida familiar e os meios sociais frequentados, ou seja, a escolha é “expressão do sistema de valores implícitos ou explícitos que eles devem à sua posição” (BOURDIEU, 2007a, p. 46). O sociólogo complementa este pensamento afirmando que

De maneira geral, as crianças e sua família se orientam sempre em referência às forças que as determinam. Até mesmo quando suas escolhas lhes parece obedecer à inspiração irreduzível do gosto ou da vocação, elas traem a ação transfigurada das condições objetivas. (BOURDIEU, 2007a, p. 49)

No primeiro contato que tive com os textos de Bourdieu, e os seus conceitos de capital cultural e capital social, surgiram questões que me inquietaram: um sujeito já cresce fadado ao (in)sucesso? Não é ele o autor de seu destino? Quais motivos levam um jovem escolher uma determinada carreira? Adolescentes estão prontos para fazer uma escolha que poderá determinar o resto da sua vida? Aqueles que mudaram seu destino como o fizeram? Até que ponto o capital cultural é determinante para as escolhas de um indivíduo? Qual o papel da escola, e das relações sociais constituídas, nessas escolhas?

A partir dessas questões, proponho investigar quais as perspectivas de futuro de jovens do ensino médio de escolas públicas estaduais de Campina Grande, no Estado da Paraíba. Quais os critérios que os levam a pensar sobre as escolhas que farão ao término do curso médio, levando em consideração alguns indícios do seu capital cultural, a materialidade, os seus sonhos, as relações sociais e o efeito da escola. Para dar embasamento ao estudo, lançarei a seguinte questão-problema: Como estão relacionadas a posição social de alunos do ensino médio e as relações sociais mantidas dentro e fora da escola com suas expectativas relacionadas ao seu futuro profissional e educacional?

A escolha de Campina Grande como espaço do campo de pesquisa se deu pelo fato de que, voltando para as origens da minha trajetória, eu estaria em contato com o local onde aconteceu toda minha formação inicial – educação básica e acadêmica. Dessa maneira, busco de perto as respostas para as minhas inquietações de pesquisa, pois é a cidade onde essa história teve início. Sendo assim, a escolha é uma forma de fazer o estudo de maneira mais consistente e fiel possível, livre de pré-conceitos e possíveis interpretações destoantes. Ademais, a pesquisa poderá trazer naturalmente no seu curso o confronto de duas épocas: o que aproxima e distancia a presente realidade do objeto de pesquisa com o resgate de memória do meu tempo de estudante do ensino médio.

Campina Grande é uma cidade do interior da Paraíba, localizada na região do agreste do Estado, fazendo limite entre as regiões do Litoral, Brejo e Cariri. Com uma população estimada pelo IBGE para o ano de 2014 de 402.912 habitantes, a cidade conta com um PIB per capita de 14.070,32 reais, e possui índice de IDHM de 0,720.

Considerada o polo educacional da região, Campina Grande possui uma rede municipal de ensino que oferece vagas desde creches até o 9º ano do ensino fundamental e também integra a rede estadual de ensino, que oferece ensino fundamental e médio. A cidade também é referência no ensino técnico e profissionalizante, sendo seus principais representantes o Senai e a Escola Técnica Redentorista, assim como é sede de um campus do Instituto Federal da Paraíba, que oferece ensino médio-técnico e dois cursos superiores nas áreas de tecnologia e duas licenciaturas na área de ciências exatas.

Seu maior referencial está no ensino superior. Na última década, Campina Grande deu um grande salto na oferta de vagas para este nível de ensino. Além da instalação em 2006 de um Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), citado anteriormente, Campina Grande possui algumas faculdades privadas e é sede dos Campi de duas importantes universidades públicas que ofertam cursos em todas as áreas do conhecimento: a Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, autônoma desde 2004; e a Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, antigo Campus II da UFPB, que recebeu autonomia em 2002 e desde então tem ampliado a oferta de cursos na cidade.

Hipótese

Sendo assim, a hipótese norteadora deste trabalho é: mais do que uma simples escolha, as perspectivas de futuro do jovem baseiam-se, mesmo que não sejam

conscientes, no conjunto das condições materiais desse indivíduo e nas relações sociais que ele mantém dentro e fora da escola. São determinadas pelo conjunto dessas ações e práticas cotidianas: aspectos do capital cultural e social, do poder econômico e da socialização primária e secundária. Ou seja, pela singularidade que cada um se distingue do outro no decorrer de sua trajetória.

Objetivo geral

O objetivo da pesquisa é identificar como os indícios de capital cultural e as relações sociais distinguem as trajetórias dos estudantes e influenciam as expectativas desses jovens concluintes do ensino médio de escolas públicas estaduais de Campina Grande, Paraíba, quanto ao seu destino após a conclusão dessa etapa de ensino. Além disso, buscar estabelecer quais são as principais relações da sua possível escolha de acordo com os aspectos de capital cultural, capital social e capital econômico e o destino pretendido por cada sujeito.

Objetivos específicos

- Identificar as pequenas diferenças entre os estudantes de acordo com os indícios de capital cultural apresentados por cada um deles no questionário;
- Verificar no relato dos estudantes as relações sociais mais importantes para cada um deles;
- Verificar as expectativas de cada estudante entrevistado com relação ao seu futuro;
- Identificar como os indícios de capital cultural se expressam na expectativa do jovem e na possível escolha de uma carreira;
- Identificar as distâncias e as proximidades entre os jovens, observando as perspectivas de futuro deles e os indícios de capital cultural apresentados por cada um.
- Verificar como as relações sociais e os indícios de capital cultural interferem e fazem parte das perspectivas de futuro dos jovens entrevistados;

Para isso, o trabalho se apresenta em quatro capítulos.

No primeiro capítulo será apresentado um conjunto de pesquisas acadêmicas que estudaram diferentes significados do ensino médio e a relação com o mercado de trabalho pela perspectiva do jovem; e também serão apresentados os principais conceitos teóricos que foram fundamentais para a realização desta pesquisa, ou seja, os conceitos de capital cultural, capital social e capital econômico de Pierre Bourdieu e os conceitos de socialização primária e socialização secundária de Berger e Luckmann.

O segundo capítulo discorrerá sobre os procedimentos realizados na pesquisa e apresentará as características das duas escolas, que foram escolhidas levando em conta os seguintes dados: localização e acesso; infraestrutura da escola e do bairro; conservação das instalações e espaço físico.

No terceiro capítulo serão apresentados os resultados do questionário, apontando quem são os sujeitos pesquisados de acordo com quatro blocos: características pessoais; características familiares e econômicas; características socioculturais; e perspectivas de vida e de carreira.

A análise dos dados compreende o terceiro e o quarto capítulo deste trabalho, neste último será apresentado os perfis dos oito alunos selecionados para a etapa de entrevistas de acordo com os seguintes critérios:

- a) Índícios de capital cultural e poder econômico;
- b) Relações sociais duráveis;
- c) Presença ou ausência da escola e da família na vida do jovem;
- d) Presença ou ausência de amigos na sua vida escolar e social;
- e) Planejamento do futuro.

Apresentaremos, então, as pequenas diferenças entre as trajetórias dos sujeitos, sendo elas que orientam suas perspectivas de estudo e trabalho após o término da educação básica, tentando entender as relações que influenciaram cada escolha, conectando com o referencial teórico proposto.

CAPÍTULO 1

PESQUISAS NO BRASIL E APRESENTAÇÃO DOS CONCEITOS

Estudar o ensino médio é um dos maiores desafios quando se pensa sobre a educação institucionalizada. Primeiramente porque este nível de ensino está presente no momento de duas de transições importantes na vida do jovem: a transição de uma etapa escolar, com a conclusão da educação básica e a possibilidade de ingresso no ensino superior ou no mercado de trabalho; e, para os sujeitos que estão em idade escolar nos padrões nacionais sugeridos para o ensino médio de 15 a 17 anos, também é a passagem turbulenta pela puberdade.

Sendo assim, o desafio para o pesquisador está na irregularidade dos sujeitos que fazem parte desta etapa do ensino, que são bombardeados por tempestade de sensações, de obrigações e de cobranças da família, da escola, da sociedade e dos diversos grupos sociais dos quais faz parte. É uma etapa de decisões importantes, e o medo do erro e da desaprovação é uma companhia constante.

Apostar numa ambição como a do nosso trabalho é ter certeza de que os caminhos que buscamos serão trilhados com muito esforço na procura pelas mínimas pistas e na interpretação dos sinais apresentados numa linha tênue entre desejo e possibilidade, certeza e dúvida. Talvez seja por isso que poucos são os pesquisadores que se arriscam buscar respostas concretas e objetivas sobre expectativas de futuro em sujeitos do ensino médio.

A seguir demonstraremos resumidamente alguns resultados interessantes que ampliaram nosso olhar durante a pesquisa, sobretudo alguns achados relevantes dos trabalhos relacionados durante nosso serviço de garimpagem neste terreno infértil que é o olhar do indivíduo para seu próprio futuro a partir do ensino médio.

1.1. Ensino médio, perspectivas e realidade

Grande parte das pesquisas acadêmicas sobre o ensino médio encontradas no levantamento realizado para esse estudo teve a participação de sujeitos que já passaram por este nível de ensino e estavam dentro da universidade ou fora dela, como é o caso dos estudos sobre sucesso e fracasso (ou não sucesso) escolar. Alguns desses trabalhos

me ofereciam dados interessantes sobre os egressos desse ensino e que já estavam na universidade, como a dissertação de Faht (2011), que teve como objetivo analisar os fatores que influenciam a escolha da profissão pelo jovem, sob um olhar da psicologia sobre a orientação profissional.

Nesse estudo a pesquisadora diz que muitas são as influências sobre a decisão do jovem, desde a situação atual do mercado de trabalho, o status do curso, a possível ou provável estabilidade e segurança oferecidas por determinadas carreiras. Também aponta a influência familiar e de outros grupos como amigos e professores (este último como a influência da escola), ou ainda a identificação do jovem com a área escolhida.

Os resultados apresentados por Faht, na pesquisa anteriormente citada, trouxeram algumas contribuições para este trabalho como, por exemplo, o caminho natural escolhido por alguns jovens de acordo com seus perfis. Uma pesquisa que compartilha com o leitor resultados genéricos e intuitivos. Por mais que tenha sido realizada fora do ensino médio, com jovens que já estavam cursando o ensino superior, a dissertação dialoga facilmente com esta pesquisa.

Outros trabalhos, no entanto, fazem análise de estudantes do ensino médio, como um estudo realizado em Minas Gerais por Coutrim e Cunha (2011). Tal estudo conseguiu apontar que os jovens sofrem muita influência dos familiares durante esta fase escolar, mas que, quando estes parentes têm baixa escolaridade e não conseguem acompanhar as mudanças e os avanços do mercado de trabalho, os jovens buscam, na ampliação das redes de socialização subsídios para sua escolha. Mesmo assim, afirmam que é o grupo familiar que permanece como o apoio importante para uma escolha de um futuro profissional que ofereça mais possibilidade de ascensão financeira para o jovem: “A escolarização é vista pelas famílias entrevistadas como principal referência para uma via de mobilidade social ascendente” (COUTRIM e CUNHA, 2011, p. 191).

Como podemos notar pela própria citação, apesar da pesquisa ter sido realizada no ensino médio, ela foi mais abrangente, atingindo além dos muros da escola. Afora os estudantes, a família também foi entrevistada, fazendo também parte da pesquisa que tinha como objetivo analisar as escolhas dos concluintes do ensino médio considerando o peso das gerações familiares e da escola na tomada de decisão do jovem sobre seu futuro.

Em outra pesquisa encontrada, que trata da busca pelo projeto de vida de adolescentes que fazem parte do *Programa Jovem Aprendiz* do governo federal, Mandelli (2011) identifica a busca por uma melhoria de vida por meio da continuidade

nos estudos. Nessa dissertação, os jovens pesquisados demonstraram que a busca pelo conhecimento teria sido inspirada pela trajetória educacional e profissional de seus familiares, e indicaram a importância do trabalho e dos estudos para o desenvolvimento profissional e as exigências do mercado de trabalho. Para esses jovens, o *Programa Jovem Aprendiz* foi uma motivação para o crescimento pessoal por meio dos estudos e do trabalho. A autora afirma que

quanto à escolha profissional, os jovens apontam aspectos relacionados aos significantes “ser bem-sucedido”, “fazer o que gosta”, “ser alguém superior”, retratando o quanto o trabalho é um aspecto central para a construção da identidade deles, além de possibilitar a efetivação de seus projetos de vida e alcançar a satisfação pessoal. (MANDELLI, 2011, p. 9)

Apesar de seguir o viés da orientação profissional, pois se trata de um estudo da psicologia, essa pesquisa nos mostrou um caminho muito pertinente quando se estuda as expectativas de jovens, que é procurar saber se existem programas de incentivo ao estudo e ao trabalho na realidade do nosso objeto de pesquisa. Nesse caso, o objetivo da pesquisadora foi investigar os projetos de vida de jovens com idade entre 14 e 21 anos participantes do *Programa Jovem Aprendiz*².

Um dos mais importantes fatores a serem considerados quando se estuda educação é a escola em todos os possíveis aspectos. Vamos considerar que o mais importante na relação escola-aluno é como o aluno vê a escola, e como ele se vê inserido na realidade escolar. A respeito disso, o significado atribuído à escola pelos jovens que estão concluindo o ensino médio foi o problema de pesquisa de Barbosa (2011). Realizada com jovens do 3º ano de uma escola pública da zona sul da cidade de São Paulo, a pesquisa concluiu que estes indivíduos não consideram a escola como um lugar de preparação para o mercado de trabalho. Apontam a escola mais como um espaço de aprendizagem e convivência e que essa noção de preparação para o mercado eles encontram em outros espaços como escolas profissionalizantes: “Esses alunos, ao reconhecerem a precariedade do ensino recebido na escola, buscam outros espaços de

² Dentro desses programas destinados à inserção dos jovens no mercado de trabalho, promovidos pelo Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE), há o Programa Jovem Aprendiz (PJA), assegurado pela Lei 10.097, de 19 de dezembro de 2000, regulamentada pelo Decreto 5.598, de 1º de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005). O PJA atende jovens de 14 a 24 anos integrantes de famílias com renda mensal *per capita* de até meio salário mínimo, com o objetivo de “aprenderem um ofício ou profissão com contrato de trabalho determinado”. (apud MANDELLI, 2011, p. 23)

formação, como cursos profissionalizantes e o próprio trabalho” (BARBOSA, 2011, p. 4).

Nessa pesquisa a escola é vista pela maioria dos estudantes mais como um espaço de interação social, de autoconhecimento e de autoafirmação do que um espaço de formação para o mercado de trabalho, pois o conhecimento necessário para ele pode ser buscado em lugares que oferecem conhecimentos específicos como um curso técnico ou profissionalizante. O trabalho não tratou sobre as perspectivas futuras, apenas o que a escola representa para os estudantes.

No entanto, como a escola proporciona ao aluno uma grande interação social, e ainda segundo os resultados apontados pelo estudo de Barbosa (2011), a busca de uma rede de relações entre os jovens, ela não deixa de fazer parte das futuras escolhas educacionais e profissionais, posto que as pesquisas que mostraram interesse sobre a escolha do destino, o fizeram apontando essa decisão como parte de um conjunto de fatores que estão ligados às relações sociais que os jovens mantêm. Além do mais, essas relações sociais são importantes, antes de tudo, no sentido de que ajudam na formação da identidade do jovem.

E se tratando de identidade, não podemos deixar de falar em personalidade, a qual se constitui na relação com o outro, sendo a família geralmente esse outro, posto que seja o primeiro grupo social com o qual nos relacionamos. Sendo assim, a família é a base e a referência mais próxima do jovem.

A respeito dessa incorporação do outro na sua personalidade, ou a incorporação do ambiente no qual vive, da instituição a qual pertence, descrita por Bourdieu como *habitus*³, na dissertação de Faria (2011) foram investigadas duas escolas de ensino médio numa mesma cidade, sendo uma na zona rural e outra na zona urbana, com o intuito de demonstrar a relação entre o *habitus* com o caminho percorrido por jovens que levavam vidas diferentes, na cidade e no campo. O objetivo era comparar quais eram as expectativas referentes à formação e trabalho nos diferentes perfis, considerando o conceito de *habitus* do sociólogo francês. Os resultados obtidos pela pesquisadora foram, dentre outros, que as expectativas desses jovens se relacionavam

³ O *habitus* é, com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, *sistema de classificação (principium divisionis)* de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o *mondo social representado*, ou seja, o *espaço dos estilos de vida*. (BOURDIEU, 2007b, p. 162)

com o modo de vida de cada um e com as situações objetivas com as quais cada estudante se deparava. Assim:

De modo geral, os alunos da zona urbana apresentavam expectativas mais altas com relação aos estudos que os alunos da zona rural. Consideramos que estes últimos, em função de práticas e disposições interiorizadas, predominantemente caracterizadas pela primazia do trabalho sobre o estudo, ainda que apresentassem expectativas relativas ao prolongamento da escolarização, tenderiam a permanecer tão somente em atividades de trabalho. Seus modos de vida e de socialização, muitos deles com ingresso no trabalho ainda quando crianças, assim como o capital cultural, elemento dificultador da continuidade nos estudos, seriam indicativos desta tendência. Já os alunos da escola urbana, cujas condições objetivas de vida, expressas em capital cultural e social ligeiramente mais substantivos que os primeiros e por práticas e estratégias de estudo e de trabalho, de certo modo, diferenciados, apresentavam maior interesse de ingresso no ensino superior, ainda que condicionados à conciliação com o trabalho em alguns casos. (...) Não obstante a força de reprodução do *habitus* e modos de vida e socialização sejam condizentes à causalidade do provável, é necessário reconhecer que as disposições interiorizadas e as condições objetivas, além de envolver contradições, são passíveis de mudanças, sendo o capital cultural e o social fatores fundamentais para tal. (FARIA, R. M.⁴, 2011, p. 7)

Claramente podemos observar no trabalho acima que a instituição família, incorporada no jovem pelo *habitus*, é a maior responsável pela sua decisão a respeito do destino que tomará ao término do ensino médio. Aliada a uma força de reprodução com os costumes familiares e com poder material ou condições objetivas, o destino do jovem é facilmente conduzido para o provável. No entanto esta é situação que pode ser mudada por intervenção de outros fatores, como o *capital cultural*, conceito que veremos no tópico a seguir.

1.2. Capital cultural, social e econômico: Bourdieu e trajetórias

A obra de Pierre Bourdieu é fundamental para o estudo de trajetória. Suas contribuições são inúmeras neste caminho trilhado pelas ciências sociais em pesquisas sobre um percurso individual ou de um grupo de indivíduos. Tratando-se de pesquisa em educação, como é nosso caso e, particularmente sobre trajetórias, destacamos uma

⁴ Optou-se pela utilização das iniciais para identificar a autora entre as duas de sobrenome Faria com trabalhos publicados em 2011, incluídas na bibliografia.

afirmação do autor para nortear nosso estudo. Dentre as primeiras palavras em *A escolha do destino*, Bourdieu afirma que

As atitudes dos membros das diferentes classes sociais, pais ou crianças e, muito particularmente, as atitudes a respeito da escola, da cultura escolar e do futuro oferecido pelos estudos são, em grande parte, a expressão do sistema de valores implícitos ou explícitos que eles devem à sua posição social. (BOURDIEU, 2007a, p. 46)

Ou seja, o que as pessoas esperam da escola é o que sua cultura acredita a respeito dela. Embora a escola constitua apenas uma parte na trajetória de um indivíduo, essa participação pode ser decisiva para orientar um destino. O tamanho da contribuição que a escola trará para a vida deste é o que importa para quem faz pesquisa na área de educação. Essa contribuição pode ser um passo para uma grande alteração no destino de uma criança, por exemplo, oferecendo-lhe caminhos alternativos, que a família não poderia oferecer. Nesse sentido, a aposta na escola como uma possível ascensão, mudança de posição, está também presente em famílias com baixa escolaridade ou pouco volume de capital cultural e, principalmente, baixo poder econômico. Neste caso a escola tem um grande poder transformador, ou pelo menos é acreditada assim, diferentemente do que acredita uma família abastada economicamente e culturalmente, por exemplo, por ver na escola um caminho natural, uma parte do processo, um complemento do que a família e seus grupos sociais já as oferecem na convivência diária, na forma de aprendizado intuitivo, a escola não traz tantos desafios ou fatos novos.

Isto é, a trajetória, como um quebra-cabeça, se constrói ao longo do tempo com o conjunto de ações, experiências e condições materiais que vão se somando na vida de um indivíduo, e tudo isso aliado ao ambiente onde ele vive e interage com outros indivíduos, seja do seu grupo social ou não. E é por isso que a utilização dos conceitos de capital cultural, social e econômico, assim como a compreensão do *habitus* de Bourdieu é o alicerce desta pesquisa. Dessa forma, nossa ambição é analisar o quanto a soma desses volumes de capitais tem influência sobre as escolhas de destino de jovens concluintes da educação básica em escolas públicas.

Antes de adentrarmos no terreno das trajetórias, atentemos para o que diz Bourdieu sobre esses conceitos citados anteriormente. Primeiramente devemos compreender capital cultural e capital social como conceitos interligados, que juntos trazem uma compreensão detalhada sobre o status de um indivíduo no estrato social. Ou

seja, como podemos hierarquizar ou localizar os sujeitos de acordo com o volume de capital que possuem, a exemplo de escolaridade, bens materiais, inserção em grupos sociais.

Falar em capital cultural é lidar com um sistema de valores que são passados de geração em geração, e pode ser considerado cruel, de certa forma, posto que o indivíduo não pode escolher sua sorte ao nascer, já que sua localização no estrato social está definida pela posição que sua família ocupa nesse estrato, e isso refletirá em todas as suas relações posteriores, dentre elas a escola. Como diz Bourdieu a respeito dessa transmissão hereditária:

A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito. A influência do capital cultural se deixa apreender sob a forma da relação, muitas vezes constatada, entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança. (BOURDIEU, 2007a, p. 42)

Embora sem consciência da herança dos valores carregados pela família, a criança, o jovem, acaba reproduzindo de forma tácita as ações, os pensamentos, as escolhas que são características das gerações anteriores, como se seu lugar na sociedade fosse aquele, sem necessidade, ou possibilidade, de alteração. E esse pensamento não é apenas o olhar do indivíduo para si mesmo, ele está em toda a sociedade, como se todos soubessem onde é o devido lugar de cada um. Desta forma, um determinado indivíduo, pertencente a uma determinada classe possui uma determinada posição social, de acordo com a posição que ele e sua família ocupam. Essa lógica de pertencimento social é explicada por Bourdieu em *A escolha do destino*:

Esse destino é continuamente lembrado pela experiência direta ou mediata e pela estatística intuitiva das derrotas ou dos êxitos parciais das crianças do seu meio e também, mais indiretamente, pelas apreciações do professor, que, ao desempenhar o papel de conselheiro, leva em conta, consciente ou inconscientemente, a origem social de seus alunos e corrige, assim, sem sabê-lo e sem desejá-lo, o que poderia ter de abstrato um prognóstico fundado unicamente na apreciação dos resultados escolares. (BOURDIEU, 2007a, p. 47)

Por esta razão nós temos como norte da nossa pesquisa os sonhos e a realidade dos jovens e, assim, nossa maior reflexão gira em torno das questões: será que o jovem, policiado por sua realidade material, objetiva, alimenta os seus sonhos, mesmo que esse esteja longe do seu estrato social? O que leva um jovem acreditar ou desacreditar de um sonho de vida? Sabemos que a escola, os professores, e a família, têm o poder de

encaminhar o jovem para tal caminho por ser melhor – ou possível – para ele diante das condições objetivas. Então, no sentido de responder a estas questões e, mais precisamente, corrigi-las, equiparando o desejo à realidade da qual o indivíduo é pertencente, Bourdieu orienta com o seguinte pensamento:

Se os membros das classes populares e médias tomam a realidade por seus desejos, é que, nesse terreno como em outros, as aspirações e as exigências são definidas, em sua forma e conteúdo, pelas condições objetivas, que excluem a possibilidade de desejar o impossível. Dizer, a propósito dos estudos clássicos em um liceu, por exemplo, “isso não é para nós”, é dizer mais do que “não temos meios para isso”. Expressão da necessidade interiorizada, essa fórmula está, por assim dizer, no imperativo-indicativo, pois exprime, ao mesmo tempo, uma impossibilidade e uma interdição. (BOURDIEU, 2007a, p. 47)

A sensação de pertencimento ou não de um determinado grupo em relação a uma posição é o que orienta, consciente ou inconscientemente, as decisões e escolhas de destino desses jovens. E, ainda mais, o que reforça esta sensação de ser ou não ser, ter ou não ter poder, são as condições objetivas, isto é, a materialidade e o poder de execução que esse grupo ou indivíduo tem para conseguir a realização de um desejo, de um sonho.

A interiorização dessa lógica social pode ser claramente observada na sociedade por meio da reprodução do estrato social em diversos meios de convivência, principalmente na escola, onde os jovens repetem naturalmente as divisões, exclusões, privilégios e injustiças que existem no mundo dos adultos. Desde esta etapa da socialização, que é a educação, o indivíduo começa a desempenhar seu papel e a reconhecer o seu lugar dentro da sociedade de classes, reproduzindo nas relações sociais que mantém dentro e fora da escola os valores que herdou de seu grupo.

A reprodução desse capital é também refletida na escolha que o jovem fará para si depois que passar a etapa escolar. Nos anos finais da educação básica, quando se aproxima da conclusão do ensino médio, o estudante encontra o desafio diante de si, que é olhar adiante, ter a perspectiva da sua vida depois que vencer a escola. Nesta fase de olhar para o futuro e decidir qual rumo tomar, pode parecer uma coisa nova conscientemente, mas que já vem sendo planejada e estruturada pelo inconsciente por meio da interiorização de sua configuração social. O confronto entre sonho e realidade, entre o desejo e as condições objetivas para alcançá-lo se tornam mais evidentes. Assim, segundo Bourdieu, a aspiração aproxima o desejo para mais perto de sua realidade:

Os psicólogos observam que o nível de aspiração dos indivíduos se determina, em grande parte, em referência às probabilidades (intuitivamente estimadas através dos sucessos ou das derrotas anteriores) de atingir o alvo visado. (BOURDIEU, 2007a, p. 49)

Porém, as aspirações também dependem da postura do estudante e, sobretudo, da sua família, em relação à escola. Neste sentido, a escola pode ser vista como um meio de conseguir uma ascensão maior do que a perspectiva oferecida pelo grupo. Neste caso, a família vê a escola como um local transformador, que possibilita a mudança. E essa valorização da escola, da educação, pode ser vista como uma diferenciação no indivíduo em relação à sua sensação de pertencimento a diferentes grupos sociais. Isto é, por mais que o indivíduo e a família não tenham condições objetivas de alcançar outro nível na escala social, a escola pode ser o meio que possibilitará este movimento.

No entanto, esses estudantes que anseiam por uma reviravolta, devem mostrar desempenho excepcional na escola para que sejam acreditados pela família e pela escola, para que então estes possam dar o impulso necessário para a escalada.

De fato, isso significa que os obstáculos são cumulativos, pois as crianças das classes populares e médias que obtêm globalmente uma taxa de êxito mais fraca, precisam ter um êxito mais forte para que sua família e seus professores pensem em fazê-las prosseguir seus estudos. (BOURDIEU, 2007a, p. 50)

De acordo com Bourdieu, os esforços que os estudantes precisam desempenhar para terem mais chance de sucesso escolar são inversamente proporcionais as suas condições, isto é, os estudantes das camadas menos favorecidas precisam empregar muito mais esforço do que os estudantes das classes superiores empregam na escola para atingirem o sucesso. Assim, por mais que a escola seja um meio de transformação, ela também simboliza um meio de perpetuação ou conservação do estrato social. Mas vale salientar nesta lógica perversa que, se já é difícil a inserção em um nível social superior dos jovens de camadas populares com acesso à educação e que obtiveram sucesso, é ainda mais difícil para aqueles que não conseguem êxito escolar.

Estas considerações a respeito do estrato social, seu funcionamento e manutenção, ilustram e são bases para a compreensão dos conceitos de capital social, que em poucas palavras, Bourdieu resume como

O conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente

são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por *ligações* permanentes e úteis. (BOURDIEU, 1998, p. 67)

Grosso modo, este conceito trata do que nós vimos falando anteriormente, da sensação de pertencimento a um grupo por meio de características e interesses comuns entre os indivíduos, os quais reconhecem uns aos outros como parte de um todo, espacialmente determinado no estrato social.

O capital social pode ser ilustrado na escola por meio da observação dos grupos aos quais os estudantes pertencem e se sentem parte dele, onde mantém relação de vínculo e de troca com outros estudantes de perfis semelhantes. Estes partilham de experiências e posses materiais comuns dentro e fora da escola, as famílias têm certa proximidade no que diz respeito ao posicionamento na sociedade como, por exemplo, a pertença a mesma classe social.

Para Bourdieu, é justamente esse pertencimento do indivíduo a uma determinada classe, a um conjunto de disposições interiorizadas que é o responsável pelo sucesso escolar. Diferentemente do que podemos impropriamente chamar de aptidão, dom ou qualquer razão natural, o sociólogo diz ser a distribuição do capital cultural o motivo dos eventos positivos colhidos pelos estudantes na escola.

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e as funções de classe. (BOURDIEU, 1998, p. 73)

Este é o sentido dado por Bourdieu para justificar a causalidade dos resultados obtidos pelos estudantes. Assim, ele nos apresenta o capital cultural sobre três estados.

O primeiro é o estado incorporado do capital cultural. Este estado é o fundamental e está ligado ao nosso corpo, como o nome nos sugere, isto é, ao longo do nosso processo de socialização, incorporamos inúmeros hábitos por meio de nosso esforço com assimilação e inculcação de determinadas propriedades imateriais. Resumidamente, este capital é individual e único, pertencendo ao indivíduo que, por esforço próprio, o constituiu.

O capital cultural é o ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um habitus. Aquele que o possui “pagou com sua própria pessoa” e com aquilo que tem de

mais pessoal, seu tempo. Esse capital “pessoal” não pode ser transmitido *instantaneamente* (diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou mesmo do título de nobreza) por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Pode ser adquirido, no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição. (BOURDIEU, 1998, p. 74-75)

O exemplo mais claro desse estado é o conhecimento. Já que esta se trata de uma pesquisa realizada na educação básica, nada mais conveniente do que exemplificarmos com os conhecimentos das matérias escolares, como o manuseio de tecnologias dos laboratórios de ciências, de robótica, ou consciência corporal na prática de educação física ou de esportes. Embora seja um estado do capital que se define por condições e propriedades imateriais, é preciso que existam condições objetivas para que este lhe dê sentido. É o que trata o conceito de capital cultural no seu estado objetivado.

Para darmos sentido à posse deste segundo estado do capital cultural na prática, devemos estabelecer uma ligação com o estado incorporado e é necessário que o façamos também ao poder econômico. No sentido de que nada adianta eu ter posse sobre objetos de um determinado valor, se eu não os entendo, não faço uso deles. Bourdieu nos fala que nos basta ter capital econômico para que possuamos uma obra de arte, mas de nada valerá possuí-la se eu não souber contemplá-la, não der o devido valor nem sentido ao que ela representa, e isto só é possível com a inculcação de propriedades direcionadas neste sentido, isto é, de capital cultural no seu estado incorporado. Podemos voltar aos bens educacionais materiais, como por exemplo, não adianta possuir um laboratório de química em minha escola e não ter o conhecimento suficiente para utilizá-lo. A respeito disso, Bourdieu nos adverte:

É preciso não esquecer, todavia, que ele só existe e subsiste como capital ativo e atuante, de forma material e simbólica, na condição de ser apropriado pelos agentes e utilizado como arma e objeto das lutas que se travam nos campos da produção cultural (campo artístico, científico, etc.) e, para além desses, no campo das classes sociais, onde os agentes obtêm benefícios proporcionais ao domínio que possuem desse capital objetivado, portanto, na medida de seu capital incorporado. (BOURDIEU, 1998, p. 78)

Diferentemente do capital cultural no estado incorporado, o capital objetivado pode ser transmitido em sua materialidade de geração em geração, como coleções de obras artísticas.

O terceiro estado do capital cultural é a institucionalização deste capital que o indivíduo possui por meio da certidão. É o ato de reconhecer oficialmente e

juridicamente que o indivíduo é portador de um conhecimento específico. Podemos estabelecer nesta relação entre os estados de capital cultural uma lógica de sequência de trocas de capitais, onde o capital econômico foi convertido em boa educação, isto é, em capital cultural institucionalizado, e por meio do meu capital cultural institucionalizado eu troco no mercado de trabalho por capital econômico. Esta lógica é mais bem esclarecida nas próprias palavras de Bourdieu:

Ao conferir ao capital cultural possuído por determinado agente um reconhecimento institucional, o certificado escolar permite, além disso, a comparação entre os diplomados e, até mesmo, sua “permuta” (substituindo-os uns pelos outros na sucessão); permite também estabelecer taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o capital econômico, garantido o valor em dinheiro de determinado capital escolar. Produto da conversão de capital econômico em capital cultural, ele estabelece o valor, no plano do capital cultural, do detentor de determinado diploma em relação aos outros detentores de diplomas e, inseparavelmente, o valor em dinheiro pelo qual pode ser trocado no mercado de trabalho.

Resumidamente podemos afirmar que esta certidão ou diploma é mais um instrumento na divisão do trabalho, pois este capital cultural no seu estado institucionalizado é nada mais que um instrumento de distinção entre os indivíduos no estrato social, que separa os melhores e mais competentes institucionalmente para ocuparem os mais elevados cargos, portanto convertendo seu conhecimento em capital econômico.

O volume dos capitais adquiridos pelo indivíduo por meio dos seus esforços e com colaboração da herança de seu grupo familiar e das relações sociais mantidas dentro e fora da família poderá ser mais bem compreendido quando adentrarmos na reflexão do conceito de socialização primária e socialização secundária, no tópico seguinte.

1.3. A constituição do ser: socialização primária e socialização secundária

Os conceitos de Bourdieu vistos anteriormente, nos permitem observar o estrato social e enxergar as características dos diversos grupos pertencentes a diferentes camadas da sociedade. Mas quais as razões que determinam as características de um indivíduo, seus gostos, suas aspirações, e o levam a fazer parte de um determinado grupo e, principalmente, manter-se nele, conservando um sistema social de certa forma

cruel? Por meio dos conceitos de socialização primária e socialização secundária poderemos tentar compreender a forma com a qual a realidade social é construída.

Inevitavelmente o nosso primeiro contato com o mundo social, instituições, regras e parâmetros é a família. Por meio dela começamos a perceber o funcionamento de uma ordem que nos rege dentro de uma sociedade, e também nos insere em uma determinada classe, a qual nosso grupo inicial pertence. Nossa primeira relação de vida em grupo nos constrói socialmente, nos categorizando e nos inserindo no sistema de estrato social. Neste grupo aprendemos a viver segundo suas regras e seus valores, reconhecemos uns aos outros como semelhantes e criamos naturalmente uma relação de reconhecimento e de dependência. Portanto, nossa identidade para o mundo é construída dentro da família, com a interiorização do mundo por meio do universo familiar, é o que Berger e Luckmann chamam de *socialização primária*.

A interiorização neste sentido geral constitui a base primeiramente da compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido. Esta apreensão não resulta de criações autônomas de significados por indivíduos isolados, mas começa com o fato do indivíduo “assumir” o mundo no qual os outros já vivem. (BERGER e LUCKMANN, 2008, p. 174)

A família nos insere numa determinada posição na sociedade nos dando a sua configuração, portanto, não escolhemos nossa primeira socialização, tudo o que somos inicialmente é o que nossa família é, mas que não necessariamente é uma configuração definitiva. Incorporamos seu mundo, interiorizamos em nós todo o sistema de valores e compartilhamos um sentimento de reciprocidade onde eu reconheço o outro em mim, me reconheço neste outro, como ele também me reconhece em si:

Na forma complexa da interiorização, não somente “compreendo” os processos subjetivos momentâneos do outro mas “compreendo” o mundo em que vive e esse mundo torna-se o meu próprio. [...] Estabelece-se entre nós um nexos de motivações que se estende para o futuro. Mais importante ainda é o fato de haver agora uma contínua identificação mútua entre nós. Não somente vivemos no mesmo mundo mas participamos cada qual do ser do outro. (BERGER e LUCKMANN, 2008, pp. 174-175)

O conceito nos deixa claro que a configuração social que recebemos da nossa família e a interiorizamos é o parâmetro que usamos para enxergar o mundo, a nós mesmos e por meio do qual olhamos para o futuro.

É importante fazermos neste ponto um paralelo com o capital cultural de Bourdieu. A forma que vemos o mundo pode ser diferente de acordo com os parâmetros que nos guiam. Ou seja, uma criança que nasce numa família abastada tem a socialização primária totalmente diferente de uma criança que nasce numa família das classes populares, como também é diferente o capital cultural que este incorporará do seu grupo. Este adendo é necessário para que possamos mais claramente explicar a relação que estabelecemos entre esses dois conceitos. Pois bem, ao mesmo tempo em que o mundo é o mesmo para todos, ele também não o é. Inicialmente pode parecer um pensamento confuso, mas o mundo é aquilo que você consegue ver a partir do que você aprendeu ver. O capital cultural, assim como a socialização primária, nos insere numa determinada realidade, e é por meio dela que enxergamos o mundo a nossa volta. Para Berger e Luckmann, “o caráter da socialização primária é também afetado pelas exigências do acervo de conhecimentos a ser transmitido” (BERGUER e LUCKMANN, 2008, p. 183). Isto é, para cada indivíduo, pertencente a um determinado grupo social, os conhecimentos específicos que deverão aprender na socialização primária vão depender das necessidades e dos costumes daquele grupo, como também de suas condições objetivas:

Numa sociedade serão diferentes as habilidades exigidas em diversas idades, comparada com outra sociedade, ou mesmo em setores diversos da mesma sociedade. A idade em que numa sociedade será julgado conveniente para uma criança aprender a dirigir um automóvel pode ser a idade em que, noutra sociedade, é de esperar que tenha matado seu primeiro inimigo. [...] Ou uma criança de classe superior pode sentir suas primeiras vibrações de emoção patriótica aproximadamente na época em que sua contemporânea de classe inferior sente ódio da polícia e de tudo quanto esta representa. (BERGER e LUCKMANN, 2008, pp. 183-184)

No momento em que o indivíduo tiver a personalidade formada, quando interiorizar o outro e todo seu universo, sua socialização primária está terminada, tornando-se assim um membro efetivo da sociedade. Como já dissemos, portanto, a socialização primária nunca é definitiva, assim como o ser humano está sempre em constante mudança, ela não está acabada quando ele se sente pertencente ao seu grupo.

Esta não conclusão, ou mudança, é o que os autores chamam de socialização secundária, grosso modo o que nos possibilita novas interiorizações, mas agora com estruturas mais complexas, diferentemente do mundo básico da socialização primária.

Esta nova estrutura está basicamente relacionada com a divisão do trabalho e a distribuição do conhecimento em suas diversas áreas.

Os processos formais da socialização secundária são determinados por seu problema fundamental, a suposição de um processo precedente de socialização primária, isto é, deve tratar com uma personalidade já formada e um mundo já interiorizado. Não pode construir a realidade subjetiva *ex nihilo*. Isto representa um problema, porque a realidade já interiorizada tem a tendência a persistir. Sejam quais forem os novos conteúdos que devam ser agora interiorizados, precisam de certo modo sobrepor-se a esta realidade já presente. (BERGER e LUCKMANN, 2008, p. 187)

O problema desta segunda socialização é justamente a primeira, posto que já tenha estruturado anteriormente o indivíduo de acordo com parâmetros específicos. É necessário lidar com o já estabelecido, e este é outro ponto que nossa pesquisa tenta analisar: os desejos dos estudantes na escolha do seu destino, observando as relações sociais que as encorajam ou desencorajam, o alinhamento ou o distanciamento de sua socialização primária de acordo com o seu volume de capital.

Esta é a chave da nossa hipótese. O estabelecimento de novas relações, diferentes das relações de berço, que podem transformar o indivíduo, ou seja, modificar suas orientações e suas referências de mundo por meio da socialização secundária, fazendo o indivíduo se reconhecer em outro grupo que não aquele grupo familiar da socialização primária, interiorizando novos conhecimentos, novas práticas. Fazendo link deste pensamento com a quebra do seu capital cultural familiar, por ter adquirido novos hábitos em outros grupos sociais fora da família.

Entretanto este acaba sendo o problema maior desse estudo, o de analisar uma possível luta de sobreposição de uma sobre a outra, da socialização secundária sobre a primária, pois sendo esta a primeira que introduziu o indivíduo na sociedade, é difícil sua superação.

Desta forma, a nossa pesquisa tenta identificar as relações sociais que estabelecem o desejo do estudante na escolha do seu destino: o que tem mais força na hora dessa decisão, por meio da observação do seu capital cultural e da socialização.

CAPÍTULO 2

DETALHAMENTO DA PESQUISA

A opção por uma pesquisa de campo se deu pelo fato de que no contato com a realidade dos sujeitos o pesquisador pode oferecer uma perspectiva mais apurada e transcrever, por meio de seu olhar imerso no outro, a teoria escolhida para embasar seus estudos em movimento, isto é, interpretada ou aplicada no objeto de sua pesquisa, por meio dos relatos e da sua observação.

Sendo uma pesquisa empírica, o primeiro passo foi a escolha das escolas públicas⁵. Elas deveriam estar localizadas em regiões diferentes da cidade e distantes uma da outra, isso para tentarmos identificar melhor as pequenas diferenças nos sujeitos que constituem cada uma delas, e poder traçar melhor os perfis. Neste caso, escolhemos uma escola na zona norte e outra escola na zona sul da cidade.

Segundo, optamos por observar as condições das escolas, olhando desde a estrutura física de cada uma delas, como reforma do prédio, pavimentação dentro e fora das dependências e um pouco da situação do bairro onde cada uma é instalada. Só então, depois da escolha das escolas, partimos para a aplicação dos procedimentos científicos em cada uma.

A pesquisa foi empreendida por meio da análise de duas turmas de terceiro ano, uma em cada escola. Este estudo foi realizado da seguinte forma:

- Emprego de um questionário;
- Caracterização dos perfis, a partir das respostas do questionário, de acordo com os indícios de capital cultural, social e poder econômico de cada um dos estudantes participantes;
- Seleção de oito jovens, sendo quatro de cada escola, de acordo com a apresentação que cada um fez dos aspectos do seu capital cultural e social, e com o nível de planejamento de futuro de cada um, para realização de uma entrevista com estes sujeitos;

⁵ O objetivo de escolher duas escolas estaduais da cidade (em regiões diferentes) era de tentar encontrar distinção uma da outra por meio dos perfis dos estudantes, no entanto eles apresentaram muita proximidade de capital econômico e cultural, restando ao estudo encontrar as pequenas diferenças e semelhanças, especialmente nas redes de relações sociais duráveis de cada indivíduo.

- Entrevistas com os oito jovens selecionados, que teve como objetivo verificar mais profundamente por meio do relato individual, a trajetória pessoal e educacional do aluno e a quais relações sociais deviam sua escolha de futuro;
- Dar significado aos dados coletados a partir do referencial teórico.

2.1. As escolas: características gerais e específicas do objeto de pesquisa

As duas escolas públicas estão localizadas na Cidade de Campina Grande, na Paraíba, sendo gerenciadas pela Terceira Região de Ensino da Secretaria de Educação do Estado. Situadas em regiões opostas da cidade, em bairros com algumas diferenças aparentes, como o poder econômico de sua população, os serviços presentes no bairro e a sua estrutura.

As diretrizes da Secretaria de Educação para o ano de 2014 apresentavam no seu texto, de acordo com a Resolução da CEE N° 340/2001, que as escolas da rede estadual poderiam organizar as turmas com o número mínimo de 20 e o máximo de 50 alunos por turma. No entanto, no corrente texto é orientado que esse número não ultrapasse 30, isso porque, segundo o Artigo 19⁶ da Resolução acima citada, a estrutura física das escolas no Estado apresenta um espaço que acomoda bem até o limite 30 alunos por sala de aula. Sendo assim, a direção de cada escola é orientada para que nenhuma turma ultrapasse essa quantidade. Nas diretrizes para 2015 esses números mudaram para um mínimo de 25 alunos e um máximo de 35 alunos por turma.

2.1.1. Da escola A e seus sujeitos

Esta escola está localizada na Zona Sul da cidade, no bairro do Cruzeiro. A região é provida de todos os serviços públicos, saneamento e infraestrutura, apesar de algumas ruas carecerem de pavimentação. No bairro também há posto de saúde, academia pública e pista para caminhada ao longo da avenida principal, local que é muito frequentado nos fins de tarde por pessoas de todas as idades que fazem atividades físicas. Na região também são encontrados vários pequenos pontos comerciais, e de serviços como correspondentes bancários, agência dos correios, padarias, restaurantes,

⁶ Art. 19. Os estabelecimentos que solicitarem autorização para funcionamento ou reconhecimento de cursos deverão observar os seguintes parâmetros em relação ao espaço físico: Área útil, por aluno, em cada sala de aula, de 1,20m².

academias de ginástica. O bairro é alimentado por várias linhas de ônibus do sistema integrado de transporte público, e tem grande população de jovens, que somam 34,2%, segundo dados do último censo.

Apesar de ser uma das maiores escolas da cidade em termos de espaço físico tanto área interna quando externa, a maior parte da estrutura da escola é antiga e algumas dependências carecem de reparos. Desde o início do ano de 2014 a escola passa por uma grande reforma estrutural. Mas por conta da lentidão nas obras, que acabou se estendendo do período de férias para o período letivo, a comunidade escolar precisa conviver com muito barulho e sujeira no prédio, sendo a poeira a principal reclamação dos alunos e professores.

Sobre a parte externa os alunos se queixam da demora na reforma que já está perto de completar um ano e até hoje não apresentou melhorias para eles. Não se encontra um local decente para os momentos de acolhida e intervalo, pois os espaços externos estão inacabados, sendo boa parte ocupada como estacionamento e com material de construção utilizado na reforma, o que causa muita poeira com o vento. Uma pequena parte, sem nenhuma vegetação ou proteção contra sol e chuva é usada como espaço para a prática de educação física, mas não apresenta boas condições para os alunos. Não há bancos, nem mesas ou mesmo um pátio coberto.

A parte interna é composta de vários blocos, todos ligados por corredores e muitas grades e portões trancados a cadeado. A impressão é que você está num sistema carcerário, pois se você precisa ir de um lugar para outro é preciso chamar o Seu J, que carrega as chaves consigo e controla o fluxo de alunos na entrada, saída e entre as aulas e intervalo.

Na entrada temos o primeiro bloco com a secretaria e a sala da direção, ligada por um pequeno corredor com a sala dos professores, onde tem uma grande mesa com cadeiras em volta e um grande armário com portas individuais para todos os professores, com seu nome e seu cadeado. Também tem um banheiro, que estava quebrado e os professores se queixavam disso, pois tinham que ir ao outro corredor para usar o sanitário. A estrutura é antiga e no teto e nas janelas havia muita poeira e teias de aranha, apesar da agente de limpeza estar sempre à disposição.

As salas de aula ficam a partir do segundo bloco. Elas têm janelas nas laterais, que as tornam bem arejadas e iluminadas, mas por conta disso entra muito barulho de fora, inclusive das salas ao lado e dos outros blocos. A estrutura e as carteiras são novas, diferente do que vimos no bloco administrativo.

A biblioteca é no terceiro bloco, organizada e limpa, apesar de pequena. Por falta de mais espaço, muitos livros estavam empilhados formando uma espécie de parede que dividia uma pequena área na parte de trás do ambiente. Lá era uma das poucas áreas silenciosas do prédio, mas entrava algum barulho da reforma pelas janelas laterais. Os alunos gostavam de estar lá, era um local de concentração. Segundo um grupo deles, sempre que possível, iam lá para ler um livro, a funcionária que tomava conta sempre os atendia bem.

Era unanimidade entre os alunos a demora na reforma do colégio, apesar de ter passado muito tempo, ninguém conseguia ver resultados. Eles relataram que os homens que executavam as obras não gostavam de trabalhar, faziam uma coisa ou outra e o serviço não andava. O que mais me chocou foi quando uma aluna relatou que em alguns dias os trabalhadores levam instrumentos musicais e fazem pagode na escola durante o horário de aula, quando deveriam estar trabalhando, e ainda desafiam o diretor dizendo que ele não está pagando seus salários.

Portanto, apesar de ser uma escola que conta com um grande espaço, este não é bem utilizado e, assim, não é possível oferecer para todos que fazem parte dela uma estrutura agradável, nem para os estudantes terem mais atividades além das aulas em sala.

Participaram da pesquisa vinte e cinco estudantes do total de vinte e sete alunos matriculados na turma do terceiro ano A, portanto, os que estavam presentes no dia da aplicação do questionário. A turma foi indicada pelo professor presidente do conselho escolar, conforme a disponibilidade.

Coletamos com a direção da escola uma série de dados que pudessem nos informar as características gerais da escola. Pedimos que nos disponibilizassem informações sobre a estrutura física, como número de salas e de outras dependências no espaço da escola; informações sobre os recursos materiais existentes na escola, tanto para uso administrativo quanto para uso pedagógico; também sobre recursos humanos, como o número de alunos matriculados, número de professores (efetivos ou contratados) e demais funcionários da escola (da parte administrativa e operacional); e alguns outros dados fundamentais como os serviços disponíveis para o corpo de estudantes.

No quadro 1 poderemos visualizar o conjunto das informações coletadas na escola para se ter um ideia geral e em números, a respeito dessa unidade de ensino.

Quadro 1

Características gerais da escola A no ano de 2014

Ano de Fundação da Escola	26 de fevereiro 1980	
Alunos matriculados	1.791	
Alunos matriculados no 3º A	27	
Número de salas de aula	20 salas	
Número de professores efetivos	72	
Número de professores contratados	12	
Número de pessoal administrativo	18	
Número de pessoal de serviços	19	
Modalidades de Ensino	Ensino Regular	X
	Ensino Profissionalizante	
	Ensino Integral	
	Educação de Jovens e Adultos	X
Etapas de Ensino	Ensino Fundamental	X
	Ensino Médio	X
Dependências da Escola	Secretaria	X
	Sala de professores	X
	Biblioteca	X
	Laboratório de Informática	X
	Laboratório de Ciências	X
	Pátio para recreação descoberto	X
	Pátio para recreação coberto	
	Quadra de esportes descoberta	X
	Quadra de esportes coberta	
	Sanitários no prédio	X
	Refeitório	
Serviços oferecidos aos alunos	Cozinha	X
	Merenda	X
	Uso de computador	
	Acesso à internet	
	Acessibilidade para portadores de necessidades especiais	X
Equipamentos existentes	Orientação (psicólogo, pedagogo)	X
	TV e DVD	X
	Computador	X
	Impressora	X
	Copiadora	X
	Retroprojektor	X
	Datashow	X
	Mini system ou sistema de som	X
Microfone	X	

Fonte: Direção da escola
 Dados organizados pelo autor da pesquisa

2.1.2. Da escola B e seus sujeitos

Localizada no bairro Lauritzen, Zona Norte da cidade, esta escola fica mais afastada de centros comerciais. O bairro é muito acidentado, com muitas ladeiras, pois é a região mais alta da cidade, mas possui boa infraestrutura. É parte de uma região dos bairros mais nobres da cidade, então a maioria das edificações são residências ou

condomínios, mas também faz limite com outro bairro com infraestrutura precária, onde algumas ruas sofrem por falta de saneamento. É o limite entre dois extremos, grandes casarões de um lado, onde mora boa parte das pessoas de alto poder aquisitivo da cidade e, do outro lado, famílias de baixa renda, de onde vem boa parte dos alunos, segundo o *Projeto Político Pedagógico*⁷ da escola. Por estas características, como ausência de comércio e, conseqüentemente, pouca circulação de pessoas, o bairro não é atendido por nenhuma linha de ônibus do sistema de transporte público, o mais próximo que podemos encontrar é no bairro vizinho. Segundo o último censo, a quantidade de jovens na população do bairro é de 21,2%.

Apesar de ter uma população equivalente às demais escolas da rede estadual na cidade, a escola é pequena em estrutura física – pois não conta com quadra para prática de esportes nem grandes pátios, como se vê em outros prédios escolares em Campina Grande –, só percebemos que era aquele prédio em função do nome do lado de fora, pois o grande e alto muro segue o padrão das grandes casas do bairro e do Seminário Católico que fica ao lado. Não havia movimento na rua, nem outro sinal que nos indicasse que ali havia uma instituição de ensino. A rua é tranquila e silenciosa.

A primeira impressão quando entramos na escola é que ela é limpa e organizada, mas não encontramos rampa de acesso ao prédio, apenas escadas ao passar o portão de entrada. Como também é cercada por grades, precisamos esperar o funcionário trazer a chave para abrir o cadeado para que pudéssemos ter acesso à escola. Por ser bem arborizada, nos sentimos bem assim que entramos, a escola é bem ventilada e o ar é fresco, causando uma sensação de bem-estar. Na entrada, após as escadas e o gradeado, tem um grande pátio coberto, rodeado de bancos e com bebedouros e banheiros para os alunos. Senti falta de uma área para a prática de esportes e de Educação Física. Essa também foi uma queixa recorrente por parte dos alunos durante a pesquisa.

Esta escola também é dividida em blocos, sendo no primeiro as dependências administrativas. Toda estrutura é nova e reformada, armários, mesas e cadeiras em bom estado de conservação, toda estrutura impecável. Fomos bem recebidos e atendidos pela secretária e pela supervisora, que nos encaminhou para o trabalho a pedido da diretora, que entraria de licença naquela semana. Não tivemos acesso à sala dos professores, mas

⁷ A escola apesar de estar inserida em área nobre da cidade – bairro de classe média alta –, atende a uma clientela, na sua maioria, de baixa renda, oriunda da rede pública municipal dos bairros circunvizinhos, bem como da cidade de Lagoa Seca e dos distritos: Jenipapo, Alvinho, Covão, entre outros. (Projeto Político Pedagógico 2014 da Escola B, p. 7)

foi reservada uma mesa na secretaria para que trabalhássemos. Após preparar o material fomos para a sala de aula.

Os blocos de salas ficam do outro lado do pátio e, seguindo a estrutura do primeiro bloco, também estão bem conservados, pintados e limpos. As salas são bem iluminadas e ventiladas naturalmente, por causa de janelas em sua lateral. O clima no primeiro dia estava bom e silencioso, todas as turmas em suas salas, com todos os professores, o que não aconteceu no segundo dia.

Na segunda visita que fiz à escola, para as entrevistas, encontrei um ambiente escolar diferente do primeiro dia, o barulho e a falta de professores foram as duas coisas que mais me chamaram atenção: parecia outra escola, outro ambiente. Algumas alunas da turma que fazia parte da pesquisa pediam um rádio na secretaria para ensaiar uma coreografia, outra turma também estava sem aula, e ninguém tinha controle sobre esses alunos, que passeavam, corriam, e atrapalhavam outras classes.

Apesar de ser uma escola bem conservada, organizada estruturalmente, o que resulta numa atmosfera bastante agradável, a estrutura geral carece de mais espaço para os alunos, principalmente para atividades recreativas e prática de esportes. Por esta carência espacial, não fica bem definido no prédio o que é área de estudo, o que é espaço de recreação e o que é área para refeições dos alunos, apenas um espaço comum onde essas atividades são realizadas⁸. Já sobre espaço para prática de esportes, como citado anteriormente, é inexistente, pois o terreno onde a escola foi construída, por ser pequeno, não comportava nenhuma estrutura além dos blocos de salas e setor administrativo.

Participaram da pesquisa quinze estudantes do total de vinte e cinco alunos matriculados na turma terceiro ano B, portanto, os que estavam presentes no dia do emprego do questionário. A turma foi indicada pela direção da escola, conforme a disponibilidade.

O quadro 2 nos permite uma visualização do que a escola oferece aos seus alunos em relação à estrutura física e aos recursos materiais e humanos no ano de 2014.

⁸ Segundo consta no PPP da escola o espaço comum se define pelo seguinte: Área coberta de aproximadamente 450m² denominado pátio onde os alunos fazem refeições e brincam durante o intervalo, e aos sábados praticam atividades recreativas devido a falta de local para este fim. (Projeto Político Pedagógico 2014 da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São Sebastião, p. 13)

Quadro 2

Características gerais da escola B no ano de 2014

Ano de Fundação da Escola	1995	
Alunos matriculados	887	
Alunos matriculados no 3º B	25	
Número de salas de aula	35	
Número de professores efetivos	45	
Número de professores contratados	3	
Número de pessoal administrativo	17	
Número de pessoal de serviços	11	
Modalidades de Ensino	Ensino Regular	X
	Ensino Profissionalizante	
	Ensino Integral	
	Educação de Jovens e Adultos	X
Etapas de Ensino	Ensino Fundamental	X
	Ensino Médio	X
Dependências da Escola	Secretaria	X
	Sala de professores	X
	Biblioteca	X
	Laboratório de Informática	X
	Laboratório de Ciências	
	Pátio para recreação descoberto	X
	Pátio para recreação coberto	X
	Quadra de esportes descoberta	
	Quadra de esportes coberta	
	Sanitários no prédio	X
Serviços oferecidos aos alunos	Refeitório	X
	Cozinha	X
	Merenda	X
	Uso de computador	X
	Acesso à internet	X
Equipamentos existentes	Acessibilidade para portadores de necessidades especiais	
	Orientação (psicólogo, pedagogo)	X
	TV e DVD	X
	Computador	X
	Impressora	X
	Copiadora	X
	Retroprojeter	X
	Datashow	X
Mini system ou sistema de som	X	
Microfone	X	

Fonte: Direção da escola
 Dados organizados pelo autor da pesquisa

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

Este capítulo faz uma retomada geral da pesquisa, desde instrumentos e procedimentos até as informações obtidas no questionário e a análise desses dados.

3.1. Análise dos questionários

Escolhemos um questionário socioeconômico e cultural como instrumento para iniciar a pesquisa e, por meio dele caracterizar os indivíduos considerando suas respostas. O objetivo do questionário foi tentar identificar entre os estudantes, perfis que apresentassem diferentes aspectos de capital cultural em cada uma das duas turmas pesquisadas. Tratou-se de um questionário semiestruturado dividido em quatro blocos de questões. O primeiro bloco trouxe questões direcionadas para as características pessoais; o segundo bloco pediu as características familiares; o bloco terceiro contou com questões sobre características socioculturais e econômicas; e o quarto bloco trouxe questões sobre perspectiva de vida e de carreira.

O emprego do questionário na escola A realizou-se durante o horário escolar, no período da manhã, utilizando as aulas do professor de filosofia, que também era presidente do colegiado e nos ajudou durante a pesquisa. O tempo total gasto para responderem ao questionário foi de uma hora aula (50 minutos), suficiente para que todos respondessem por completo o conjunto de questões.

Na escola B, o emprego do questionário também aconteceu em horário escolar, mas no período da tarde, durante horário vago (por falta de professor). Com a mesma duração de uma hora aula, o suficiente para que todos finalizassem suas respostas.

Após a coleta dos questionários, foi feito um trabalho de tabulação e organização dos dados neles obtidos. As informações foram distribuídas conforme os quatro blocos de questões, portanto em quatro quadros: características pessoais; características familiares e econômicas; características socioculturais; e perspectivas de vida e de carreira. A partir de cada quadro⁹ foram elaboradas figuras com informações que nos possibilita a visualização das características de forma mais clara e objetiva.

⁹ Os quadros detalhando as características dos estudantes estão disponibilizados ao final deste trabalho.

Essas informações estão dispostas nos tópicos seguintes obedecendo à ordem proposta no parágrafo anterior e oferecendo o comparativo entre as duas escolas com o percentual de cada turma para cada informação. É preciso esclarecer que os dados das duas escolas foram coletados e analisados separadamente. Apenas para a apresentação seguinte foram unidos nas mesmas categorias, para facilitar a leitura.

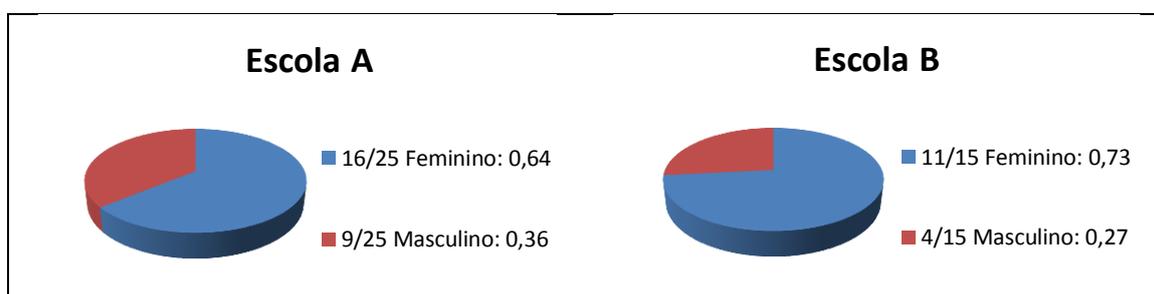
3.1.1 Características pessoais e seus indicadores: idade, cor, moradia, com quem mora

O bloco de questões sobre as informações que caracterizam os estudantes gerou cinco figuras com as seguintes categorias: sexo; idade; cor; tipo de moradia; com quem mora.

Sexo

Nas duas turmas, apesar do percentual não ser muito aproximado, o número de meninas é sempre superior ao de meninos. A quantidade de alunos participantes da pesquisa foi de 25 na escola A, sendo 16 do sexo feminino e nove do sexo masculino. Enquanto na escola B apenas 15 estudantes participaram da pesquisa, sendo 11 deles do sexo feminino e quatro do sexo masculino, o que totalizou 27 meninas e 13 meninos em todo o estudo. Podemos ver pela figura a seguir:

Figura 1
Sexo



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

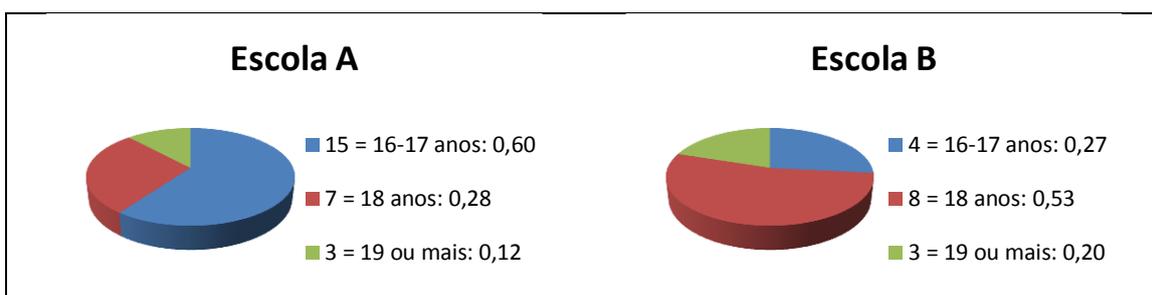
O público feminino se mostrou superior em ambas as classes, predominando em número quando comparado ao público masculino, especialmente na escola B onde a quantidade de meninas quase triplica com relação aos meninos.

Idade

No que diz respeito à faixa etária, os números das duas escolas mostram uma diferença. Para esta caracterização dividimos os estudantes em três grupos: o primeiro incluindo os estudantes de 16 a 17 anos; o segundo, estudantes com 18 anos; e o terceiro grupo com estudantes de 19 anos ou mais.

Figura 2

Idade



Fonte: Questionário

Dados organizados pelo autor da pesquisa

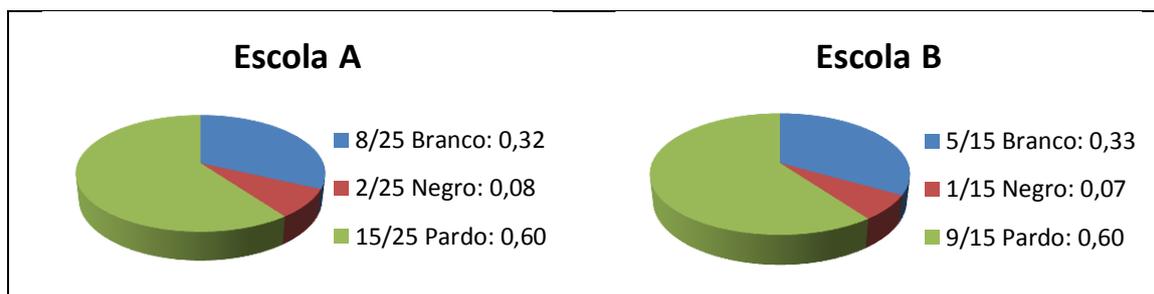
É clara a diferença da média etária do público de cada escola. Na escola A a maior parte dos estudantes está na idade ideal (16 ou 17 anos) para a etapa de ensino, enquanto na escola B a maior parte dos alunos já passou desta idade. O público de 16 a 17 anos na escola A era de 15 alunos, com 18 anos eram sete alunos e com 19 anos ou mais, apenas três alunos. Já na escola B o público de 16 a 17 anos era de quatro alunos, com 18 anos tinha oito alunos, e com 19 ou mais, o público era de três alunos, assim como a escola A.

Para a caracterização dos estudantes por meio desta classificação etária, levamos em consideração que a idade ideal para este nível de ensino é 17 anos.

Cor

A opção está de acordo com a declaração pessoal de cada estudante. Dentre as cinco raças dispostas no questionário (branco, negro, pardo, amarelo, indígena), foram selecionadas para a caracterização apenas as três escolhidas pelos estudantes: branco, negro, pardo.

Figura 3
Cor



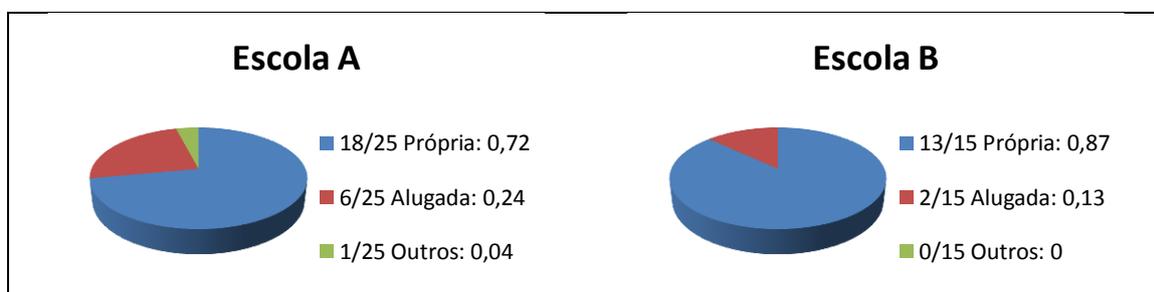
Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

A caracterização pela cor ficou bastante semelhante entre as duas turmas. Podemos acompanhar pela figura 3 que a maioria dos estudantes, tanto na escola A quanto na escola B, se considera pardo, sendo 0,60 do número de alunos da turma em ambas as escolas. A cor branca ficou em segundo maior número nas duas, sendo 0,32 na escola A e 0,33 na escola B. O número de estudantes que se consideram da cor negra ficou em menor quantidade, com 0,08 na escola A e 0,07 na escola B.

Moradia

Dentre os tipos de moradia disponibilizados no questionário (própria, alugada, cedida/emprestada, outros), apenas dois foram mais citados pelos estudantes em suas respostas – própria e alugada. As duas últimas opções foram consideradas como “outros”, pois apenas um aluno marcou esta opção, considerando sua casa como cedida/emprestada.

Figura 4
Moradia



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

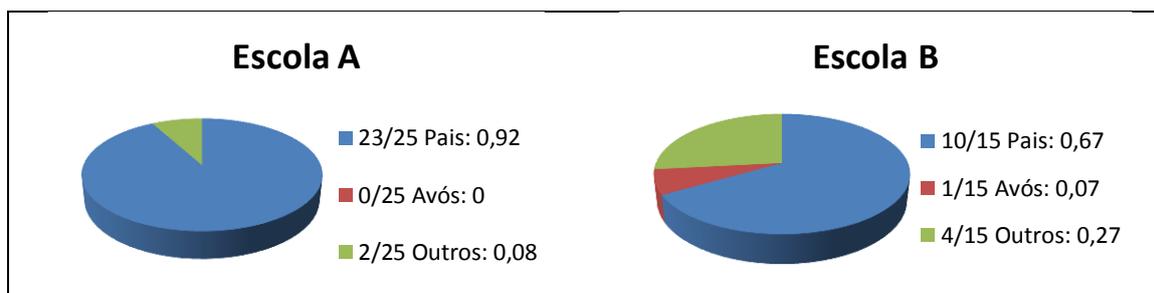
Na figura 4 visualizamos como ficou a caracterização das turmas nesse quesito. A casa própria é a moradia da grande maioria das famílias dos estudantes em ambas as turmas. Na escola A, 0,72 dos indivíduos responderam que moram na casa própria, enquanto que na escola B esse número cresce para 0,87 dos estudantes. Já em casa alugada, moram 0,24 dos estudantes da escola A e 0,13 da escola B. Como dito anteriormente, apenas um dos estudantes, este da escola A, informou que mora em casa cedida, contabilizada na figura 4 como “outros”.

Com quem mora

Após a questão sobre o tipo de moradia, foi perguntado com quem o estudante mora. As opções eram as seguintes: pais; avós; outros parentes; esposo/esposa; amigos; e sozinho. A partir das respostas elaboramos a figura 5 que nos mostra três opções: pais; avós; outros.

Na escola A, apenas dois alunos não moram com seus pais, um deles mora com outros parentes e outro é casado. Na escola B 0,67 dos estudantes moram com seus pais, 0,07 moram com os avós e 0,27 moram com outras pessoas. Esta foi uma das características que mais diferenciaram entre as duas escolas.

Figura 5
Com quem mora



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

A opção avós, embora contenha um número menor que a opção outros (que incluiu outros parentes, amigos e sozinho), permaneceu separada porque achamos importante destacar o número de estudantes que são criados pelos avós, apesar de ter sido em pequena quantidade – um caso – e ocorrido em apenas uma das escolas.

3.1.2. Características familiares e econômicas cujos indicadores são: responsável, escolaridade do responsável, responsável pela renda, renda familiar mensal e participação na renda

O bloco de questões que pedia informações a respeito das características familiares e econômicas também gerou cinco figuras. Este bloco mostra a estrutura hierárquica e econômica das famílias dos estudantes.

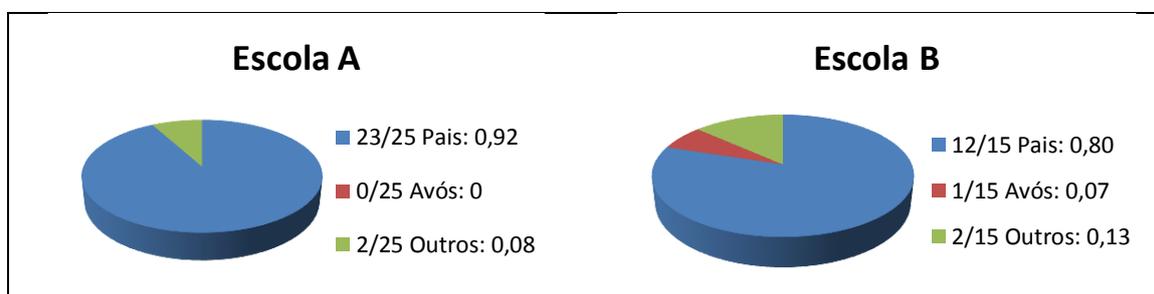
Após a tabulação das informações obtidas nas respostas do questionário, separamos os dados sobre o responsável pelo aluno; a escolaridade desse responsável; quem na casa é responsável pela renda familiar; a renda mensal da família; e se o estudante tem participação na renda mensal familiar. A seguir podemos conferir cada categoria individualmente.

Responsável

Seguindo as informações obtidas no bloco anterior, as respostas sobre quem é o seu responsável somaram na escola A 0,92 para os pais e 0,08 para outros. Já a escola B apresentou uma pequena diferença, 0,80 dos estudantes têm seus pais como responsáveis, os avós são os responsáveis de 0,07 dos alunos e 0,13 responderam que seus responsáveis são outros.

Consideramos a opção “pais” os estudantes que responderam que seu responsável é mãe e pai, ou apenas mãe, ou apenas pai.

Figura 6
Responsável



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

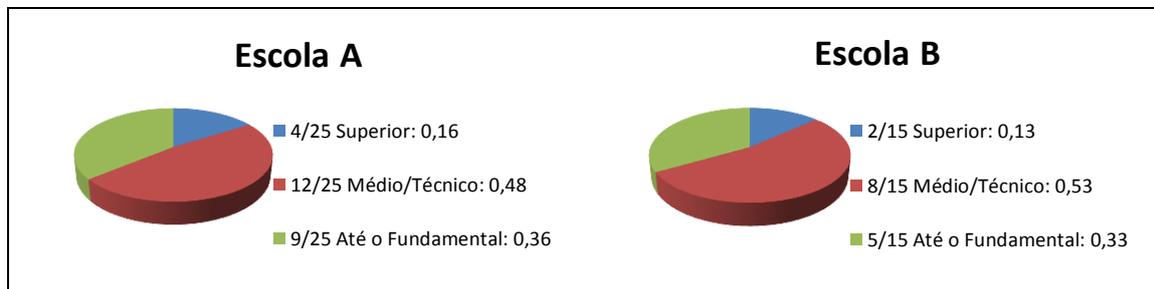
A diferença nos dados da escola B entre os dados das figuras 5 e 6 se mostrou porque dois alunos responderam que, apesar de morarem com outros parentes, os pais os acompanham e os ajudam financeiramente, ou seja, são seus responsáveis.

Escolaridade do responsável

No que diz respeito ao nível de educação dos responsáveis pelos alunos, as duas escolas apresentaram números bem aproximados. Enquanto na escola A o número de responsáveis que possuíam nível superior foi de quatro, ou seja, 0,16, na escola B esse índice foi de 2, ou seja, 0,13, dois responsáveis. Esse nível de escolaridade dos responsáveis foi o que apresentou menor número nas respostas ao questionário. Já os níveis de ensino médio ou técnico foram maioria em ambas as escolas, sendo 12 (ou 0,48) na escola A e oito (ou 0,53) na escola B. O número de responsáveis que possuíam até o ensino fundamental foi de nove (0,36) na escola A e de cinco (0,33) na escola B, como podemos visualizar a seguir na figura 7.

Figura 7

Escolaridade do Responsável



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

Não houve caso em que o aluno indicasse analfabetismo dos seus responsáveis, portanto, o menor nível de escolaridade mencionado foi fundamental incompleto.

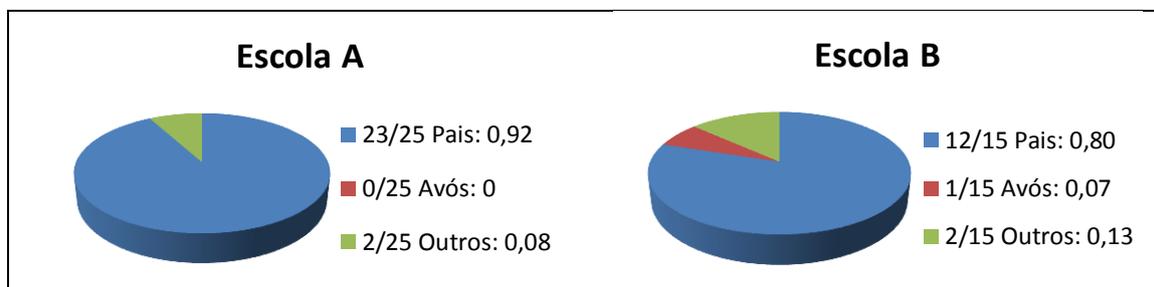
Responsável pela renda

O número de estudantes que consideraram no questionário seus pais como responsáveis pela renda foi a grande maioria tanto na escola A quanto na escola B, 0,92 e 0,80 respectivamente. Apenas na escola B houve número sobre os avós serem os responsáveis pelo sustento da família, contabilizando 0,07 (um caso). Considerando “outros” como responsáveis pela renda familiar – este quesito considerou ou o próprio

estudante como responsável pela renda (um caso), ou outros parentes (dois casos), ou cônjuge (um caso) –, a escola A somou 0,08, enquanto a escola B quantificou 0,13.

Figura 8

Responsável pela renda



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

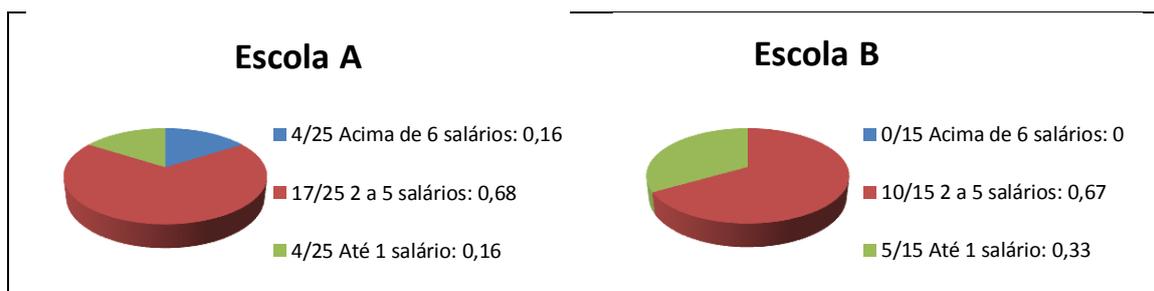
Importante ressaltar sobre esta questão o fato de alguns alunos serem responsáveis pela renda familiar. Nos casos relatados apenas um estava acima dos 18 anos, mas ambos já estavam inseridos no mercado de trabalho há, pelo menos, dois anos. Um em cada turma: o da escola A, já era emancipado e trabalhava na indústria, o outro, da escola B, apesar de morar com os pais e ter apenas 17 anos, tinha a renda equivalente a do pai, que era agricultor. Ambos os alunos recebiam um salário mínimo.

Renda familiar mensal

Complementando a questão anterior, este quesito ainda fala sobre a renda, agora o que foi pedido ao aluno foi que ele apontasse a soma da renda mensal familiar, considerando o rendimento de todas as pessoas que contribuem mensalmente com sua renda para a manutenção da família.

Figura 9

Renda familiar mensal



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

A figura 9 mostrou que apesar da escola A, assim como a escola B, possuir maior parte das respostas indicando que sua família possui a renda familiar de 2 a 5 salários mínimos, a escola A apresentou uma média maior, posto que uma parte dos alunos (quatro casos) apontou que sua família tem renda mensal superior a seis salários mínimos, dado este inexistente na escola B, que por sua vez demonstrou que uma boa parte das famílias possui renda mensal de até um salário mínimo. Portanto, escola B tem no geral alunos cujas famílias têm renda menor que a escola A.

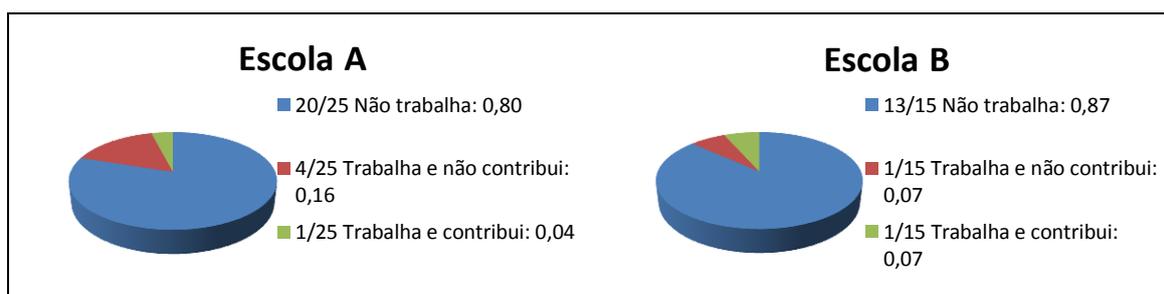
Uma parte dos alunos relatou que os pais não têm renda fixa e então varia de mês em mês, a profissão mais citada neste caso foi a de diarista.

Participação na renda

A participação na renda familiar foi um ponto onde poucos alunos se colocaram, pois a maioria só estuda.

Na escola A o número de alunos que não trabalha é de 20 em 25 (0,80), contra 13 em 15 (0,87) na escola B. Já no que aponta a quantidade de alunos que trabalham e não ajudam na renda familiar foi de quatro alunos (0,16) na escola A, e um aluno na escola B (0,07). E o percentual de alunos que ajudam em casa com sua renda foi de 0,04 na primeira escola e 0,07 na segunda (um caso em ambas as turmas).

Figura 10
Participação na renda



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

A pergunta era sobre a participação deles na vida econômica do grupo familiar, então a figura 10 apontou três dados: os alunos que não possuem nenhum tipo de trabalho remunerado; os alunos que possuem remuneração mensal, mas que não precisam complementar a renda familiar; e o grupo no qual os alunos possuem trabalho remunerado e contribuem total ou parcialmente com a renda familiar mensal.

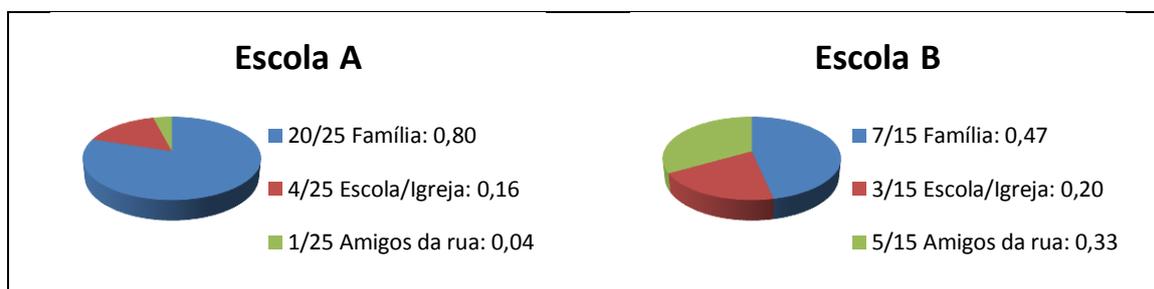
3.1.3. Características socioculturais

O terceiro bloco de questões em nosso instrumento de pesquisa foi utilizado para coletar dados relacionados às características socioculturais dos alunos. As questões geraram cinco figuras a partir de dados que nos oferecem um resumo das informações acerca dos grupos sociais preferidos para lazer; da relação de interação com a família; sobre hábitos de leitura; sobre preferência musical; e sobre esporte preferido.

Grupo social e lazer

Pretende-se mostrar neste ponto os aspectos a respeito das turmas com relação ao grupo mais escolhido e mais frequente para os momentos de lazer nas relações sociais dos alunos. A figura 11 mostra uma grande diferença entre as duas escolas no que diz respeito à interação com a família nos momentos de lazer, embora em ambas as turmas esse seja o grupo mais citado nas respostas. Portanto, na escola A esse número contabilizou 0,80, enquanto que na escola B o percentual caiu para 0,47. Em relação à escolha de outro grupo como escola ou igreja, a escola A apresentou 0,16 de preferência, e a escola B 0,20. Já considerando os amigos da rua – que não fazem parte do mesmo ambiente escolar – a escola A apresentou apenas 0,04 (um aluno), enquanto na escola B esse número foi de 0,33.

Figura 11
Grupo social e lazer



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

Uma observação importante é que neste aspecto a escolha da família ou dos amigos da rua representaram dados inversamente proporcionais. Quanto maior o índice de interação com a família, menor com o grupo de amigos, do mesmo modo, quanto

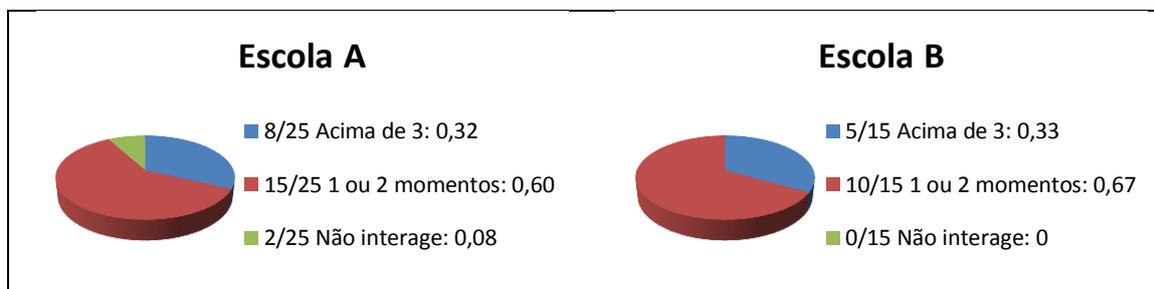
maior a escolha da interação com os amigos, menor a da família. Já considerando a escolha de outros grupos como escola ou igreja o número se manteve estável numa média aproximada.

Interação familiar

Para complementar o dado anterior, pedimos que os alunos mencionassem o quão frequentemente interagem com a família no dia-a-dia. Os momentos de interação presentes no questionário foram os seguintes: refeições; lazer; estudo; igreja; assistindo televisão; não interajo; e outros – opção na qual disponibilizamos espaço para descrição.

Portanto, para a elaboração da figura 12, e como o aluno poderia marcar quantas opções fossem verdadeiras, consideramos o número de momentos que ele costumava estar com a família: primeiramente os que tinham acima de três momentos de interação familiar; depois os que interagem em um ou dois momentos; e por último os que não interagem em nenhum dos momentos com a família.

Figura 12
Interação familiar



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

Assim, a turma da escola A apontou que 0,32 dos seus alunos (oito casos) têm três ou mais interações com a família durante o dia, e a escola B 0,33. (cinco casos) Os alunos que interagem num ou em dois momentos somaram 0,60 na escola A (15 casos), enquanto na escola B a quantia foi de 0,67 (10 alunos). A falta de interação familiar, no entanto, apareceu apenas na escola A, com 0,08 (dois casos).

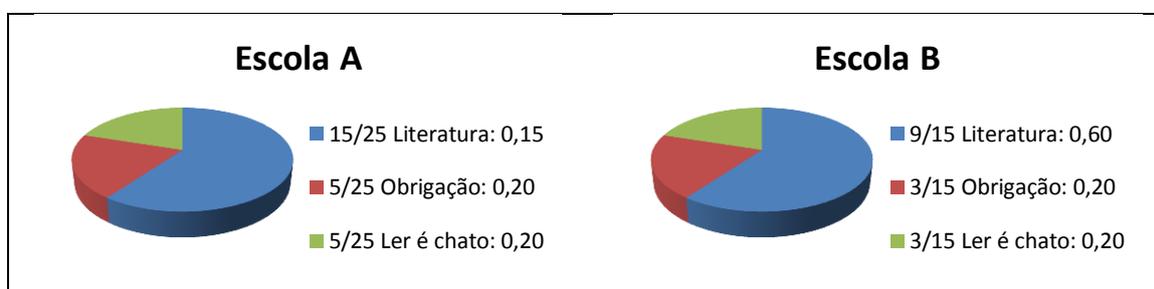
Apesar dos números serem bastante aproximados, apenas os dados da escola A demonstraram que dois de seus alunos não interagem com a família em nenhum dos momentos do seu dia.

Leitura

Consideramos três dados para apontar o índice de hábitos de leitura dos alunos. Primeiramente os que costumam ler além das obrigações escolares, revistas, jornais, livros científicos, literatura em geral; depois os alunos que costumam ler apenas o material escolar como os livros didáticos, apenas o que é uma obrigação para eles; no fim os que consideram a leitura um hábito chato e não o fazem, nem mesmo o que conta como obrigações escolares.

Em ambas as escolas os percentuais foram exatamente iguais. A quantidade de alunos que têm um hábito de leitura além da escola foi de 0,60; os que leem apenas como obrigação escolar somaram 0,20; esse número foi igual para os alunos que acham que “ler é chato”.

Figura 13
Leitura

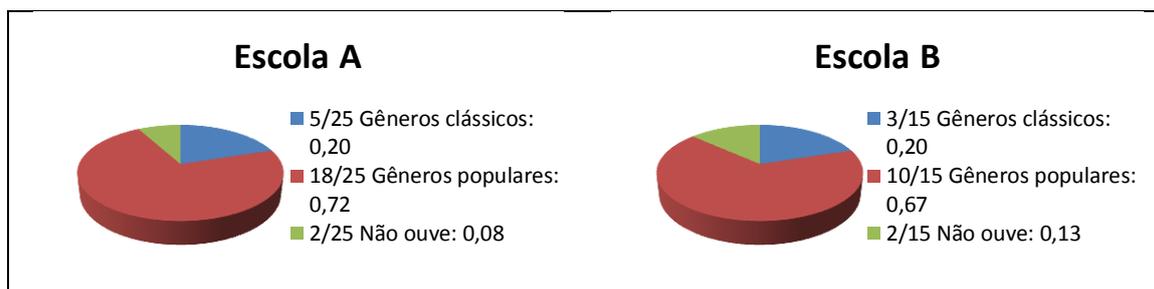


Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

Estilo musical preferido

Neste quesito o questionário foi bem abrangente. Foram listados estilos musicais diversos, os quais foram agrupados em dois grupos para a elaboração da figura 14, além da opção para os alunos que não gostam ou não ouvem música: gêneros clássicos; gêneros populares; e não ouve.

Figura 14
Estilo musical preferido



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

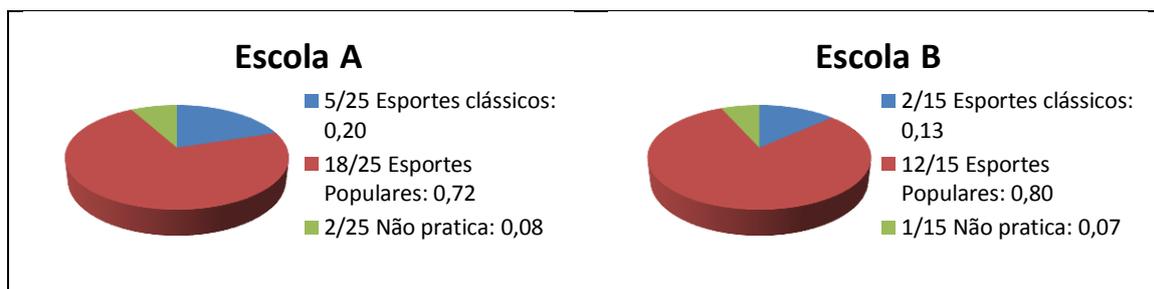
Notamos por meio da figura que os gêneros mais clássicos de música como música clássica, MPB, blues e jazz, foram os menos escolhidos pelos alunos, somando em ambas as escolas 0,20 (cinco casos na escola A e três na escola B). Os gêneros populares como rock, forró, funk, brega e sertanejo, foram os mais presentes nas respostas dos alunos, tendo marcado 0,72 na escola A (18 casos) e 0,67 na escola B (10 casos). Um dado surpreendente foi o número de alunos que não ouvem nenhum estilo musical e marcaram a opção “não gosto de música”. Com dois casos presentes em ambas as turmas, a opção “não ouve” computou 0,08 na escola A e 0,13 na escola B.

Esporte preferido

Semelhante ao esquema que utilizamos para coletar e tabular as informações sobre preferência de estilo musical, também fizemos em relação ao esporte preferido. Os números, portanto, também se mostraram semelhantes.

O quantitativo de alunos que preferem esportes mais clássicos foi de cinco casos na escola A (0,20) e de dois casos na escola B (0,13). A preferência por esportes populares foi de 18 casos (ou 0,72) na primeira escola e na segunda foi de 12 casos (ou 0,80). Já os alunos que não gostam de esportes somaram dois casos na escola A e um caso na escola B (0,08 e 0,07 respectivamente).

Figura 15
Esporte preferido



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

Consideramos esportes clássicos aqueles cuja prática é menos comum e exige uma estrutura própria, como o tênis, o atletismo e a ginástica artística. Futebol, vôlei, basquete, handebol e artes marciais foram considerados como esportes populares.

3.1.4. Perspectivas de vida e de carreira

O último bloco de questões foi investido no sentido de colher o máximo de informações a respeito do pensamento do aluno sobre o seu destino após concluir o ensino médio. Utilizamos questões objetivas com alternativas sobre o que pensam para o futuro mais próximo e em longo prazo; sobre o que é mais importante em termos de condições materiais, estudo e trabalho; sobre alguma inspiração ou influência nas escolhas. Ao final apresentamos uma questão subjetiva a qual pedia ao aluno para falar um pouco sobre seu desejo, “um sonho possível”, algo que ele pretendia seguir quando terminasse o ensino médio, e que ele acreditava na possibilidade de realizar.

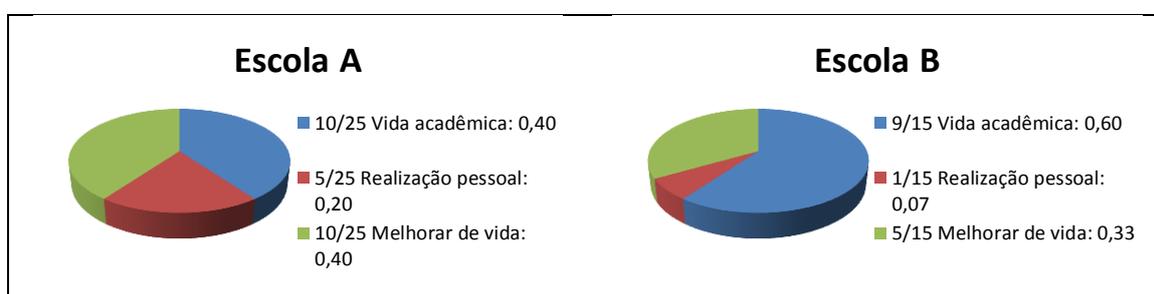
Para a tabulação dos dados coletados nesta parte do questionário, utilizamos cinco das questões objetivas que melhor representassem o grupo de perguntas: pensamento no futuro; planos; inspiração; apoio familiar; e apoio escolar.

Pensamento no futuro

O foco desta pesquisa foi obter informações sobre o pensamento de futuro educacional e profissional do jovem que termina o ensino médio. Pensando nisso a questão que abriu o último bloco do questionário tentou ser a mais objetiva possível no sentido de dar um norte para o entendimento da perspectiva do aluno: o que ele pensa de si, para si e o porquê fundamental da sua escolha.

Assim, 0,40 dos alunos da escola A (10 casos) responderam que pensam em entrar na universidade e seguir a vida acadêmica, enquanto na escola B esse número subiu para 0,60 dos alunos (nove casos). Considerando uma realização pessoal, como abrir o próprio negócio ou seguir carreira nas artes ou nos esportes, por exemplo, 0,20 dos alunos da escola A (cinco casos) disseram que esse é o seu pensamento, contra apenas 0,07 na escola B (um caso). Já no quesito “melhorar de vida” a escola A representou com 0,40 (10 casos) e a escola B com 0,33 (cinco casos).

Figura 16
Pensamento no futuro



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

A mudança de vida expressada na figura 16 significava mudar a sua condição financeira. Alguns expressaram o desejo de conseguir um emprego para ajudar os pais.

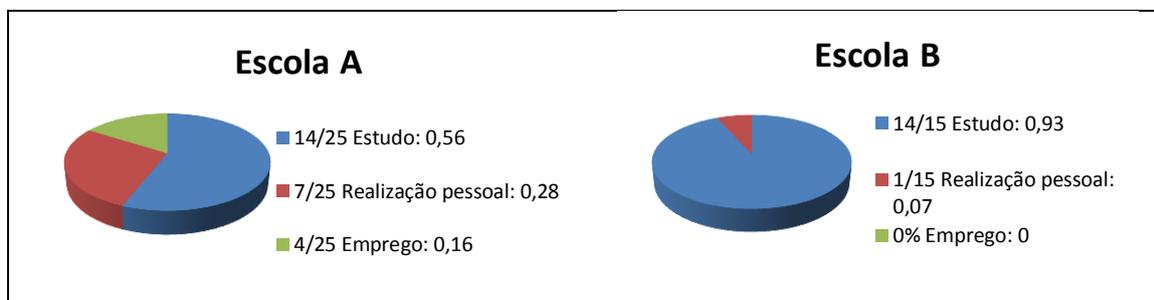
Planos

Em sequência ao pensamento sobre seu futuro, pedimos que o jovem falasse sobre os planos que já estão encaminhados, o que ele já vinha fazendo para a possível realização do seu sonho. Ou seja, naquele momento o que melhor expressava o futuro próximo quando terminasse o ensino médio.

Sobre o fato de ter se inscrito num vestibular e que continuar os estudos seria a opção mais previsível para o ano de 2015, contabilizamos 14 casos em ambas as turmas, sendo percentualmente 0,56 dos alunos da escola A e 0,93 dos alunos da escola B. Sobre realização pessoal, o resultado da escola A mostrou que 0,28 dos alunos (sete casos) acreditavam nisso, enquanto que na escola B apenas 0,07 (um caso), repetindo o mesmo quantitativo da questão anterior. Já no que se refere à possibilidade de conseguir um emprego e ingressar no mercado de trabalho, o quantitativo de alunos na escola A

foi de 0,16 (quatro casos), enquanto que na escola B nenhum dos alunos considerou a possibilidade de ter um emprego no próximo ano, após o término do ensino médio.

Figura 17
Planos



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

Quando foi interrogado aos que planejavam seguir os estudos o que aconteceria se eles não ingressassem numa universidade no próximo ano, foi unanimidade a afirmação de que não desistiriam, que tentariam novamente no ano seguinte. Alguns mencionaram que estava mais fácil deles conseguirem entrar na universidade pelo ENEM e SISU¹⁰, outros falaram na possibilidade de conseguir vaga no cursinho pré-vestibular solidário da universidade federal¹¹.

Inspiração

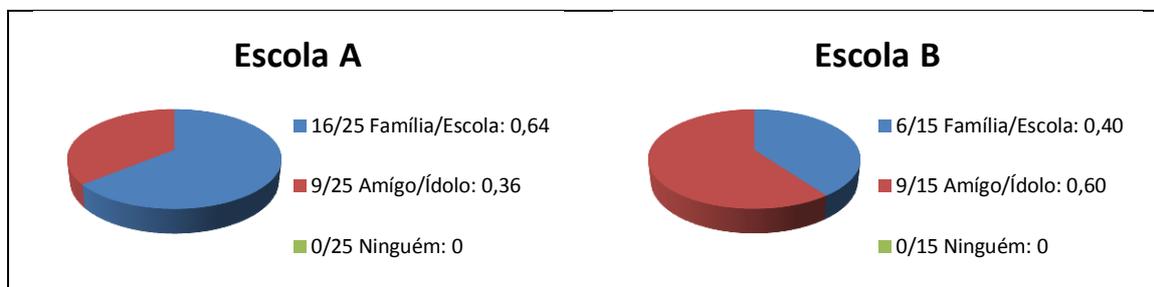
Percebemos então que os alunos que fizeram suas escolhas inspirados em pessoas ligadas à família ou à escola somaram 0,64 na escola A (16 casos), e 0,40 na escola B (6 casos). Os que informaram que sua inspiração vinha de um amigo ou de um ídolo contabilizaram 0,36 na escola A e 0,60 na escola B (9 casos em

¹⁰ O Sisú é o sistema informatizado do Ministério da Educação, por meio do qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas a candidatos participantes do Enem. (Fonte: www.sisu.mec.gov.br)

¹¹ O Pré-Vestibular solidário da Universidade Federal de Campina Grande possibilita a vários jovens e adultos de escolas públicas de Campina Grande e outros 42 municípios paraibanos a preparação para o acesso a universidade. (Fonte: www.ufcg.edu.br/~pvs/noticia04.html)

ambas as turmas). Logo, não houve quantitativo em relação a não ter inspiração em nenhuma das escolas.

Figura 18
Inspiração



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

A formação dos três grupos acima foi pensada no sentido de distinguir os grupos sociais institucionalizados, como família e escola, dos grupos particulares como amigos e ídolos. Consideramos como ídolo quaisquer figuras que despertem admiração do aluno como artistas, esportistas, etc.

Na visão geral da figura, percebemos que a expressão da escola A é inversa à preferência da escola B. A maioria do público da primeira escola toma referência nos grupos institucionalizados como escola e família, já na segunda escola é o contrário, sua maioria demonstrou inspirada por outrem.

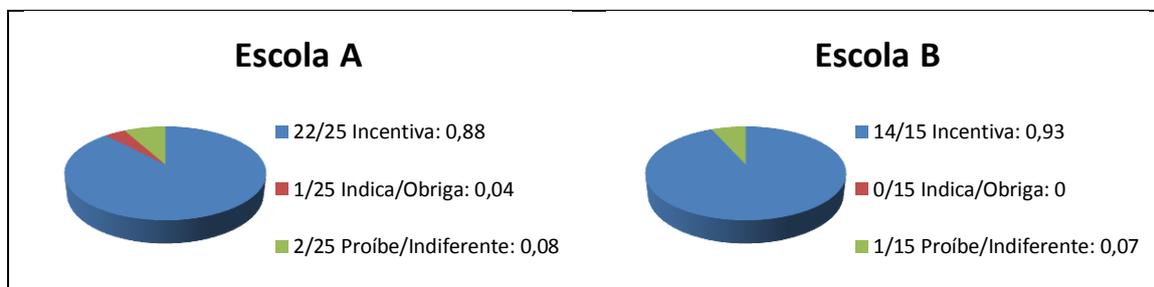
Apoio familiar

Depois de pedir sua expressão acerca de admiração e inspiração, solicitamos que os alunos caracterizassem o nível de apoio da família em relação aos seus sonhos de futuro. A questão apresentou algumas opções pelas quais o investigado apontasse qual delas expressava melhor o apoio familiar sobre seu desejo profissional e educacional.

Os alunos que afirmaram que sua família incentiva nos estudos e apoia sua decisão em qualquer escolha de carreira somaram 0,88 na escola A (22 casos), enquanto na escola B o número subiu para 0,93 (14 casos). Na escola A, apenas um aluno (0,04) indicou que a família não estava aberta às escolhas dele e o melhor para seu futuro era aquilo que ela indicasse, gerando um sentimento de obrigação. Na escola B não houve pontuação neste quesito. Já no quantitativo referente às famílias que eram indiferentes e

não demonstravam interesse na vida do estudante, contabilizou 0,08 na escola A (dois casos) e 0,07 na escola B (um caso).

Figura 19
Apoio familiar



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

Apenas um dos alunos, que é estudante da escola A, demonstrou que não tem escolha, que terá que seguir com o negócio da família. Dessa forma, a família inibe seus desejos afirmando que é o melhor caminho para o futuro dele, pois já tem uma carreira garantida (como dono de um comércio) e que ele não precisa iniciar um novo caminho profissional.

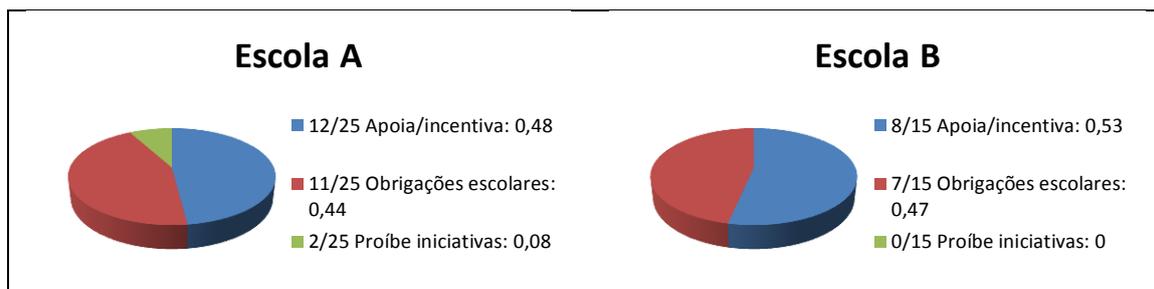
Apoio escolar

Da mesma forma da questão que gerou a figura sobre o apoio familiar, pedimos que os alunos dessem seu ponto de vista em relação ao apoio e incentivo recebido na escola. Pedimos, por meio das opções dispostas no questionário, que fosse indicada a que melhor representasse o posicionamento da escola frente aos desejos dos alunos: o quanto a escola possibilita as iniciativas dos alunos, qual a abertura dada a eles, as orientações sobre carreiras, e quanto é o nível de diálogo com o aluno e suas escolhas.

Observamos então que cerca de metade dos estudantes conseguem ver uma boa ação da escola, posto que 0,48 dos alunos da escola A (12 casos) e 0,53 dos alunos da escola B (oito casos) responderam que a escola incentiva os alunos, dá o apoio necessário e acredita nas suas ideias e iniciativas, dando-lhes espaço para alimentarem e amadurecerem as escolhas. Outra parte considerável de alunos em ambas as escolas afirmou que elas não realizam nada de novo, nada que desperte nem alimente nos alunos seu desejo, pois só faz o que é obrigação, apenas aulas e algumas atividades como amostra pedagógica. Esse quantitativo foi de 0,44 na escola A (11 casos) e de

0,47 na escola B (sete casos). Já 0,08 dos alunos da escola A (dois casos) consideraram que a escola não é aberta a novas atividades, que inibe as iniciativas dos alunos e não os deixam usar da criatividade nem alimentar o desejo de fazer o novo no espaço escolar, que é a escola quem dita as regras. A escola B não contabilizou neste quesito.

Figura 20
Apoio escolar



Fonte: Questionário
Dados organizados pelo autor da pesquisa

Quanto à inibição dos alunos na escola A, foi relatado que em muitas ocasiões um grupo de alunas de várias turmas tenta realizar eventos artísticos de dança e não tem oportunidade, que desde outros anos tentam conseguir uma brecha para criar eventos deste campo, mas não têm apoio da escola, que diz que lá é um ambiente de estudo e não pode ser tratado como um espaço artístico.

Podemos então, tirar algumas conclusões após a análise comparativa entre as duas turmas, por meio das categorias apresentadas nos itens anteriores. Por exemplo, notamos que os responsáveis pelos alunos da turma da escola A são, geralmente, mais escolarizados, por conseguinte, naturalmente, as famílias da escola A apresentou um poder econômico superior às famílias da escola B.

No entanto, um dado relacionado aos alunos da turma da escola B nos chamou atenção: apesar de serem em média mais velhos que os alunos da escola A, de possuírem menor poder econômico que os alunos da escola A e seus responsáveis possuírem menor escolaridade do que os responsáveis pelos alunos da escola A, os alunos da escola B tendem, mais do que os alunos da escola A, a apostar na continuação dos estudos após o término do ensino médio, com o desejo de ingressar na universidade. Um dado que vai de contra a nossa intuição de pensar o contrário.

Portanto, esperamos ter contribuído por trazer um dado novo no que se refere ao pensamento de jovens de classes populares em relação ao acesso à universidade.

3.2. Das entrevistas

Após o levantamento dos dados obtidos no questionário e da caracterização por meio da observação dos aspectos de capital cultural, social e de poder econômico, selecionamos de cada escola para serem entrevistados sobre suas expectativas, seus sonhos e seus projetos de vida, dois alunos que, para nós, apresentaram em suas respostas indícios de maior apropriação de capital cultural, social e maior poder econômico, e outros dois alunos que apresentavam indícios de menor volume desse capital. Além de observar os indícios de capital cultural, social e poder econômico, optamos por selecionar de cada perfil, um estudante do sexo masculino e uma estudante do sexo feminino. No entanto, uma das alunas selecionadas para a entrevista na escola B faltou no dia e a substituímos por um aluno do sexo masculino, por ser o único que apresentava um perfil aproximado ao da aluna ausente. Ademais, quisemos saber quais relações sociais são importantes eles manterem e as possíveis influências de determinados grupos sociais quanto suas possíveis escolhas. A questão fundamental e que foi o ponto de partida da entrevista foi a respeito de como cada um define a si mesmo e, partindo daí, as questões a respeito da vida familiar, escolar e social.

As entrevistas foram realizadas na escola do respectivo aluno, respeitando seu horário escolar e sua disponibilidade. Cada entrevista foi áudio gravada e depois transcrita pelo pesquisador. Para todas as etapas os participantes ou seus responsáveis concordaram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido da pesquisa.

Todas as entrevistas seguiram o mesmo roteiro inicial com questões que se ramificaram na medida em que o pesquisado se sentia confortável e direcionava seus interesses e ampliava o relato de sua trajetória, abrindo possibilidade para o pesquisador coletar mais dados sobre ele.

O roteiro básico da entrevista continha nove pontos de discussão, a saber:

- Fale um pouco sobre você. Como você se definiria?
- Fale um pouco sobre sua relação com seus familiares (pais, irmãos).
- O que sua família pensa sobre a escolarização?
- Fale sobre sua relação com os amigos/colegas.
- Como é sua vida na escola? O que ela significa para você?
- Fale da sua relação com os professores durante o Ensino Médio.
- Por que você escolheu esse destino?

- Quem mais o incentivou a fazer esta escolha?
- Quais as expectativas que você tem sobre seu futuro?

Cada entrevista durou em média doze minutos, conforme o estudante se sentisse confortável e o fosse conveniente. Todos estiveram à vontade para a realização da entrevista e alguns demonstraram alegria em ter contribuído com a pesquisa.

Nesta segunda parte da pesquisa, a análise gira em torno de respostas dadas durante as entrevistas. Os dados apresentados anteriormente reportam aos questionários e análise de respostas a suas questões.

Após a coleta de todos os dados e das transcrições de todas as entrevistas, deu-se início ao processamento das informações para buscar os achados da pesquisa. Foi feita uma classificação das informações e dos dados de cada indivíduo segundo a base teórica da pesquisa para formar os conjuntos ou os pares de perfis semelhantes e distintos de estudantes de acordo com o volume de capital apresentado por cada um deles.

É importante ressaltar que o conjunto dos dados, desde o mapeamento do local, da caracterização por meio do questionário e dos relatos obtidos por meio das entrevistas não constitui a totalidade desta pesquisa, posto que por si só, esses dados não detêm nenhum sentido científico, pois de acordo com Thiollent (1980, p. 17) “os dados por si só não são geradores de conceitos e de explicações”.

Portanto, para que pudéssemos dar sentido aos dados coletados, e apresentar um caráter científico, foi preciso refletir sobre os dados empíricos juntamente com o referencial teórico proposto para o desenvolvimento deste estudo. Dessa forma, pudemos fugir do empiricismo¹² de usar o instrumento de pesquisa como próprio fim dela mesma, pois:

O uso de questionários e entrevistas não é sinônimo de empiricismo quando estas técnicas, consideradas como meios de captação de informação, a ser criticada, e não como fins em si, são submetidas ao controle metodológico e subordinadas a uma verdadeira preocupação da teoria sociológica. (THIOLLENT, 1980, p. 21)

¹² Em termos mais abstratos e de um ponto de vista epistemológico, o empiricismo pode ser caracterizado como um tipo de relação entre o sujeito cognoscente e o objeto de conhecimento na qual o sujeito “desaparece” em prol do objeto ou “fato” cujo conhecimento estaria contido nele próprio, independentemente da intervenção da intervenção de uma problemática. Tal posição supõe que permaneçam confundidos o objeto real e o objeto de conhecimento, a representação do primeiro. (THIOLLENT, 1980, p. 20)

No entanto, se não existissem os dados empíricos referentes ao objeto, no nosso caso por meio dos instrumentos de questionário e entrevista para confrontar com os conceitos, a pesquisa se tornaria apenas réplica da teoria, sem diferenciação nem originalidade. Isto é, a pesquisa sociológica necessita do diálogo entre ambas as partes, cada uma cumprindo seu papel, conforme afirma Thiollent:

Enquanto instrumento de observação e/ou questionamento, a enquete sociológica é indispensável para obter a informação necessária ao cotejo dos fatos com a teoria. Sem investigação concreta, a sociologia não está longe de ser um discurso filosófico ou político arbitrário. Por outro lado, sem problemática teórica a sociologia é considerada apenas como enquete e degenera em vulgar pesquisa de opinião ou em pesquisa administrativa totalmente permeada pelo empiricismo e pela ideologia a curto prazo dos utilizadores da pesquisa. (THIOLLENT, 1980, p. 21)

Assim, a reflexão acerca do conjunto de dados coletados foi feita com bastante cautela, primeiro com a inculcação dos conceitos que foram demandados para o estudo e depois com o esforço de captar ao máximo os significados do objeto. Depois de transcritas as entrevistas, foi o momento de ouvi-las novamente e atenciosamente para que todos os dados fossem interpretados da maneira mais clara e fiel às trajetórias narradas.

Cotejando com o referencial teórico, nosso objetivo de análise foi identificar em cada relato as expectativas de futuro, as relações construídas por cada indivíduo, observando o que cada volume de capital apresenta de diferente, isto é, o que afeta na escolha do destino do aluno o fato de apresentar baixo ou alto volume de capital cultural, social e econômico, e/ou a possível influência do ambiente escolar ao qual ele pertence.

Então depois de feita a análise dos dados no confronto com a teoria, nós verificamos se a hipótese foi confirmada ou negada.

CAPÍTULO 4

TRAJETÓRIA E DESTINO

Neste capítulo adentramos no universo de oito estudantes concluintes do ensino médio em escolas públicas estaduais da cidade de Campina Grande, interior da Paraíba. Por meio de entrevistas tentamos entender a relação da escolha do destino desses estudantes após concluírem esse nível de ensino com sua socialização primária e secundária e seu volume de capital cultural, social e econômico.

Os oito alunos foram selecionados após a observação do volume de capital cultural que cada um apresentou depois de responderem a um questionário sociocultural e econômico. Nesta etapa de entrevistas, buscamos coletar o máximo de informações a respeito de suas trajetórias e o que desencadeou a escolha do destino que pretendiam seguir após a conclusão da educação básica, isto é, qual a perspectiva de futuro profissional e educacional e quais as relações sociais que influenciaram suas escolhas.

As entrevistas aconteceram em novembro de 2014. De cada escola foram selecionados quatro jovens que estarão aleatoriamente distribuídos a seguir, sem a identificação da escola e do seu nome, para preservar o sigilo das informações coletadas. Logo os nomes apresentados são fictícios.

4.1. Da trajetória de Maria e sua escolha

Maria estudava na escola A e tinha 17 anos quando foi entrevistada para esta pesquisa. Ela demonstrou ser bastante dedicada à família e à escola, além de possuir bons indícios de capital cultural. No entanto, tem poucas relações sociais. Filha de um serralheiro e de uma dona de casa, seu capital econômico também é pequeno.

Quando perguntada sobre o que escolheria para seu futuro, ela respondeu que queria cursar Psicologia ou Medicina. No entanto, ela não apresentou argumentos muito concretos, nem experiências anteriores que teriam fundamentado essa escolha, além da vontade de lidar com pessoas e querer ajudá-las: “Eu pretendo fazer ou Psicologia ou Medicina. Um desses dois”.

Além disso, ela não costuma praticar atividades culturais e de lazer regularmente, pois pouco sai da região da cidade onde mora, próximo da escola. Sua convivência na maior parte do tempo é com a família, quando não está na escola está em casa, ou lendo ou ajudando nos afazeres domésticos.

Maria vive com os pais e um irmão mais velho. Seu pai é serralheiro, e trabalha numa pequena empresa que fica no bairro vizinho. Sua mãe é dona de casa, e não tem outro trabalho fora, que possa lhe gerar alguma renda. Portanto, a condição financeira é bastante limitada em sua casa, posto que a quantidade de dinheiro mensal somado pela família gira em torno de um salário mínimo. Ou seja, apenas o salário do pai.

Seu irmão também é estudante, cursa Telemática no Instituto Federal. Eles moram em casa própria que adquiriram do governo do Estado, numa região periférica da cidade, um bairro com pouca infraestrutura, vizinho ao da escola.

Por conta disso, eles não têm opções de lazer perto de casa, e isso dificulta a prática de atividades desse tipo, assim como participação em eventos culturais, dos quais a região também carece. Para aproveitarem essas iniciativas, eles teriam que se deslocar para outros bairros. Isso é mais uma dificuldade, pois a família depende de transporte público, o que seria mais uma despesa que eles não têm como arcar. Mas quando pode, Maria gosta de ir ao cinema e ao teatro.

A relação da família é muito boa, todos sempre interagem e estão presentes no dia a dia uns dos outros. Segundo ela, conversam muito:

Conversamos muito, sobre tudo. Conversa de família mesmo, profissional, da educação da gente. Quando a gente está junto, a gente sempre conversa. Tanto na hora do almoço, quando tá todo mundo reunido, ou quando chega algum familiar. Sempre a gente conversa.

Ela demonstrou ter uma relação muito próxima com seu núcleo familiar, além de zelo e admiração, principalmente pelos pais, os quais são sua maior inspiração. Sobre isto, veremos mais a frente, quando adentrarmos no tópico sobre “as relações que permeiam a escolha”.

Maria sempre estudou em escola pública. Antes de se transferir para o colégio onde cursa o ensino médio, ela estudava numa escola padrão do Estado, que oferece apenas o ensino fundamental, no mesmo bairro onde mora.

Na família, os filhos são as pessoas que têm mais escolaridade. Enquanto ela conclui o ensino médio, e o irmão estuda curso superior, os pais possuem apenas o ensino fundamental. No caso do pai, incompleto.

Embora em casa exista o incentivo aos estudos, no restante da família, como na casa da avó paterna, não se fala muito sobre isso, nem mesmo de como tinha sido a educação no tempo dos avós. Quando questionada sobre isso, ela respondeu:

Não, é muito difícil, viu. Manter essa conversa assim, de educação, profissional. Não, a gente não conversa sobre isso não.

No entanto, Maria tem o hábito de ler. Embora os pais tenham pouca escolaridade e ela não mantenha outra relação social que deixe claro para nós de onde veio o gosto pela leitura, ela nos disse no questionário e na entrevista que costuma ler e comprar livros de romance e ficção.

Maria escolheu tentar uma vida acadêmica na área da saúde, pretendendo cursar Psicologia ou Medicina. Por mais que pense sobre esses dois cursos superiores, ela não demonstrou um planejamento sobre sua escolha. Pareceu uma resposta vaga quando disse na entrevista que pretende ingressar em “um dos dois”. Ela também acrescentou que a escolha partiu dela, sem nenhuma influência:

Partiu de mim. Partiu da minha escolha. Assim, de ver as matérias que eu mais me identifico. Nas pessoas, por manter mais essa união com as pessoas. Eu gosto mais de trabalhar com as pessoas, né? Aí eu me identifiquei com esses dois cursos.

Este relato demonstra que a escolha não está estruturada em nenhuma experiência ou sequer num dado concreto a respeito das áreas pretendidas, diferentemente da situação de um jovem que, por exemplo, já tenha feito alguma formação complementar, ou um curso técnico, ou estágio na área desejada.

Quanto às razões da escolha apresentadas no questionário como opções de resposta, ela afirmou que a primeira coisa que lhe vem em mente é “estar realizada em fazer o que gosta”. Em nenhum momento ela falou em “ganhar bem”, “estabilidade” ou “mudar de vida e condição financeira”. Sobre isso acrescentou:

Após concluir o ensino médio quero ingressar na universidade, possivelmente cursando Psicologia ou Medicina, e buscar fazer o que eu gosto.

Na entrevista, quando questionada sobre a perspectiva para o próximo ano, ela falou do seu sonho, exercendo uma pressão sobre si mesma para a realização dele: “Eu pretendo entrar logo na universidade. Eu queria muito, isso é o meu sonho. É entrar na ‘universidade de medicina’”. A forma que ela apresentou esse “sonho” durante a entrevista – com movimento corporal, fechando os olhos e movimentando os braços – nos sugeriu que ainda é uma coisa muito distante dela, e que seu conhecimento acerca o ensino superior, especialmente os cursos da área de saúde, é limitado, isto é, que os planos que ela faz ainda não estão sobre uma base muito sólida.

Isso fortalece nossa hipótese de que o desenvolvimento de uma socialização secundária seria de fundamental importância para sustentar uma boa escolha para o futuro do aluno. No caso de Maria, a falta de uma rede de relações que possibilite sua imersão no universo das ciências da saúde, torna sua escolha pouco fundamentada, já que ela nos passa em todo momento pouco conhecimento sobre a área pretendida.

O fato de Maria não possuir uma rede de relações sociais grande, e principalmente a falta de uma nova socialização, que lhe permitisse ter uma nova visão de mundo, faz com que seus planos pareçam vagos. Falta-lhe informação para estruturar a escolha, pois não demonstrou estar baseada em dados e razões palpáveis e plausíveis.

Mas nos causou curiosidade o fato de ela apresentar certo volume de capital cultural, como preferência por músicas clássicas, hábito de leitura e gosto por teatro. Em nenhum momento, no relato de sua trajetória, estabeleceu outras relações sociais que pudessem lhe transmitir essas características, além da família. Como dito anteriormente, ela possui uma pequena rede de relações sociais. Além disso, Maria demonstra que está no início de sua socialização secundária, pois todas as suas referências ainda são da socialização primária, a qual incorporou de seus pais.

No entanto, não vimos relação desse volume de capital com a família, pois quando falava nesses hábitos culturais, a família não estava presente, nem outrem. Ela costumava fazer sozinha, embora raramente, como nos contou a respeito de teatro. Como não tinha quem lhe acompanhasse, era mais difícil, especialmente por conta do horário em que as peças acontecem na cidade:

Assim, porque devido ao horário também, porque eu moro longe e eu dependo de transporte público. Então já fica perigoso pra mim, porque as peças no Teatro Municipal, mesmo, são mais à noite, né? Aí...

Em relação a cinema, ela também prefere ir sozinha. Assim, pensamos que esses hábitos culturais, inclusive a leitura, podem ser consequência da solidão em sua trajetória pessoal, como se fosse uma substituição às relações sociais, da falta de amigos. A respeito disso, perguntamos se nem na rua de casa ou mesmo na escola ela mantinha alguma amizade. Ela nos respondeu que não tem amigos na cidade, a única amiga que tem não mora mais em Campina Grande:

Mais na escola. E eu não chamo nem de amigos, chamo mais de colegas, entendeu? Amiga mesmo eu tenho há oito anos, mas ela não mora mais aqui, ela tá em Souza agora.

Sendo assim, pela falta de relações sociais que justificassem sua escolha, perguntamos se existia alguma pessoa que a inspirasse profissionalmente, que fosse uma motivação para sua escolha de futuro. Ela nos respondeu que era o pai. Mesmo que ele não tenha completado o ensino fundamental, Maria o considera sua maior inspiração para tomar as decisões futuras. Para ela, o pai é um exemplo de esforço e dedicação ao trabalho:

Meu pai mesmo, ele não estudou o ensino médio. Ele não concluiu o ensino fundamental, mas ele é muito inteligente, assim. Ele é serralheiro, e ele é como se fosse um líder, vamos dizer assim, na firma que ele trabalha, porque ele sabe fazer tudo. Ele faz com amor. Ele não tem essa coisa de fazer com preguiça e porque “é trabalho” e “é obrigação”. Então isso é o que me inspira.

Da mesma forma ela falou da mãe: “ela é dona de casa, mas nem por isso ela deixa de ter amor pelo que faz”.

Essa visão resumida de mundo, qual seu olhar não alcança além de sua família, reforça ainda mais nosso ponto de vista de que Maria ainda não superou a socialização primária, portanto não estabeleceu novas relações que ampliassem seu olhar sobre o mundo e sobre o conhecimento acerca das possibilidades e das condições objetivas. Podemos dizer que ela não conhece o “mundo lá fora”, pois todas as suas referências vêm do núcleo familiar.

4.2. Da trajetória de Romeu e sua escolha

Romeu estudava na escola A e tinha 17 anos quando nos deu entrevista. Vivendo numa família financeiramente estável, ele demonstrou levar uma vida educacional, cultural e socialmente agitada. Ele aposta no ensino superior para ganhar bem e ter estabilidade financeira, coisa que, segundo ele, o ensino técnico não lhe proporcionaria.

O técnico é bom também, mas eu acho que o superior vale mais... São dois cursos que eu tenho interesse, que é Ciências da Computação ou Engenharia Elétrica... trabalhar na área...ou montar um escritório... manter a estabilidade, né?

Romeu é o segundo de três filhos dos seus pais, sua irmã mais velha tem dezoito anos e seu irmão mais novo quatorze. Ele vive com pai, mãe e irmãos em casa própria e possuem carro e moto para locomoção.

Sua relação com a família é muito boa, sempre que podem estão juntos em casa, mas também costumam sair semanalmente para jantar fora e praticar outras atividades de lazer juntos, como ir ao parque, fazer viagens e ir ao cinema: “Eu saio muito com minha família, a gente vai muito ao cinema... teatro minha família não gosta muito, aí eu vou com meu primo”. Além disso, a família se reúne diariamente para fazer as refeições, “sempre junto, na mesa e tudo”, como ele fez questão de complementar.

Apesar de Romeu estudar em escola pública, nem sempre foi assim. Todo o ensino fundamental, com exceção do 9º ano, foi cursado em colégio privado, assim como seus irmãos. Ele nos contou que o motivo de vir para a escola estadual é que seus pais, há quatro anos, acordaram que para desafogar o orçamento familiar, teriam que tirar os dois filhos mais velhos da escola particular no final do ensino fundamental; o filho mais novo continuou no ensino privado para construir um bom alicerce educacional antes de ingressar no ensino médio. Em suas palavras:

Porque a gente estava numa situação difícil... São três irmãos, todo mundo estudava lá, aí eu e minha irmã viemos para cá e meu irmão continuou lá. Para o ano ele vem pra cá também.

Essa forma que os pais de Romeu encontraram de fazer economia sem abrir mão de uma boa educação para os filhos tem dado certo, pois já conseguiram colocar a filha mais velha na universidade pública. A irmã de Romeu ingressou no curso de Direito na Universidade Estadual da Paraíba em 2014, na primeira tentativa de ingresso, portanto, logo que concluiu o ensino médio, na mesma escola onde ele estuda.

Para Romeu a escola significa um lugar que traz conhecimento, e considera que leva uma vida escolar “normal, como a de todos”, e não escondeu que sua família tem o hábito de estudar:

Desde a outra escola, assim como todos os meus irmãos, todos estudaram bastante, a família sempre gostou de estudar, sabe? Aí, seguindo o exemplo deles, eu estou estudando bastante também.

Como exemplo dessa dedicação aos estudos, além de frequentar a escola no período da manhã, Romeu faz um cursinho pré-vestibular à noite, como forma de complementar os conhecimentos obtidos no ensino regular.

Seu exemplo vai além dos irmãos. Quando perguntado sobre a informação que ele tem da educação da família dos pais, Romeu respondeu que, pelo fato de ter mais integrantes da família próximos a ele, como tios e avós, sempre ouviu histórias de incentivo e de como foi a educação no tempo de seus pais:

Falam bastante... principalmente a parte do meu pai que é de família pobre e tal, aí não tinha muita condição de estudar... Estudaram todos em escola pública. Hoje minha tia é professora da UEPB, de História. Minha outra tia é professora da rede estadual, só que em João Pessoa... Incentivam a gente a estudar bastante, para fazer ensino superior.

O pai de Romeu também é um exemplo de sucesso escolar em sua casa. Ele é formado em Contabilidade e em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, sendo que atua apenas na área do segundo curso, por enquanto, pois sobre o curso de Ciências Contábeis “faz um ano que ele terminou, aí ele vai abrir o escritório de contabilidade dele”. Já sua mãe possui apenas o ensino médio.

Sobre seus projetos futuros, Romeu tem em mente dois cursos: Ciências da Computação e Engenharia Elétrica. Ambas as opções, especialmente a primeira, foram inspiradas pelo trabalho do pai, que tem um negócio na área de informática:

Ciência da Computação é mais pela parte do meu pai, porque envolve a área de computação, informática, desenvolvimento de softwares, aí é o que ele já mexe e eu sei, em termos... Mais ou menos o que ele sabe, eu sei também.

No tocante ao que foi dito anteriormente, ele já fez um curso técnico na área e trabalha com o pai durante o período da tarde: “Ele é analista de sistemas... Aí a gente mexe com informática. Faço manutenção em computador, formatação”.

Quando interrogado se tinha preferência entre os dois cursos, ele falou que a primeira opção é Ciências da Computação, embora goste muito de Engenharia Elétrica, e complementou dizendo que gosta de cálculos. Essa sua inclinação para ambos os cursos é claramente percebida pela relação estreita com o pai, inclusive pelo fato de eles trabalharem juntos. Naturalmente, quando perguntamos quem era inspiração para seu projeto de vida, ele respondeu que o pai o inspirava.

Então, é notável que quanto mais haja experiência e, evidentemente, aproximação com uma determinada área de estudo e/ou trabalho, o aluno inclina seus projetos de vida nesta direção, alicerçando a escolha naquilo que ele conhece, na materialidade, como é o caso de Romeu. Sua relação estreita com o pai, principalmente no ambiente de trabalho, é um forte estímulo para que ele pense seu futuro na mesma área de atuação.

4.3. Da trajetória de Julieta e sua escolha

Julieta, aluna da escola A, tinha 17 anos quando participou da entrevista. Muito decidida e objetiva em suas respostas, ela demonstrou que tem uma relação despedaçada com sua família, exceto com o pai, pois passam boa parte do tempo juntos, inclusive no trabalho, na empresa dele.

Ao responder sobre o que queria para seu futuro profissional, ela respondeu convicta que queria seguir uma carreira na área do Direito, como advogada, promotora e por fim juíza.

Julieta se disse bem atuante na escola. Além de participar das aulas, ela faz parte da representação dos alunos e sempre está em busca de algo melhor para todos no colégio, lutando por melhorias, como boas condições no ensino, e eventos culturais e científicos.

Em sua casa, moram ela, o pai, a madrasta, e dois irmãos mais velhos, um irmão que costuma dar conselhos, pois já está “encaminhado” e uma irmã que “é mais fechada, assim, com ela”. Sua mãe é falecida há quatro anos. Eles têm uma vida financeira estável, seu pai tem uma pequena empresa de assistência técnica na área de Tecnologia da Informação e sua madrasta trabalha no comércio, mas não ajuda financeiramente em casa.

Julieta trabalha na empresa do seu pai e é responsável pelos próprios gastos. Sua família mora em casa própria e possui carro próprio. Fora do trabalho, ela passa maior parte do tempo sem contato com a família. Em casa é “cada um no seu canto”, inclusive nas refeições, como ela completou. Ocasionalmente eles viajam juntos, e saem para almoçar ou jantar fora.

Outras atividades culturais e de lazer como ir ao parque, ao cinema, ao shopping ou a festas e shows, ela prefere fazer com o namorado. Quando está em casa prefere passar o tempo assistindo a filmes, acessando redes sociais, ou ajudando nos afazeres domésticos.

Em sua família, são poucos os exemplos de sucesso escolar. Sua mãe era formada em Pedagogia e era professora, o pai é formado em Física e possui curso técnico na área de tecnologia da informação, seus irmãos concluíram o ensino médio, mas não foram para a universidade. A avó paterna de Julieta também concluiu o segundo grau, enquanto que o avô não foi para a escola. Ela afirmou isso e logo após

quis enfatizar a compensação falando do sucesso escolar dos pais: “meu avô é analfabeto, mas, tipo, meu pai e minha mãe sempre foram bem na carreira educacional”.

Antes de vir para a rede pública estadual de ensino, Julieta cursou o ensino fundamental em escola privada, onde o ensino é mais regrado e apresenta uma qualidade maior que o público, em sua opinião. Neste sentido, pedimos que ela falasse o que a escola pública tinha significado para ela nesses três anos de ensino médio, fazendo uma rápida avaliação. Então ela fez o seguinte resgate:

Ah, aqui eu gostei porque nem todas as escolas públicas são boas, assim, o ensino. Não estou dizendo que essa aqui também é. Tem muitas aulas vagas, mas, tipo, os professores são qualificados. Alguns. Nem todos. Mas têm uma base boa. Tive um aprendizado bom.

Ainda sobre a escola, Julieta falou que mantinha uma boa relação com os professores, alguns em especial, como o professor de Biologia e também a professora de História, a qual é “basicamente uma amiga”, com quem ela conversa inclusive fora da escola.

Ao terminar o ensino médio, ela pensa ingressar no curso de Direito na UEPB:

Eu pretendo fazer Direito. Mas se eu não passar, eu também quero, pelo menos, se der, entrar numa faculdade privada, pra não perder tempo. Porque tem muita gente que perde muito tempo fazendo vestibular e perde muitos anos da vida, né?

Segundo o que ela disse na entrevista, a ideia de escolher a área de Direito surgiu dela mesma: “eu sempre achei muito bonita a carreira, e sempre eu tive aquele chamado pra aquilo. Eu sempre achei muito interessante”. Perguntamos se tinha algum familiar ou alguém próximo a ela que trabalhava na área e que a estimulasse a alimentar o sonho de seguir carreira na área jurídica e ela respondeu que inicialmente não, mas que o pai também achava a área interessante e dava apoio a ela, a ponto de apresentarlhe amigos dessa área para que ela conhecesse melhor. No entanto, ela sempre reforçava que a ideia surgiu dela.

Meu pai sempre quis, ele também gosta dessa área. Mas não foi ele que, por exemplo, me obrigou. Surgiu de mim. Tem uns amigos dele, que são advogados, que ficam falando pra mim, mas basicamente fui eu.

Exploramos um pouco mais sobre esses amigos do seu pai, e Julieta falou que chegou a conhecer como funcionava o trabalho de um deles. Por convite, ela passou um dia num escritório de advocacia para entender como funcionava a profissão de

advogado, e foi aí que ela teve certeza que queria construir um projeto de vida inspirada naquela que conheceu.

Passei um dia lá no escritório dele pra ver como é que é, coisa e tal. Ele me convidou pra ver se realmente era aquilo que eu queria, aí eu fui lá conhecer. Aí eu vi que era isso que eu queria. Ser uma advogada muito bem sucedida.

Neste momento percebe-se que a escolha de Julieta vai além de uma ideia que ela acreditava ser apenas dela mesma. As relações sociais que ela mantém, desde em casa com seu pai que aposta neste projeto, depois com os amigos dele advogados, que também apoiam a escolha. Além disso, resgatamos a sua atuação na escola, como membro da representação de alunos na busca de melhores condições no ambiente escolar. A rede de relações que Julieta mantém é favorável para a construção do seu projeto de vida futura.

4.4. Da trajetória de Bentinho e sua escolha

Bentinho era aluno da escola A, e na época da entrevista tinha 18 anos. Quando entrou na sala para que começássemos a entrevista, ele parecia não estar muito à vontade e demonstrava nervosismo. Quando perguntado a respeito de um sonho possível, sobre o que ele gostaria de fazer depois que terminasse o ensino médio ele respondeu que ainda não sabia, “mas talvez artista de cinema, mas é mais provável fazer um curso pra ser repórter”. Percebemos que pelo fato de ele passar muito tempo sozinho em casa, ele alimenta muitos sonhos, que em sua maioria permanecem no plano das ideias, pois não encontra quem o oriente em função de trazê-los para mais próximo da realidade.

Apesar dessa aparente timidez ele falou que seu maior sonho era ser ator em filmes de ação, mas tinha consciência que na cidade onde vive esse sonho era praticamente impossível de se tornar realidade, e o mais próximo disso seria tentar a carreira no jornalismo para ser repórter de TV e viajar o mundo.

Ele também teve planos de ser jogador de futebol, o que acabou por ele já ter ultrapassado 16 anos, que é a idade máxima limite que os agentes estipulam nos testes para captação de novas promessas do esporte por times profissionais.

Bentinho vive com sua mãe, o padrasto e um irmão mais novo. Ele tem mais um irmão e três irmãs, estes já casaram e saíram de casa. A relação com a família é boa, apesar de que eles não se encontram muito para poderem conversar:

A gente não conversa muito porque meu irmão tá na escola, minha mãe trabalha e meu padrasto trabalha. A gente só se vê mesmo de noite. E de noite vai todo mundo dormir.

E, segundo o que nos contou, a única hora que todos se reúnem é quando acontecem discussões. Quando foi perguntado como aconteciam as refeições em casa ele indagou: “como assim? No horário certo?”, e continuou:

Cada um tem um horário certo, mas como eu lancho aqui no colégio aí eu não sinto fome na hora do almoço. Na hora correta eu não sinto fome, só almoço depois de uma hora pra lá.

Ou seja, depois que o padrasto e a mãe voltam para seus trabalhos e que seu irmão mais novo vai para a escola.

A família é financeiramente instável, sua renda soma dois salários mínimos: o salário do seu padrasto, que passa o dia trabalhando, assim como a mãe, que também trabalha dois expedientes e recebe um salário mínimo mensalmente.

Segundo Bentinho, sua mãe troca de emprego frequentemente e o aconselha encontrar um trabalho também. A respeito disso, o que nos chamou atenção foi que, no momento que respondeu ao questionário sobre a participação na renda familiar, ele marcou a opção “não trabalho, sou sustentado pela família” e em cima dessa alternativa escreveu, entre parênteses, “vagabundo”, como uma forma de denominar-se e reforçar a ideia de que não trabalha e dá despesa para os responsáveis, estando parado em casa.

Por ficar a maior parte do tempo em casa, costuma assistir muito a filmes, sendo essa sua única ocupação, e ao mesmo tempo sua única forma de lazer durante a semana, além do futebol que joga no domingo. Fora isso, Bentinho não participa de nenhum grupo social, cultural ou esportivo, e nenhuma outra atividade extracurricular na escola, como também não participa de projetos fora dela.

Bentinho sempre estudou em escola pública. Na Escola A é aluno desde a quinta série, ou seja, a partir do fundamental II. Antes de se transferir para lá, ele estudou numa escola pública da rede municipal de ensino, que fica próximo da sua casa.

Da sua família, quem mais estudou foi sua mãe, que concluiu ensino superior, mas não soube dizer em qual curso ela se formou.

Curso? Na verdade o curso eu não sei não. Ela já trabalhou em tanto “canto”. Eu não sei qual curso ela fez não, a gente não conversa muito sobre isso não.

Perguntamos se ela teria mesmo frequentado a universidade e cursado algo. Ele confirmou: “Fez! Fez! Ela só não me disse de quê. Eu não perguntei também não”. As informações que Bentinho nos passava às vezes parecem muito vagas, como quando foi perguntado como tinha sido a educação de seu pai: ele disse que nunca tem contato, e não quis mais falar sobre isso. Já o padrasto possui apenas até ensino médio, assim como seus irmãos mais velhos também.

Sempre que falava na família, Bentinho se mostrava inquieto e tinha poucas palavras, mas quando lhe perguntamos sobre a escola e seus planos, ele se mostrava mais aberto para falar.

Aproveitando que ele se mostrava mais à vontade para falar da escola, perguntamos o que ela significava pra ele, então resumiu nas seguintes palavras:

Assim, como se fosse parte da minha vida. Porque já são oito anos aqui dentro, né? É como se fosse parte da minha vida, que eu não vou esquecer. Foi importante, assim, porque alguns momentos da vida (riso aliviado) a escola foi o “canto” que me trouxe um pouco de felicidade. Tem muitas coisas que eu já passei fora daqui, que quando eu vim pra cá, era o único lugar que eu me sentia bem.

Foi então que percebemos que a escola, para Bentinho era mais do que um local de aprendizado. Lá ele fugia dos problemas, encontrava acolhimento, amizade, se sentia bem e era feliz. O ambiente escolar lhe servia de refúgio, como um escudo que o defendia de coisas ruins que eventualmente passava fora dos muros da escola e, possivelmente, em casa: “Eu considero a escola minha segunda casa, me sinto muito bem aqui”.

Bentinho, no entanto, não se sentia feliz com algumas coisas que aconteciam lá, como, por exemplo, o descaso com as questões estruturais das quais a comunidade escolar reclamava: “A única coisa que eu não gosto no colégio é essa falta de ‘coisa’ aqui. Porque essa reforma na escola já vai fazer um ano e nada de terminar. É a única coisa que eu não gosto no colégio”.

Apesar dos transtornos causados pela “interminável” reforma do prédio, ele relatou que no horário escolar fazia uso de alguns espaços para estudo e interação, e mantinha uma boa relação com professores e colegas na escola.

Com os colegas eu me relaciono bem, na maioria das vezes na sala de aula. Aqui na biblioteca também, quando a gente vem fazer os trabalhos. A maior parte das conversas da gente, pra falar a verdade, esse ano foi sobre o ENEM. De dois meses pra cá foi sobre o ENEM, mas no ano a gente só falou muito de estudo e da vida da gente.

Sobre os professores, Bentinho falou que não tinha problemas, que também mantinha uma relação boa com todos, “a gente conversa, eu tiro dúvida”, e embora tivesse uma relação mais estreita com a professora Z de português, com quem ele podia conversar mais abertamente, não a considerava como uma amiga: “relação de amizade eu não tenho não, só professor e aluno”. Já no que diz respeito a incentivo, ele completou que “os professores só dizem estudo, ‘estude e foque naquilo que você quer’, e isso pra mim foi como um incentivo. Eu tratava isso como se fosse um incentivo”.

E o foco de Bentinho, segundo o que nos contou, era um sonho considerado impossível, pois não via na sua cidade oportunidades de construir um projeto de vida em cima disso, ele queria ser “artista de cinema”, ou o mais próximo disso nas suas possibilidades, repórter.

Artista de cinema, mas o mais provável é fazer um curso pra ser repórter. Mais provável porque eu “tava” indeciso sobre fazer um curso se eu passasse no ENEM, tipo, eu usar minha pontuação e eu “tava” indeciso, aí um amigo meu citou que tinha um “curso de reportagem”, de ser isso. Eu me interessei por isso também, fazer reportagens. Vai saber essas coisas, saber da atualidade, viajar pelo mundo, saber das coisas, porque o jornal sempre manda o povo pra fora pra fazer as reportagens, por isso eu me interessei.

No fundo, seu grande desejo é sair do país, viajar o mundo, mudar de vida, ser um ator em filmes de ação, como nos informou no questionário, e confirmou na entrevista. Essa ideia surgiu dele mesmo, como completou, e a razão para isso é que ele passa muito tempo em casa assistindo a filmes. Uma maneira de sair um pouco do mundo que vive e embarcar no sonho de estar num lugar melhor, ser alguém melhor.

A pessoa que serve de inspiração para ele é um ator britânico que protagoniza filmes de ação. Uma frase que chamou atenção foi a descrição que fez do seu ídolo:

Eu gosto dos filmes dele. Fala umas coisas, assim, que só eu entendo. Coisas que eu acho bom. Gosto dos filmes dele porque ele passa toda vez lutando pela vida dele, eu acho muito bom isso. É uma inspiração pra mim.

Depois de falarmos um pouco sobre sonhos e inspiração, viemos para o imediato, para o palpável, o que Bentinho espera de si quando terminar o ensino médio.

Então, quando voltamos a conversa para este viés, perguntamos o que seria mais urgente na vida dele para o próximo ano, quais os planos que ele tinha, se ele já havia pensado em algo. Ele nos respondeu que precisava conseguir um trabalho, mesmo que entrasse numa universidade, e reforçou que precisava ajudar financeiramente em casa.

“Tava” pensando, assim, em trabalhar. Se eu conseguisse passar “nesses negócios” do ENEM, ia fazer universidade, mas só que eu ainda “tô” indeciso com o curso. Mas eu ia fazer universidade e por enquanto ia tentar arrumar um emprego. Pra não ficar só na universidade. Ajudar minha mãe em casa, também.

Bentinho já tinha feito duas entrevistas de emprego, uma num *call center* e outra numa indústria onde fabrica as sandálias *havaianas*. O primeiro é o local onde a mãe dele trabalha ultimamente, mas ele não conseguiu a vaga porque ainda não tinha terminado o ensino médio. A segunda não permitiu a realização dos exames de admissão porque ele ainda não tinha sido dispensado do exército e, portanto, não tinha documento de comprovação de que está em dia com o serviço militar.

Portanto, a vida de Bentinho parece estar dividida entre as pressões do mundo real, especialmente em casa com as cobranças da mãe por conta da situação financeira, e os sonhos que ele alimenta no mundo dos filmes, pois grande parte do dia passa em companhia da televisão. Pelo fato de ter poucos amigos, e sua maioria ser os colegas da escola, os quais ele só encontra no período da manhã, Bentinho se relaciona pouco socialmente, e essas relações sociais que ele mantém, ainda não o ajudaram a estruturar um projeto de vida futuro, pois não nos mostrou evidências da “aquisição do conhecimento de funções específicas, funções direta ou indiretamente com raízes na divisão do trabalho”, como dizem Berger e Luckmann (2008, p. 185), quando definem a socialização secundária. Bentinho vive do agora, porém, sonhando sem os pés no chão.

4.5. Da trajetória de João e sua escolha

Aluno da Escola B, em novembro de 2014 João tinha 17 anos e parecia um jovem bem decidido. Filho de pais agricultores, seu sonho era ser um contador.

Quero ser contador, e quando me formar abrir um escritório ou passar em um bom concurso público, porque só assim serei realizado, pois é uma área que gosto.

Durante toda a entrevista João se mostrou um jovem bem decidido, amadurecido para a sua idade, nos demonstrando que já tinha ideias e planos de futuro bem traçados, claros em sua cabeça.

João é o mais velho de três filhos. Ele mora com seus pais e os dois irmãos mais novos, na zona rural do município de Lagoa Seca, que fica a quinze quilômetros de Campina Grande. Seus pais são agricultores e vivem da agricultura familiar, o que lhes rende mensalmente cerca de dois salários mínimos para o sustento da casa.

A relação de João com a família é boa, mas eles se veem pouco, apenas em algumas refeições e à noite quando assistem à televisão juntos, durante um curto período que ele fez questão de mencionar: “As sete, seis e meia, até as nove. Quando tá todo mundo na sala assistindo alguma coisa, mas nesse período, assim”.

João passa a maior parte do dia fora de casa, em Campina Grande, por causa do trabalho e dos estudos. Em casa ele tem mais intimidade com o pai, mas as conversas se resumem a assuntos como trabalho e estudo, ou então quando precisa “resolver as coisas”. Com sua mãe João não conversa muito, só algumas coisas do dia-a-dia.

A gente sempre conserva. Assim, no tempo que tá em casa, porque a gente se encontra mais em casa à noite. Eu saio de manhã e só chego à noite... Com meu pai eu converso sobre essa questão de trabalho, de estudo mesmo. Com minha mãe é só, assim, coisas normais, mas não converso muito com ela... Quanto a isso, resolver as coisas, é com painho.

Sua família possui uma pequena casa própria e um pouco de terra, onde trabalham com a agricultura familiar. Apenas seu pai e sua mãe trabalham na pequena roça onde plantam feijão e milho. Nenhum dos filhos os ajuda neste serviço, apenas estudam.

Diferentemente dos seus irmãos mais novos, que estudam na rede municipal de ensino de sua cidade, João foi para Campina Grande cursar o ensino médio. Segundo ele por dois motivos: primeiro porque Campina Grande é uma cidade maior e tem mais oportunidades de trabalho e de se relacionar com outras pessoas porque é mais desenvolvida; segundo porque era mais conveniente estudar na mesma cidade onde trabalhava.

Antes de ir para Campina Grande estudar e trabalhar, João cursou todo o ensino fundamental em Lagoa Seca, na rede municipal, onde seus irmãos hoje estudam. Porém nem todos na família tiveram essa oportunidade de estudo que hoje eles têm, como seu pai e sua mãe, por exemplo. Eles não possuem o ensino fundamental completo, no

entanto fazem questão que seus filhos estudem e invistam na educação para terem um futuro melhor, da mesma forma que sua avó materna também aconselha. Ele nos contou:

Minha avó é que fala como era antes. Assim, que a gente deve sempre aproveitar, porque no tempo dela não tinha oportunidade de estudar e agora as coisas estão mais fáceis.

Depois que ele falou sobre a educação na família, questionamos sobre o que a escola representava para ele. Apesar de João não ter o hábito de leitura, pois para ele é uma coisa chata, percebemos que a escola para ele não se tratava de só mais um lugar que ele era obrigado a frequentar. A escola parecia nos relatos algo especial, que outros lugares não poderiam ou não teriam lhe oferecido. Ele demonstrou que a escola lhe proporcionava momento de não se sentir sozinho, que é um local de acolhimento, onde ele se sentia importante.

Desde que cheguei aqui eu gosto da escola, porque é um local que a gente é sempre acolhido, não é lugar que a gente se intriga, todo mundo é unido. Os professores também, a relação da gente é não só de professor e aluno, também tem as amizades.

João encontrava na escola outro ambiente, de pessoas que tinham outro nível de cultura, diferente de sua casa, foi o ambiente que ele incorporou depois do seu primeiro emprego em Campina Grande, o que mudou sua rotina e suas relações. Aos quinze anos João passou a conviver mais com outras pessoas do que vivia com sua família, e em uma cidade maior.

Segundo seus relatos, após iniciar o trabalho no banco, passou a conhecer novos lugares e fazer outro tipo de lazer, como cinema, que não tinha na sua cidade, acompanhado das novas relações (jovens que também trabalhavam em banco como menor aprendiz). Além disso, conheceu uma nova realidade no setor bancário, bem diferente da vida que levava com a família em sua pequena cidade.

Com essa nova socialização, João incorporou novos comportamentos e aumentou sua rede de relações, ou seja, obteve um maior volume de capital cultural e social, portanto novas perspectivas, o que o influenciou no desejo de uma carreira na contabilidade.

Apesar de ser um jovem da zona rural de uma pequena cidade e filho de agricultores, ele apresentou um bom conhecimento acerca da área que deseja seguir, contabilidade:

Porque antes meu pai tinha uma loja de peças de moto e eu sempre ajudava, ficava lá vendendo, organizando tudo, só que daí surgiu a vontade de ser advogado, só que, assim, pela questão da leitura, eu vi que é uma área que precisa ler muito, aquelas leis e tudo mais, aí eu “Não! Não é por aqui.”. Aí eu trabalhei dois anos como “Menor aprendiz”, no Banco do Brasil, aí já vi tudo como era, aí foi onde surgiu aquela vontade de seguir essa área, administrativa no caso, ou no caso do curso, Administração ou Contabilidade.

Esse relato causou duas curiosidades. Primeiro o fato de o pai dele ter tido uma loja e hoje ser agricultor. Ele falou que por falta de estudo do pai o negócio não deu certo, acabou perdendo o dinheiro e por isso teria voltado para a roça. Depois o fato de ter trabalhado num banco pelo programa *Menor aprendiz*¹³.

Volto a dialogar com a dissertação de Mandelli (2011), quando fala da importância que o trabalho tem para o jovem no sentido de tornar mais favorável para o desenvolvimento de seus projetos e planos futuros:

O principal meio de efetivação dos projetos de vida dos jovens é o trabalho, que auxilia na transformação em realidade de um projeto futuro. O Programa Jovem Aprendiz foi considerado uma oportunidade profissional e motivador para os estudos e para o crescimento pessoal. (MANDELLI, 2011, p. 9)

Em relação ao trabalho no banco, ele falou que quando cursava o nono ano do fundamental, ainda na cidade de Lagoa Seca, uma professora lhe falou sobre o programa e o incentivou para que ele se inscrevesse. Ademais, uma irmã dessa professora deu assessoria para que ele conseguisse dar entrada na inscrição da seleção para o programa no CIEE em Campina Grande:

Eu soube através de uma professora minha da outra escola onde eu estudava. Ela disse que tinha, aí a irmã dela foi com a gente e tal, organizou a documentação, aí eu fiz uma prova. Aliás, passou quatro meses depois da inscrição aí me chamaram e eu fiz uma prova. Seleção, sabe? Foi quarenta e sete pessoas para sete vagas onde eu fiz. Aí fui aprovado tal, aí passei dois anos lá, só que como menor aprendiz é contrato, aí encerrou agora em junho.

Ele mostrou que teve todo o suporte vindo de uma professora, isto é, a escola teve um importante papel de mediação para essa conquista dele no programa menor aprendiz. Apesar da família não ter dado o suporte por não possuir as condições

¹³ Programa de Aprendizagem que objetiva a preparação dos adolescentes da rede de escolas públicas e pertencentes às famílias de baixa renda, por meio da sua formação para a cidadania e do seu desenvolvimento pessoal, profissional e social para o mundo do trabalho. (Fonte: <http://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Aprendiz.pdf>)

objetivas para este empreendimento, a escola estava lá e abriu os horizontes e as perspectivas de João. Essa relação com a professora, do cuidado e interesse dela em mostrar para os alunos outras oportunidades, teve grande impacto na vida dele.

Depois desse relato e de saber o porquê de João ter apontado no questionário que queria ser contador, apesar de ser filho de agricultores e viver na zona rural de uma pequena cidade, perguntamos mais sobre a escola, como ele a enxergava. E então ele nos contou que a contribuição da escola era:

Conhecimento, incentivo. Porque os professores incentivam muito, a gente tem os projetos, como amostra pedagógica que temos todos os anos. Isso é um incentivo, estimulando a área que a gente quer seguir, que a gente tá praticando aquilo e, se gosta já tem o entendimento que “é por ali que eu vou”, e se não gosta de jeito nenhum, já sabe que não é sua área, por exemplo.

E continuou, agora em relação a um professor específico, que dá suporte e serve como uma espécie de orientador vocacional para os alunos, segundo João:

Sempre a gente pergunta a um professor, o professor E de física. A gente conversa sobre as áreas e ele diz que é uma área muito boa, que ele tem um irmão que é formado em Ciências Contábeis.

João demonstrou que o ambiente familiar, embora não ofereça as condições objetivas para o seu sucesso com o alcance do seu sonho de ser um contador, está sempre presente, pelo menos na figura do pai, que serve de alicerce e orientação, pois é com quem ele conversa sobre as escolhas e sobre os caminhos que está trilhando para ir a busca do seu destino.

No entanto, apesar dele demonstrar toda essa ligação com o pai, ele sente a vontade de escrever outra história. Quando perguntado sobre o que lhe vem em mente quando pensa no futuro em longo prazo, João disse que quer melhorar de vida, mudar sua condição financeira, e a contribuição para isso não estaria em casa. Ademais, ele falava muito em segurança financeira, citando exemplo de estabilidade por meio de concurso público.

Eu almejo isso também. Porque é uma coisa segura, também. Eu já fiz, mesmo sem ter idade. Eu já fiz o concurso da Caixa e do Banco do Nordeste.

Dessa maneira, como os pais não podem dar uma contribuição maior que o incentivo, João sente a necessidade de ouvir uma segunda palavra, uma orientação mais técnica, e essa busca ele faz com os professores, na escola, ambiente pelo qual ele

demonstra grande respeito e gratidão. À escola coube o papel de dizer “você é capaz”, e lhe mostrar novos caminhos e a possibilidade de sucesso deles.

Além da família e da escola, João busca a terceira resposta para seus anseios. O exemplo de sucesso na carreira que ele está escolhendo, para saber se esse é o caminho que ele quer seguir no seu futuro. Essa resposta ele encontrou num amigo, o qual apontou no questionário que é a sua inspiração profissional.

O amigo de João também fora menor aprendiz, e eles se conheceram nas formações do programa. Ele nos relata que o seu amigo seguiu na carreira bancária, pois o banco onde ele estagiou era privado, e por conta do seu bom desempenho, lhe contratou como funcionário titular, depois dos dois anos do programa que fizeram juntos.

Pudemos perceber na trajetória de João que a superação da socialização primária com a sobreposição da secundária possibilitou o aumento no volume de capital cultural e social e, conseqüentemente, abriu-lhe novos horizontes. Ele se inseriu em uma nova realidade, numa nova rede de relações e isso o fez ver mais longe, aguçando seu olhar numa perspectiva diferente da que tinha quando ainda vivia e estudava na sua cidade natal.

Não obstante, podemos perceber que o incentivo do seu pai, apesar de não ter um bom volume de capital cultural e social, parece impulsioná-lo para o sucesso que ele não teve na área dos negócios, como um desejo de que João supere sua frustração. Ou seja, por trás dos relatos, senti que o pai se realiza nas conquistas dele, e há um sentimento recíproco, pois João sempre falava em conseguir se realizar para ajudar a família.

Assim, embora a socialização secundária esteja orientando os rumos da vida de João, a socialização primária está presente como pano de fundo.

4.6. Da trajetória de Capitu e sua escolha

Capitu, aluna da Escola B, tinha 18 anos na época da entrevista. Apesar de ter muitos amigos, ela não gostava muito de falar, dava respostas muito curtas e objetivas. Seu sonho era ser delegada.

Sonho me formar em Direito e ser delegada. Porque é meu sonho, é com o que eu me identifico profissionalmente, e o que vai me fazer sentir realizada por completo.

O desejo de seguir essa carreira veio inspirado em uma de suas tias que é delegada de polícia, e hoje mora em João Pessoa. Desde criança tem esse sonho, nos contou.

As atividades que Capitu realiza frequentemente são esportes, como vôlei e futebol, e algumas atividades culturais como ir ao cinema e ao teatro quando pode, mas quando está em casa, gosta de passar o tempo cozinhando, além de ajudar nos demais afazeres domésticos.

Capitu vive com a mãe, o padrasto e dois irmãos, ela é a mais velha. A família mora em casa própria, num bairro próximo à escola, e possuem uma moto para locomoção. A renda familiar é de dois salários mínimos, somando a renda do padrasto com os trabalhos que a mãe tem como diarista.

No dia-a-dia da família a convivência é boa, mas a maior parte das conversas que tem é com a mãe, pois tem mais intimidade e abertura para falar dos mais variados assuntos. Os momentos em que toda a família está reunida são café da manhã e jantar, pois os pais passam o dia todo nos seus trabalhos, portanto, Capitu é responsável pelo almoço dela e dos irmãos em casa.

Após o jantar a mãe dela vai para a escola, pois ainda está terminando os estudos. Ela possui apenas o ensino fundamental, assim como o padrasto. Seus irmãos estão cursando o ensino fundamental. Assim, da sua família, Capitu é quem possui maior escolaridade. Perto de sua casa moram seus avós maternos, que também possuem apenas o ensino fundamental completo. Ela não conversa sobre educação com eles.

Toda sua formação foi em escola pública estadual. Antes de ser transferida para a Escola B, onde está há cinco anos, ela estudava em outra escola pública estadual, que fica localizada no antigo bairro onde morava.

Para ela, a escola significa tudo, pois, em suas palavras:

É o que “tá” me levando ao que vou ser futuramente. Eu acho que ela ensinou os valores. Não é só em casa que você aprende o valor das coisas. Eu acho que na escola você aprende muito mais.

Ela nos contou que agora que cursa o ensino médio tem mais maturidade e por isso também tem mais proximidade com os professores, diferente de antes quando era mais jovem, que não mantinha uma relação próxima com os docentes. Agora ela pode dialogar com eles e ter um nível de conversa mais informal, ou seja, pode pedir conselhos sobre a vida, e mesmo sobre estudo.

Eu acho que convivo mais com os professores agora que eu “tô” no ensino médio. Porque antes eu era pequena, você não tem consciência das coisas. E aqui não, você faz até amizade com os professores, no ensino médio. Eu achei até melhor.

O professor de Geografia aconselha muito a gente, acho que todos os alunos dele, e quem não é aluno também. Ele é uma ótima pessoa, e no que você precisar é só conversar com ele sobre as coisas, porque ele dá sempre conselhos pra você. E a professora de Espanhol, ela sempre aconselha a gente, ela sempre fala da vida dela, quando ela decidiu fazer o curso de Espanhol na faculdade, que muita gente era contra, “num sei o quê”, então ela sempre aconselha a gente a seguir o que a gente quiser fazer, independente das dificuldades que a gente encontrar.

Esse conselho que a professora de Espanhol deu, e também a atenção e o apoio que o professor de Geografia dá aos alunos, segundo os relatos de Capitu, mostram que a escola tem um corpo docente preocupado com o alunado da escola e tentam direcioná-los para um bom caminho, orientando-os e, especialmente, escutando os alunos.

Capitu é um exemplo do conselho da professora de Espanhol quando falou que precisa transpor as adversidades do percurso, pois mesmo com toda a dificuldade familiar, por ter que cuidar dos irmãos e dos afazeres domésticos, e também as limitações financeiras, ela se mostrou decidida no que quer e se alicerça em exemplos de casa, quando relembra da tia delegada, que hoje está longe: “quando eu era menor ela sempre dizia ‘se você quer, então vou te apoiar’”.

O que Capitu planeja para seu futuro é se formar no curso de Direito e se tornar uma delegada de polícia, assim como sua tia é. É um sonho de criança que foi inspirado em uma de suas tias, a única da família que alcançou sucesso escolar se graduando no ensino superior.

Apesar da pouca escolarização dos seus pais e avós, podemos notar que Capitu mantém relações sociais com pessoas que possuem nível superior, mesmo no ambiente familiar, com o exemplo de sua tia, e no ambiente escolar, com a aproximação dos professores no ensino médio. Essas relações ajudaram-na a perseguir o seu sonho, contrariando o provável destino que pessoas ao seu redor espelham. Acreditando que pode chegar lá, ela alimenta o desejo lembrando das palavras de seus professores e do apoio de sua tia.

4.7. Da trajetória de José e sua escolha

José também estudava na Escola B, e tinha 18 anos na época da entrevista. Assim como Capitu, ele destacou que os professores apoiam os alunos em suas escolhas de futura carreira, não importando o que eles queiram fazer. Ele gosta de jogar xadrez e nas horas vagas prefere passar o tempo lendo livros ou informações globais sobre o Brasil e o mundo, na internet.

Demonstrando timidez em seu comportamento, estava um pouco nervoso no início da conversa. José falou que sua matéria preferida na escola é Matemática, e que ele se esforçaria nos estudos este ano para ingressar no ensino superior, pois pensava em se formar em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Campina Grande e seu plano em longo prazo era fazer pós-graduação fora do país.

Estudar mais do que estudo agora, entrar na universidade. Engenharia na “federal” é o que eu quero. Fazer pós-graduação fora, entendeu? Os cursos lá fora são mais procurados, tem o *Ciências sem Fronteiras* que eu conheço.

José pareceu ter um bom conhecimento sobre a área que desejava seguir, ele disse ter feito testes na internet para saber em qual área seu perfil se encaixava, e descobriu que engenharia seria ideal. Em suas rodas de conversa na escola, a maior parte dos assuntos era sobre os estudos e o ENEM que se aproximava, assim eles compartilhavam entre os colegas quais suas aspirações depois que terminassem o ensino médio, e em quais cursos gostariam de concorrer por uma vaga.

A sua maior influência para seguir uma vida acadêmica, segundo o que nos contou, vem dos amigos

Quando não estava na escola, José tinha o hábito de ler, ele gostava de livros de ficção científica, além de cumprir com todas as leituras que os professores indicavam em sala de aula. Quando perguntamos se sentia falta de algum espaço de lazer ou cultura que a prefeitura pudesse oferecer ao público, ele falou que o que mais faz falta na cidade são bibliotecas públicas em diversas áreas do município, pois existia apenas uma, que ficava no centro da cidade, e para ele era difícil o acesso.

José nos contou também que gostava de jogar futebol, mas que este ano tinha trocado o esporte por mais tempo de estudo tanto em casa como na escola também, assim como diminuiu as horas que passava jogando videogame para reverter em horas de estudo.

José morava com seus pais e duas irmãs, uma de doze e outra de um ano. Viviam em casa alugada e seu principal meio de locomoção era ônibus do sistema de transporte público. A renda familiar somava em torno de dois salários mínimos, a maior parte vinha do pai, que era agente penitenciário, sua mãe complementava a renda com trabalhos de manicure. A relação da família era boa, e o momento que mais se reuniam era no horário das refeições, pois todos faziam juntos à mesa. Eles não costumavam frequentar igreja, como também não participavam de nenhuma associação, como SAB ou clubes.

Em sua casa ninguém cursou ensino superior ainda, seu pai concluiu o ensino médio e sua mãe possui o ensino fundamental incompleto. Demais membros da família, com os quais José tem contato, também não possuem uma graduação. Nas poucas conversas que tiveram sobre educação, falaram que na época de seus pais o ensino era mais regrado, “mas como era realmente eles não falam não”, completou. No entanto, toda a família o apoiava os seus planos e incentivava suas escolhas. Apoio que também vinha da escola, que além de incentivar os estudos, apoiava as iniciativas dos alunos.

Como investimento em sua educação, além de frequentar a escola, José fazia um curso de Inglês numa escola de idiomas, pois como dito anteriormente, uma de suas ambições era estudar fora do país depois que concluísse uma possível graduação.

Quando perguntamos sobre um sonho possível, o que gostaria de fazer quando terminasse o ensino médio, ele não demorou em sua resposta: queria “cursar Engenharia Civil, porque há várias oportunidades de estudo fora do país”. Segundo ele, essa ideia surgiu depois de conversas com os colegas e, conseqüentemente, das pesquisas que realizou na internet. Pois na rede mundial de computadores buscou saber sobre o curso que pretendia concorrer, e então leu que muitos estudantes desse curso, fazem estágios fora do país pelo *Programa Ciências Sem Fronteiras* do Governo Federal e aqueles que têm bom desempenho podem ganhar bolsa para cursar pós-graduação nos países onde estagiaram.

Quem mais lhe incentivava, neste sentido, eram os colegas do colégio e da escola de línguas, que o achavam inteligente. Além disso, recebia o apoio dos professores, que apostavam nele: “Assim, eles não dizem o que é pra pessoa fazer, se isso é certo. Eles falam que qualquer escolha é boa, não importa o que a gente escolha”. As relações que José mantinha, favoreciam o investimento nos estudos, pois todos em sua volta eram convencidos que ele obteria sucesso escolar, pelo comprometimento e esforço que ele empregava nos estudos.

4.8. Da trajetória de Pedro e sua escolha

Aluno da Escola B, Pedro tinha 18 anos quando nos deu entrevista. Ele demonstrava ser um jovem muito sério e formal, além de ser curto e direto em suas respostas. Ele era o único aluno nas duas turmas pesquisadas que não estava inscrito para o ENEM, e o único entrevistado que tinha reprovações no currículo escolar. Seu sonho era ser um sargento do exército.

Assim, vem da infância. Eu sempre via e tal, e colocava aquilo na cabeça. Aí como não consegui, me alistei e não consegui ingressar no exército, né? Aí eu procurei por meio de concurso, né? Pra servir ao Exército Brasileiro num patamar maior, né? Mais alto.

Uma de suas lamentações foi ter sido dispensado do serviço militar obrigatório, pois era o único homem da família, filho único e sem pai. Então ele decidiu focar em concurso público para sargento.

Pedro não costuma praticar atividades culturais nem de lazer, além de jogar futebol com os amigos e na escola de futebol de salão que frequenta. Raramente sai com amigos, “mas quando sai é pra algum barzinho e tal, uma lanchonete. Mas é muito difícil”. Maior parte do tempo ele passa com amigos da rua, e costuma passar o tempo conversando com eles. Quando perguntamos o que a cidade poderia oferecer a mais em cultura e lazer, ele respondeu que a cidade só precisava de mais segurança, de mais policiamento nas ruas.

Ele vive com sua mãe e sua avó materna, tem irmãos por parte de pai, mas não tem contato com eles, assim como não tem com o pai. Sua mãe é empregada doméstica e sua avó está aposentada, a renda das duas somam dois salários mínimos. A condição financeira, apesar de ser limitada, dá para os gastos básicos mensais da família. Pedro ainda não trabalha, mas sonha em contribuir com elas futuramente, oferecendo uma condição de vida melhor e mais confortável para as duas.

A relação dos três em casa é muito boa, o momento que mais se reúnem e aproveitam para conversar um pouco é durante as refeições: “A gente conversa. É do dia-a-dia mesmo, e tal, como foi o trabalho dela. A gente conversa um pouquinho, né? Com as duas, né?”.

Tanto a mãe quanto a avó de Pedro estudaram até concluir o ensino médio, e é até aí que ele também pensa parar, pois não aspira seguir os estudos ingressando na vida acadêmica. Sobre a educação, sua avó falava que “no tempo dela era mais precário e tal,

hoje em dia não. Hoje em dia é mais avançado, o ensino é melhor”, o que sua mãe concordava.

Pedro sempre estudou em escola pública. Antes de se transferir para a Escola B, onde estuda há oito anos, ele estudava numa escola pública da rede municipal de ensino, no bairro onde mora. Dentre os alunos selecionados para as entrevistas, Pedro foi o que não apresentou vontade ou planos de cursar uma faculdade. E ainda, ele foi o único entre estes que reprovou durante as etapas escolares, tem duas reprovações no currículo, uma no sétimo ano e outra no nono ano: “no tempo era sexta série e oitava série”.

No que diz respeito à estrutura do colégio, ele elogiou. Disse que a escola está ótima depois da reforma que teve no início do ano, mas que existe um defeito, que é a falta de uma área de lazer para os alunos desfrutarem nos momentos de intervalo, principalmente a falta de uma quadra para que eles possam jogar, pois o único espaço que conseguem para isso é “no estacionamento da igreja” quando o padre permite, como ele se referiu ao espaço cedido no seminário católico.

Ao falar sobre as contribuições que a escola trouxe para a vida dele, Pedro fez referência às regras e normas, não mencionando nada sobre o ensino que recebeu ou sobre alguma contribuição intelectual, apenas a ajuda para torná-lo “um homem”:

Me ajudou muito, né? Me ajudou a educação no dia-a-dia. Porque a gente precisa, né, de professores e tal, no dia-a-dia da gente. E a gente se torna um homem, né, dentro de uma escola, se você seguir as regras direitinho, você segue sua vida como um homem.

Nenhuma das referências que Pedro traz da escola faz alusão ao estilo de vida acadêmico. Mesmo quando falou das conversas que tem com professores, os assuntos não são relacionados a ensino. Quando mencionou sobre a professora de Química, com a qual se sente mais à vontade para conversar, ele disse: “eu converso mais sobre a minha vida, sobre a vida dela, assim, troca de experiência, né? No dia-a-dia, assim, a gente procura conversar um pouquinho, ensinar e aprender”.

No mais, as referências que faz da vida dele, dos seus comportamentos, tudo remete ao modo de vida militar, e quando falou em planos de futuro, mencionou que seu sonho é ser também um militar, seguir carreira no Exército Brasileiro, após ser aprovado no concurso para a Escola de Sargentos das Armas – EsSA¹⁴, qual tinha prestado um mês antes da entrevista.

¹⁴ A Escola de Sargentos das Armas (EsSA) é o estabelecimento de ensino destinado, exclusivamente, à formação dos sargentos de carreira das Armas do Exército Brasileiro: Infantaria, Cavalaria, Artilharia,

Minha expectativa é que eu passe nesse concurso que eu fiz, se Deus quiser. Começar a estudar para entrar na carreira militar. Assim eu me enxergo já na carreira militar, contribuindo com minha família, né? Assim, dar uma ajuda em casa e tal.

Em casa, segundo o que nos relatou, aquele sonho também era compartilhado por sua mãe e por sua avó, que lhe apoiavam: “Assim, elas apoiam. Até porque é o sonho delas duas também, que eu me torne Sargento do Exército. Elas me apoiam muito no dia-a-dia”.

Sua inspiração profissional não poderia ser de outra área, quando perguntado quem lhe servia de espelho profissionalmente, ele nos respondeu que era o militar e deputado Jair Bolsonaro. A razão que o fez eleger o deputado como inspiração, foi:

No sentido da “moral” dele. No sentido de, pra mim, ele é, assim, um homem de verdade, né? O que falta muito nesse Brasil. Ele é um espelho pra mim, pelo padrão dele.

Além de seguir os exemplos e os conselhos do seu inspirador, por meio de vídeos aos quais assiste pela internet, ele procura manter relação com os amigos que estão servindo no exército, que lhe dão informações de como é a vida de um militar no quartel, e como deve ser o comportamento de um militar.

Colegas chegaram pra mim e disseram que é muito bom e tal. Eles falaram que vale a pena, né? Quem gosta, quem sonha, vale a pena ir e conquistar seus objetivos.

Portanto, Pedro procura manter relações sociais com pessoas que estão diretamente ligadas à área militar, na qual ele tanto sonha seguir uma carreira, buscando sempre ter os requisitos fundamentais para conquistar o sucesso profissional.

4.9. Caminhos diferentes

Em linhas gerais, o que se percebeu olhando para as expectativas dos oito jovens, é que todos têm objetivos parecidos, sete destes pensam em ingressar no ensino superior, enquanto que um sonha com uma carreira militar, cursando a Escola de Sargentos das Armas. No entanto, não se sabe quais deles irão obter sucesso.

Engenharia e Comunicações. Para o cumprimento de sua missão, seleciona jovens de todas as partes do Brasil, submetendo-se a intenso adestramento que lhes aprimora o caráter, desenvolve a capacidade física e o conhecimento da profissão militar. Fonte: www.esa.ensino.eb.br/historia.

Embora todos tenham um objetivo em comum, que é a continuação dos estudos a fim de buscar a realização do seu sonho, almejando uma futura carreira, eles percorreram caminhos diferentes, cada um da sua maneira, com as condições que lhes são convenientes e possíveis. Considerando isso, contemplaremos nos itens a seguir, as proximidades e os distanciamentos encontrados nas trajetórias desses alunos.

4.9.1. Sobre o que os aproxima

O fato de termos escolhido duas escolas públicas, e que estas estão localizadas em regiões diferentes da cidade, não implica que encontraríamos grandes diferenças entre as duas instituições e, principalmente, diferenças entre seus alunados.

A primeira grande semelhança está no perfil das escolas. Ambas têm problemas que afetam o bom funcionamento, como falta de professores e problemas estruturais, como espaços adequados para a prática de recreação e esportes.

Todos os alunos entrevistados estudavam na escola há pelo menos três anos e mantinham vínculo mais próximo com pelo menos um professor.

Separamos os indivíduos em pares observando algumas informações dos seus perfis que foram informadas nos questionários, como constituição da família, hábitos, cotidiano, educação e planos futuros. Abaixo listamos essas comparações específicas que apontam como os perfis se aproximam:

- Capitu e Julieta têm planos de cursar Direito; ambas perderam um dos pais e tem madrasta ou padrasto; vivem com mais quatro pessoas em casa própria; elas têm o hábito de ler; como forma de lazer gostam de ir ao cinema, seu esporte preferido é o vôlei, e dentro de opções de viagens preferem passar um final de semana na praia; ambas participam de alguma associação.
- João e Romeu têm 17 anos; ambos moram com pai, mãe e dois irmãos e têm casa própria; os dois trabalham, mas recebem ajuda financeira dos pais e possuem meio de transporte próprio.
- Bentinho e Pedro têm 18 anos; ambos iniciaram a vida escolar em escola pública da rede municipal de ensino; não trabalham e têm uma situação financeira no limite em casa com uma renda familiar de dois salários mínimos; ambos gostam de jogar futebol, ouvir reggae e ver filmes; os dois pensam em

ajudar financeiramente em casa depois que começar a “ganhar bem, ter estabilidade financeira”.

- Maria e José são jovens que sempre estudaram em escola pública, a maior escolaridade entre seus pais e avós é o ensino médio; cada um vive em sua casa com seus pais e irmãos; ambos utilizam ônibus do sistema de transporte público como meio de locomoção e, por essa razão, têm o sentimento de que os poucos espaços de cultura e lazer da cidade são distantes; nenhum dos dois trabalha e costumam passar maior parte do tempo com a família, seja durante a semana ou nos finais de semana e férias; os dois têm o hábito da leitura.

4.9.2. Sobre o que os distancia

Embora os alunos das duas escolas tenham um perfil muito aproximado entre eles, alguns pequenos detalhes fizeram a diferença quando voltamos o olhar minuciosamente sobre suas características, como, por exemplo, as idades que cada um deles tinha quando cursavam o terceiro ano do ensino médio, que variavam entre 16 e 21 anos: enquanto que os alunos da escola A tinham entre 16 e 18 anos, os alunos da escola B tinham, na mesma época, entre 17 e 21. Isto é, na primeira situação a média é de 17 anos, mostrando que a maioria da turma está dentro da idade ideal estipulada para a série, enquanto que na outra escola a média é de 19 anos, ou seja, que a maior parte dos alunos dessa turma já ultrapassou a idade ideal para cursar o terceiro ano, isto é, eles são mais velhos, o que nos induz a pensar que existe atraso ou repetência entre os perfis.

Outro item que chamou atenção neste mesmo sentido foi a questão financeira, isto é, a média salarial familiar. Embora nas duas turmas a maioria das famílias aponte que a média salarial é de dois a cinco salários mínimos, a escola A mostra uma curva ascendente a partir do momento em que 16% de seus alunos (quatro casos) informaram que em sua casa a renda mensal ultrapassa seis salários mínimos, margem salarial que não aparece na escola B. Outros 16% da escola A (quatro casos) responderam que a renda é de um salário mínimo, na escola B esse número sobe para 33% (cinco casos). Ou seja, enquanto que na primeira escola a renda salarial mensal varia entre um até mais de seis salários mínimos, na segunda escola essa renda chega a, no máximo, cinco salários, sendo que grande parte recebe entre um e dois salários. Portanto, as famílias da escola A somam uma renda familiar mensal maior que as famílias da escola B.

Abaixo mostraremos alguns dados comparando os mesmos pares de estudantes entrevistados que mostramos no item anterior, no entanto, agora traremos algumas informações que distanciam um perfil do outro:

- Capitu tinha 18 anos e Julieta 17; a mãe de Capitu possuía ensino fundamental e o pai ensino médio, enquanto que os pais de Julieta possuíam ensino superior; a renda mensal na família de Capitu era de dois salários mínimos, já na casa da Julieta a renda ia de três a cinco salários;
- Os pais de João possuem ensino fundamental incompleto e são agricultores, enquanto que a mãe de Romeu possui ensino médio e é dona de casa, o pai possui duas graduações no ensino superior e tem seu próprio negócio; a renda mensal na casa de João gira em torno de dois salários mínimos, já na casa de Romeu a renda é entre três e cinco salários; João gasta até 50 reais por mês em lazer e Romeu gasta de 100 a 125 reais; Romeu faz cursinho pré-vestibular e João não;
- Bentinho morava em casa alugada e Pedro em casa própria; Bentinho passava mais tempo em casa com a família, Pedro com os amigos na rua; no contra turno Bentinho ajudava nos afazeres domésticos, enquanto Pedro praticava esporte; Bentinho não gastava nada com lazer, já Pedro falou que gastava em média 50 reais;
- Maria tinha 17 anos e José 18; Maria morava em casa própria, já José morava em casa alugada; a renda mensal na casa de Maria girava em torno de um salário mínimo, e na casa de José a renda era de dois salários; Maria não fazia nenhum curso extracurricular, já José frequentava escola de idiomas; Maria não tinha gasto mensal com lazer, enquanto José gastava entre 50 e 75 reais por mês; Maria se inspirava na família, e José tirava inspiração de amigos.

Nota-se que algumas pequenas diferenças nos perfis dos estudantes, na família, ou no cotidiano, lhes permitem distinguir-se uns dos outros, pelo fato de apresentar nessas informações indícios de capital cultural, capital social e poder econômico. Pois, embora essas diferenças sejam consideradas mínimas, elas podem desencadear uma série de relações que farão uma grande diferença lá na frente.

Por exemplo, peguemos o caso de Maria e José. No que se refere aos gastos com lazer, Maria informou que não tem como gastar nenhuma quantia, pois a condição financeira em sua casa não lhe permite. Ao mesmo tempo, José disse que gasta em média uma quantia entre 50 e 75 reais por mês no seu lazer. Isso significa que ele tem um poder a mais que Maria, mesmo que seja pouco. Mas se imaginarmos que essa quantia seja gasta, no mínimo, em cinema ou teatro, duas ou três vezes por mês, regularmente, José teria, obviamente, mais chances de incorporar mais capital cultural do que Maria, apenas pelo fato de sair do seu bairro, ver lugares, pessoas e comportamentos diferentes daqueles que ele vê diariamente no lugar onde mora. Comunicar-se com outras pessoas, poder conhecer novas pessoas, tudo isso, por mais que sejam pequenas ações, fazem uma grande diferença para ampliar sua visão e conhecimento de mundo, suas relações sociais, e, quiçá, seu capital social.

As consequências destas pequenas diferenças notadas entre os perfis dos estudantes poderiam, por ventura, aparecer, em forma de benefícios ou não, de sucesso escolar ou não, como naturalmente devem ter aparecido ao final do ano de 2014, quando eles concluíram a etapa do ensino médio. No entanto, o objeto do nosso estudo se limitou em captar apenas as diferenças e proximidades entre os perfis desses sujeitos no decorrer do ano, e é aqui que nossa empreitada se encerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como parâmetro alguns trabalhos que falam sobre a grande influência do capital cultural familiar como elemento de maior expressão na escolha de um possível caminho a ser seguido pelo jovem após o término da educação básica, até mesmo como força de continuação do seu status ou de manutenção no estrato social, eu não pude fugir da naturalidade que a experiência da pesquisa de campo me oferecera, de cair no mesmo terreno já estudado.

No entanto, a inovação que propomos por meio desta pesquisa, foi encontrar as pequenas diferenças nos aspectos de capital cultural, social e poder econômico, presentes nas trajetórias de estudantes que têm perfis muito próximos uns dos outros. Como essa proximidade era muito grande, pelo fato do objeto desse estudo ter sido alunos de escolas públicas estaduais semelhantes, tivemos que encontrar o que os diferenciavam, por meio da observação de características singulares que, de uma maneira ou outra, os distinguiam dos seus pares.

Notamos, por exemplo, que, embora um jovem viva imerso numa realidade totalmente desfavorável a obtenção do sucesso escolar, o simples fato de ter alguém na família que esteja na universidade ou que tenha passado por ela, já muda a perspectiva que ele tem de si mesmo e das suas possibilidades, esta presença o orienta no sentido de que ele possui uma diferenciação dos seus vizinhos. Isso confirma o que disse Bourdieu

A presença no círculo familiar de pelo menos um parente que tenha feito ou esteja fazendo curso superior testemunha que essas famílias apresentam uma situação cultural original, quer tenham sido afetadas por uma mobilidade descendente ou tenham uma atitude frente à ascensão que as distingue do conjunto das famílias de sua categoria. (BOURDIEU, 2007a, p. 44)

Isto pôde ser constatado observando os casos de Maria (aluna da escola A) e Capitu (aluna da escola B), que viviam em condições financeiras limitadas e moravam num bairro afastado e, portanto, tinham difícil acesso a, no mínimo, os eventos culturais e sociais oferecidos gratuitamente pela prefeitura, que se concentravam nas regiões centrais da cidade. No entanto, Maria tinha um irmão que cursava ensino superior no IFPB, e Capitu falava sempre da sua tia delegada que inspirava seus sonhos. Estes fatos já as distinguiam das demais famílias pertencentes ao mesmo estrato social que elas.

Outra constatação importante que fizemos foi em relação à construção de uma nova identidade na dialética com outros espaços da sociedade, diferentes do seu,

digamos, “espaço original”, como é o caso de João e de José: os dois almejavam um destino bem diferente do que suas famílias viviam e poderiam lhe oferecer. No caso de João, que vinha da roça e queria ser contador, e José que morava num bairro periférico, e tinha o sonho de fazer pós-graduação na área de engenharia, fora do país. Sobre essa construção da identidade por meio de relações sociais no processo de socialização secundária, Berger e Luckmann afirmam que:

A identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada, ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a, ou mesmo remodelando-a. (BERGER e LUCKMANN, 2008, p. 228)

A busca pela interação social específica e incorporação de novo comportamento, de linguagem característica a determinado estrato, e imersão numa dada realidade fazem parte do processo de construção de uma identidade voltada para um determinado meio social, educacional ou profissional, ou seja, a construção da socialização secundária. Voltando para o exemplo dos perfis de João e de José, podemos observar que esta apropriação de nova postura faz parte dos esforços empreendidos por eles para ingressar numa realidade pertencente ao objetivo almejado por cada um.

Os comportamentos necessários para se fazer parte, e se sentir parte, do ambiente bancário, no caso de João, foram incorporados quando ele vivia a experiência de estagiário no banco pelo programa de aprendizado; Assim como no caso de José, que já faz escola de idioma, pois visava sair do país, e é um dos poucos, se não o único, da sua turma e da sua vizinhança, que fala inglês.

Portanto, independentemente da estrutura escolar e das atividades oferecidas por ela, observou-se que existe um esforço individual no sentido de criar para si mesmo uma identidade e uma oportunidade de se fazer parte do universo da carreira almejada, incorporando linguagens, comportamentos ou quaisquer aspectos que os façam sentir-se parte daquilo.

Nos casos de alguns, essa incorporação acontece naturalmente pelo fato de a família já estar inserida na realidade do objeto ou destino escolhido; outros, mesmo um pouco distantes, por diferentes razões, conseguem reunir ferramentas que os permitem

aproximar-se do objeto; já alguns têm mais dificuldade, pelas próprias condições objetivas, ou seja, é improvável que “ele chegue lá”. Mas constatações como essas não nos cabem neste momento, pois vão além do objetivo deste trabalho.

Por fim, podemos dizer ou reafirmar, que as relações que os jovens mantêm, cada um em sua particularidade, demonstram uma forma de expressão, de vontade de poder que o jovem tem de tomar as rédeas do seu próprio rumo, mesmo que esse seja seguindo os passos da sua própria família. Os grupos sociais, diferentes da família, nos quais os jovens se inserem, servem de um apoio para a afirmação de suas ideias, confronto e alinhamento com a ideia do outro e onde encontra o equilíbrio consigo mesmo e com os meios sociais. A socialização primária que a família oferece sempre estará como base imutável, como o alicerce de uma edificação que o jovem anseia erguer com seu diferencial, e essa diferenciação, ou forma de construção da identidade, ele encontra na socialização secundária. Ou seja, nos grupos e relações sociais mantidas no ambiente familiar ou fora dele, na escola ou fora dela, por meio da incorporação de capital cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli E. D. A. e LÜDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.
- BARBOSA, Rafael Conde. O significado atribuído à escola e ao ensino médio por jovens do 3º ano de uma escola pública de São Paulo. Dissertação de Mestrado. São Paulo – SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade. 29ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias; Os três estados do capital cultural. In: BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. Organizado por NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *Educ. Rev.*, Belo Horizonte (10): 3-15, dez. 1989.
- _____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. Organizado por NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007a.
- _____. A Distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007b.
- CONDE, Diva Lúcia Gautério. Escolha profissional na contemporaneidade: caminhos possíveis. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro – RJ, Universidade do Rio de Janeiro, 2012.
- COSTA, Cilene Maria de Oliveira. Sucesso escolar de jovens egressos da escola pública: do ensino médio para o superior. Dissertação de Mestrado, São Paulo – SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.
- COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação e CUNHA, Maria Amália de Almeida. Escolha ou destino? A influência intergeracional na vida de jovens egressos do Ensino Médio. *Revista Contemporânea de Educação*, nº12 – agosto/dezembro de 2011.
- FAHT, Beatriz Hering. Fatores que influenciam a escolha profissional do jovem universitário e sua visão a respeito da orientação profissional. Dissertação de Mestrado, Itajaí – SC, Universidade do Vale do Itajaí, 2011.
- FARIA, Rafaela Roman de. Práticas parentais percebidas, estresse e maturidade para escolha profissional de vestibulandos. Dissertação de Mestrado, Curitiba – PR, Universidade Federal do Paraná, 2011.
- FARIA, Renata Mantovani de. *Habitus*, expectativas e estratégias de formação e trabalho de alunos de escolas urbana e rural do ensino médio. Dissertação de Mestrado. São Carlos – SP, Universidade Federal de São Carlos, 2011.
- FERREIRA, Flávia Maria Feroldi. Os jovens, suas concepções e escolhas: um estudo sobre as ações em Orientação Profissional na escola. Dissertação de Mestrado, Campo Grande - MS, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2011.

- FRANCO, Maria L. P. B.; NOVAES, Gláucia T. F. Os jovens do Ensino Médio e suas representações sociais. Cadernos de Pesquisa, nº 112, p. 167-183, março/2001.
- KLEIN, Ana Maria. Projetos de vida e escola: a percepção de estudantes do Ensino Médio sobre a contribuição das experiências escolares aos seus projetos de vida. Tese de Doutorado. São Paulo – SP, Universidade de São Paulo, 2011.
- MANDELLI, Maria Teresa. Correndo atrás de seu projeto de vida: Um estudo com participantes do Programa Jovem Aprendiz. Dissertação de Mestrado. Florianópolis – SC, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.
- OLIVEIRA, Liara Rodrigues de. Os significados do trabalho para a juventude – Um estudo sócio-histórico com adolescentes ricos. Dissertação de Mestrado. São Paulo – SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. Um novo capital cultural: Pré-disposições e disposições à cultura informal nos seguimentos com baixa escolaridade. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 90, p. 77-105, Jan./Abr. 2005.
- THIOLENT, Michel J. M. Introdução: A procura de alternativas metodológicas; Definição das técnicas de pesquisa. In: THIOLENT, M. J. M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980.
- ZIBAS, Dagmar M. L.; FERRETTI, Celso; TARTUCE, Gisela Lobo. O Protagonismo de Alunos e Pais no Ensino Médio. São Paulo: FCC/DPE, 2004.
- ZIBAS, Dagmar M. L. O ensino médio na voz de alguns de seus autores. São Paulo: FCC/DPE, 2001.

SITES

- <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250400&search=paraiba|campina-grande>
- <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=250400&idtema=118&search=paraiba%7Ccampina-grande%7C%3%8Dndice-de-desenvolvimento-humano-municipal-idhm->
- <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=250400&idtema=117&search=paraiba%7Ccampina-grande%7Censino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2012>
- www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/.../0000000490.xls
- <http://www.ifpb.edu.br/campi/campina-grande/cursos>
- <http://static.paraiba.pb.gov.br/2013/12/Diretrizes-Operacionais-SEE-PB-2015.pdf>
- <http://static.paraiba.pb.gov.br/2013/12/Diretrizes-Operacionais-para-o-Funcionamento-das-Escolas-da-Rede-Estadual-de-Ensino-no-ano-2014.pdf>
- <http://www.esa.ensino.pb.gov.br/historia/>

08. A partir das letras da questão anterior, indique a escolaridade de seu(s) responsável(is).

1. Não estudou. (A) (B) (C) (D) (E) (F)
2. Ensino Fundamental incompleto. (A) (B) (C) (D) (E) (F)
3. Ensino Fundamental completo. (A) (B) (C) (D) (E) (F)
4. Ensino Médio. (A) (B) (C) (D) (E) (F)
5. Ensino Superior incompleto. (A) (B) (C) (D) (E) (F)
6. Ensino Superior completo. (A) (B) (C) (D) (E) (F)
7. Pós-graduação. (A) (B) (C) (D) (E) (F)

09. Quantas pessoas moram em sua casa (contando com você)?

- Duas
- Três
- Quatro
- Cinco
- Seis ou mais
- Moro sozinho

10. Quem contribui para obtenção da renda de sua família? **(Se necessário, assinale mais de uma alternativa)**

- Pai Mãe
- Avô Avó
- Você Outros

11. Qual a renda mensal de seu grupo familiar? **(Considere a soma da renda de todos que moram em sua casa)**

- Menos de um salário mínimo
- Um salário mínimo (R\$ 724,00)
- Dois salários mínimos (R\$ 1.448,00)
- De 3 a 5 salários mínimos (R\$ 2.172,00 a R\$ 3.620,00)
- De 6 a 10 salários mínimos (R\$ 4.344,00 a R\$ 7.240,00)
- Mais de 10 salários mínimos.

12. Qual é a sua participação na vida econômica de seu grupo familiar?

- Não trabalho, sou sustentado pela família.
- Trabalho, mas recebo ajuda financeira.
- Trabalho e sou responsável pelo meu sustento.
- Trabalho e contribuo parcialmente em casa.
- Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família.

13. Com as letras da questão nº **07**, indique a ocupação de seu(s) responsável(is).

14. Qual é o meio de transporte que você e sua família mais utilizam?

- Carro próprio. Moto própria
- Carro ou moto emprestado(a) ou alugado(a). Bicicleta.
- Ônibus. Outros.

BLOCO 3 – CARACTERÍSTICAS SOCIO-CULTURAIS

15. Com qual grupo abaixo você costuma passar mais tempo nos finais de semana e ou férias?

- Família
- Amigos da rua
- Colegas / amigos da escola
- Igreja
- Outro (escreva) _____

16. Quais das atividades abaixo você realiza com frequência? **(Se necessário, assinale mais de uma alternativa)**

- Eu pratico esportes.
- Eu vou ao cinema.
- Eu saio para jantar.
- Eu vou ao parque.
- Eu vou ao teatro.
- Eu vou a shows e/ou eventos culturais.
- Eu faço viagens.
- Eu ajudo minha família nos afazeres domésticos.

17. Em quais momentos do seu dia-a-dia você mais interage com a sua família? **(Se necessário, assinale mais de uma alternativa).**

- Durante as refeições.
- Nos momentos de lazer.
- Nos momentos de estudo.
- Na igreja.
- Quando estamos assistindo televisão juntos.
- Não interajo.
- Outro(s) momento(s): _____

18. O que você costuma ler?

- Apenas o material das disciplinas na escola, porque é obrigatório.
- Livros que os professores indicam nas aulas.
- Livros de romance / Ficção científica / Gibis.
- Revistas de fofoca, horóscopo.
- Tenho preguiça para ler, é chato.

19. Além do colégio, que outra atividade regular você pratica? **(Se necessário, assinale mais de uma alternativa)**

- Escola de esporte (natação, futsal, basquete, etc.).
- Escola de música (instrumento, técnica vocal, etc.).
- Escola de teatro/cinema.
- Escola de pintura/escultura.
- Escola de línguas.
- Escola técnica / profissionalizante.
- Nenhuma atividade.

20. Dentre as opções abaixo, com qual você prefere passar o tempo?

- Vendo um filme.
- Lendo um livro.
- Conversando com amigos.
- Cozinhando.
- Praticando esporte.

21. Você tem acesso à internet? O que ela oferece de mais importante para seu dia-a-dia?

- Acesso às redes sociais.
- Entretenimento (músicas, vídeos, filmes, jogos).
- Informações sobre esportes.
- Informações globais (notícias sobre o Brasil e o mundo).
- Pesquisa escolar.
- Não tenho acesso à internet.
- Outros _____

22. Que tipo de programa de TV você costuma assistir? (**Se necessário, assinale mais de uma alternativa**)

- Programas de Auditório.
- Programas Humorísticos.
- Desenho animado.
- Documentários.
- Novelas.
- Filmes.
- Seriados.
- Reality Show.
- Não assisto TV.

23. Qual estilo de música você mais ouve?

- Pop/Rock Nacional/Internacional.
- Rock Nacional/Internacional.
- MPB.
- Reggae.
- Eletrônica.
- Funk.
- Brega
- Sertanejo Universitário.
- Blues / Jazz.
- Romântica.
- Clássica.
- Não gosto de música.

24. Qual esporte abaixo você prefere?

- Futebol.
- Vôlei.
- Basquete.
- Handball.
- Tênis.

- Atletismo (corrida, lançamentos e saltos).
- Ginástica artística.
- Artes marciais (judô, karatê, capoeira)
- Outro _____
- Não gosto de nenhum tipo de esporte

25. Qual lazer você prefere?

- Um final de semana na praia.
- Um acampamento com amigos.
- Uma viagem em família.
- Jogar futebol no domingo.
- Visitar museu, assistir peças de teatro.
- Ir para o show da sua banda preferida.
- Passear no shopping com amigos.

26. Quanto normalmente você gasta por mês com lazer?

- Até R\$ 50,00.
- De R\$ 50,01 a R\$ 75,00.
- De R\$ 75,01 a R\$ 100,00.
- De R\$ 100,01 a R\$ 125,00.
- De R\$ 125,01 a R\$ 150,00.
- Acima de R\$ 150,01.
- Não gasto com lazer.

27. O que você acha que falta na sua cidade e que ela pudesse lhe oferecesse de lazer, esporte ou cultura?

BLOCO 4 – PERSPECTIVAS DE VIDA E DE CARREIRA

28. Quando você pensa em futuro, o que mais lhe vem à cabeça, dentre as opções abaixo?

- Melhorar de vida, mudar sua posição financeira.
- Ajudar pessoas sendo um político, ou um religioso, ou um ativista.
- Continuar o padrão de vida dos meus pais.
- Seguir uma vida acadêmica (Universidade).
- Formar uma família.
- Ser um artista/esportista famoso.

29. O que primeiro vem em mente quando se fala em vencer na vida?

- Ser alguém.
- Ter um bom emprego.
- Ganhar bem, ter estabilidade financeira.
- Estar realizado, fazer o que gosta.
- Ter o que comer todo dia.

30. O que você acha mais importante hoje?

- Estudar sem me preocupar tanto com amanhã.
- Conseguir um emprego para ajudar meus pais.

- Preservar as amizades que tenho.
- Fazer planos para sair de casa.
- Aprender o que meu pai/responsável faz.

31. Qual das alternativas abaixo melhor expressa o futuro próximo que você planeja?

- Concluir o Ensino Médio e conseguir um emprego.
- Prestar vestibular e dar continuidade aos estudos.
- Estudar para concursos públicos.
- Abrir o próprio negócio.
- Seguir carreira em algum esporte ou carreira artística.
- Seguir uma vida religiosa.
- Sair do país.

32. Qual a pessoa ou grupo de pessoas que mais o influenciou e o incentivou na escolha anterior?

- Minha família.
- Amigo(s).
- Um professor.
- A família de um amigo.
- Colegas na escola.

33. Se você pudesse apontar uma pessoa que o inspira (profissionalmente), quem seria?

- Meus pais (meus responsáveis).
- Um irmão.
- Um amigo.
- Alguém da família de um amigo.
- Um professor.
- Meu “ídolo” (do esporte, das artes, empresário, padre, pastor).
- Uma pessoa que admiro, mas que não conheço pessoalmente. Quem?

34. Qual influência sua família exerce sobre você? (**Se necessário, assinale mais de uma alternativa**)

- Incentiva os estudos.
- Incentiva no que você quiser fazer.
- Proíbe você de escolher carreira artística.
- Proíbe você de escolher carreira nos esportes.
- Obriga você escolher alguma carreira. Qual?

Não me influencia.

35. Qual influência a escola exerce sobre você? (**Se necessário, assinale mais de uma alternativa**)

- Incentiva os estudos.
- Incentiva qualquer iniciativa dos alunos.
- Incentiva que você realize manifestações artísticas no ambiente escolar.
- Proíbe que você realize manifestações artísticas no ambiente escolar.
- Incentiva eventos e suas iniciativas esportivas.
- Proíbe eventos e suas iniciativas esportivas.
- Sugere que você escolha determinada carreira. Qual?

Não me influencia, é indiferente com os alunos.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Este roteiro de entrevista é a segunda parte do trabalho de obtenção dos dados dos estudantes de escolas públicas estaduais em Campina Grande, que faz parte da dissertação de mestrado intitulada *Expectativas de estudantes concluintes do Ensino Médio em escolas públicas estaduais de Campina Grande: As relações que influenciam a escolha do destino*. A primeira parte da busca dos perfis necessários para a análise na pesquisa será a partir da realização de um questionário socioeconômico e cultural em duas turmas de concluintes do ensino médio de duas escolas públicas estaduais. A entrevista, portanto, será a segunda parte da coleta dos dados e tem como objetivo aprofundar o conhecimento sobre os perfis dos estudantes e conhecer algumas de suas perspectivas no que diz respeito a um futuro próximo e possível.

Identificação (primeiro nome): _____ Idade: ___anos sexo: ()

Escola Estadual de Campina Grande: A() B()

Queremos entender um pouco das suas perspectivas. Para isso conte um pouco sobre:

- Seus pais ou responsáveis trocam ideias com você? Em quais momentos? Isso ocorre com muita frequência, pouca ou nunca. Quando ocorre esta troca, sobre o que vocês conversam? E com seus e irmãos? Sobre o que vocês conversam? Em quais momentos?
(momentos: hora das refeições; à noite; nos finais de semana; viagens; outros momentos...)
- O que sua família (pais, avós, tios, outros) pensa sobre a escolarização deles e dos filhos, jovens da família, etc.
- Fale sobre sua relação com os amigos/colegas. Sobre o que vocês conversam? Em quais momentos? Vocês costumam fazer passeios ou viagens juntos? Para onde?
- Como é sua vida na escola? O que ela significa ou significou para você? Em que a escola foi importante para sua formação?
- Fale da sua relação com seus professores do Ensino Médio. Eles foram ou não importantes na sua decisão depois do ensino médio? Alguns professores se destacaram nesta decisão? Qual sua decisão? Por quê?
- Se o aluno falar em fazer faculdade ou universidade perguntar, qual? É pública ou privada? Como ele escolheu essa instituição de ensino superior?
- Quem mais o incentivou a fazer esta escolha?
- Quais as expectativas que você tem sobre seu futuro?
- Se o aluno falar em trabalhar, perguntar onde e por que. O que ele espera dessa profissão? Essa profissão em algum momento foi indicada por alguém? Quem?

CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA A

BLOCO 1 - CARACTERÍSTICAS PESSOAIS														
Identificação do aluno	SEXO		IDADE			Considera-se da cor:			SUA CASA É:			MORA COM:		
	A	B	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
1	X		X					X		X		X		
2	X		X					X		X		X		
3	X		X			X				X				X
4	X		X			X			X			X		
5	X		X					X			X	X		
6	X			X				X	X			X		
7	X		X					X		X		X		
8	X		X			X				X		X		
9	X		X				X			X		X		
10	X		X			X			X			X		
11	X			X				X	X			X		
12	X				X			X	X			X		
13	X				X			X	X			X		
14	X			X		X			X			X		
15	X		X					X	X			X		
16	X		X			X			X			X		
17		X		X			X			X		X		
18		X			X			X	X					X
19		X		X				X	X			X		
20		X	X			X			X			X		
21		X		X				X	X			X		
22		X		X				X	X			X		
23		X	X					X	X			X		
24		X	X					X	X			X		
25		X	X			X			X			X		
TOTAL	16	9	15	7	3	8	2	15	18	6	1	23	0	2
PERCENTUAL	64%	36%	60%	28%	12%	32%	8%	60%	72%	24%	4%	92%	0%	8%
25	FEMININO	MASCULINO	16-17 ANOS	18 ANOS	19 + ANOS	BRANCO	NEGRO	PARDO	PRÓPRIA	ALUGADA	OUTRO	PAIS	AVÓS	OUTROS

Fonte: Questionário

Dados organizados pelo autor da pesquisa

BLOCO 2 - CARACTERÍSTICAS FAMILIARES															
Identificação do aluno	RESPONSÁVEL			Esc. do Responsável			Resp. pela Renda			Renda Mensal			Part. na Renda		
	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
1	X				X		X				X		X		
2	X					X	X				X		X		
3			X		X				X		X		X		
4	X					X	X			X		X			
5	X			X			X				X		X		
6	X				X		X				X		X		
7	X				X		X				X		X		
8	X				X		X				X		X		
9	X				X		X				X		X		
10	X					X	X				X		X		
11	X					X	X				X		X		
12	X				X		X				X		X		
13	X					X	X				X		X		
14	X					X	X					X	X		
15	X			X			X				X			X	
16	X					X	X					X	X		
17	X			X			X				X		X		
18			X		X				X	X					X
19	X				X		X			X			X		
20	X				X		X					X	X		
21	X					X	X				X		X		
22	X				X		X				X		X		
23	X					X	X					X		X	
24	X			X			X				X			X	
25	X				X		X			X				X	
TOTAL	23	0	2	4	12	9	23	0	2	4	17	4	20	4	1
PERCENTUAL	92%	0%	8%	16%	48%	36%	92%	0%	8%	16%	68%	16%	80%	16%	4%
25	Pais	Avós	Outros	Ensino Superior acima	Ensino Médio / Técnico	Ensino Fund. Ou menos	Pais	Avós	Outros	Acima de 6 salários	2 a 5 salários	Até 1 salário	Não trabalha	Trabalha não Contribui	Sou o responsável

Fonte: Questionário
 Dados organizados pelo autor da pesquisa

BLOCO 3 - CARACTERÍSTICAS SOCIO-CULTURAIS															
Identificação do aluno	Grupo Lazer			Interação Familiar			Leitura			Estilo Musical			Esporte Preferencial		
	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
1	X				X		X					X		X	
2	X				X		X				X			X	
3	X				X		X				X			X	
4	X				X		X				X			X	
5	X				X			X		X				X	
6		X			X		X				X		X		
7		X		X			X				X		X		
8	X				X		X			X				X	
9	X			X			X				X			X	
10			X		X				X	X				X	
11	X			X				X				X			X
12	X			X			X				X		X		
13	X			X					X		X			X	
14	X				X				X		X			X	
15	X					X	X						X		
16	X				X		X			X				X	
17	X					X			X		X			X	
18		X		X			X				X			X	
19	X				X			X			X				X
20	X				X		X				X			X	
21	X			X				X			X		X		
22		X		X			X			X				X	
23	X				X		X				X			X	
24	X				X			X			X			X	
25	X				X				X		X			X	
TOTAL	20	4	1	8	15	2	15	5	5	5	17	2	5	18	2
PERCENTUAL	80%	16%	4%	32%	60%	8%	60%	20%	20%	20%	68%	8%	20%	72%	8%
25	Família	Escola / Igreja	Amigos da rua / Outros	Acima de 3 momentos	1 a 2 Momentos	Não interage	Indicações / Literatura	Obrigação Escolar	Tenho preguiça / chato	Gêneros clássicos	Gêneros populares	Não ouve	Esportes raros	Esportes Populares	Não gosta de esportes

Fonte: Questionário
 Dados organizados pelo autor da pesquisa

BLOCO 4 - PERSPECTIVAS DE VIDA E DE CARREIRA															
Identificação do aluno	Pensa em Futuro			Planejamento			Inspiração			Influência Familiar			Influência Escolar		
	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
1*			X	X			X			X				X	
2*	X			X				X		X					X
3*	X			X			X			X				X	
4*		X		X			X			X			X		
5*	X			X			X			X			X		
6*		X			X			X		X					X
7*			X	X				X		X			X		
8*			X		X			X		X				X	
9*			X	X			X			X				X	
10*			X		X			X		X				X	
11*	X			X			X			X				X	
12*	X			X			X			X			X		
13*		X			X		X			X			X		
14*		X				X	X			X			X		
15*	X			X			X			X				X	
16*	X			X			X			X				X	
17*			X			X		X			X		X		
18*			X		X			X		X			X		
19*			X	X			X			X				X	
20*			X			X	X			X				X	
21*			X		X			X				X	X		
22*	X					X	X			X			X		
23*	X			X				X				X	X		
24*	X			X			X			X			X		
25*		X			X		X			X				X	
TOTAL	10	5	10	14	7	4	16	9	0	22	1	2	12	11	2
PERCENTUAL	40%	20%	40%	56%	28%	16%	64%	36%	0%	88%	4%	8%	48%	44%	8%
25	Vida acadêmica	Realização pessoal	Melhorar de vida	Estudo	Realização pessoal	Emprego	Família ou Escola	Amigos / Ídolo	Ninguém	Incentiva	Indica / Obriga	Proíbe / Não incentiva	Apoia incentivas / Sugere	Incentiva obrigações	Proíbe iniciativas

* Estudantes Inscritos no ENEM: 100%

Fonte: Questionário

Dados organizados pelo autor da pesquisa

CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA B

BLOCO 1 - CARACTERÍSTICAS PESSOAIS														
Identificação do aluno	SEXO		IDADE			Considera-se da cor:			SUA CASA É:			MORA COM:		
	A	B	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
A	X		X			X			X			X		
B	X			X				X		X		X		
C	X				X	X			X			X		
D	X				X			X	X					X
E	X		X					X	X			X		
F	X			X				X	X			X		
G	X			X		X			X			X		
H	X			X				X	X					X
I	X			X			X		X					X
J	X		X					X	X			X		
K	X				X	X			X			X		
L		X		X				X		X		X		
M		X		X		X			X					X
N		X	X					X	X			X		
O		X		X				X	X				X	
TOTAL	11	4	4	8	3	5	1	9	13	2	0	10	1	4
PERCENTUAL	73%	27%	27%	53%	20%	33%	7%	60%	87%	13%	0%	67%	7%	27%
15	FEMININO	MASCULINO	16-17 ANOS	18 ANOS	19 + ANOS	BRANCO	NEGRO	PARDO	PRÓPRIA	ALUGADA	OUTRO	PAIS	AVÓS	OUTROS

Fonte: Questionário

Dados organizados pelo autor da pesquisa

BLOCO 2 - CARACTERÍSTICAS FAMILIARES															
Identificação do aluno	RESPONSÁVEL			Esc. do Responsável			Resp. pela Renda			Renda Mensal			Part. na Renda		
	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
A	X				X		X					X	X		
B	X					X	X				X		X		
C	X					X	X					X	X		
D	X				X		X					X	X		
E	X					X	X				X		X		
F	X				X		X				X		X		
G	X				X		X					X	X		
H	X			X			X				X		X		
I			X	X					X		X		X		
J	X				X		X					X	X		
K	X					X	X				X		X		
L	X				X		X				X		X		
M			X		X				X		X				X
N	X					X	X				X			X	
O		X			X			X			X		X		
TOTAL	12	1	2	2	8	5	12	1	2	0	10	5	13	1	1
PERCENTUAL	80%	7%	13%	13%	53%	33%	80%	7%	13%	0%	67%	33%	87%	7%	7%
15	Pais	Avós	Outros	Ensino Superior acima	Ensino Médio / Técnico	Ensino Fund. Ou menos	Pais	Avós	Outros	Acima de 6 salários	2 a 5 salários	Até 1 salário	Não trabalha	Trabalha não Contribui	Sou o responsável

Fonte: Questionário
 Dados organizados pelo autor da pesquisa

BLOCO 3 - CARACTERÍSTICAS SOCIO-CULTURAIS															
Identificação do aluno	Grupo Lazer			Interação Familiar			Leitura			Estilo Musical			Esporte Preferencial		
	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
A	X			X			X				X			X	
B			X		X			X				X			X
C	X				X		X			X				X	
D		X		X			X					X		X	
E		X			X		X				X			X	
F	X				X		X				X			X	
G			X		X		X					X		X	
H			X	X					X		X			X	
I		X			X				X		X		X		
J	X			X			X				X			X	
K			X	X			X				X			X	
L	X				X		X				X		X		
M	X				X			X		X				X	
N	X				X				X	X				X	
O			X		X			X			X			X	
TOTAL	7	3	5	5	10	0	9	3	3	3	10	2	2	12	1
PERCENTUAL	47%	20%	33%	33%	67%	0%	60%	20%	20%	20%	67%	13%	13%	80%	7%
15	Família	Escola / Igreja	Amigos da rua / Outros	Acima de 3 momentos	1 a 2 momentos	Não interage	Indicações / Literatura	Obrigação Escolar	Tenho preguiça / chato	Gêneros clássicos	Gêneros populares	Não ouve	Esportes raros	Esportes Populares	Não gosta de esportes

Fonte: Questionário
 Dados organizados pelo autor da pesquisa

BLOCO 4 - PERSPECTIVAS DE VIDA E DE CARREIRA															
Identificação do aluno	Pensa em Futuro			Planejamento			Inspiração			Apoio Familiar			Apoio Escolar		
	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
A*	X			X				X		X			X		
B*			X	X			X			X			X		
C*	X			X				X		X				X	
D*	X			X				X		X				X	
E*	X			X				X		X				X	
F*			X	X				X		X			X		
G*	X			X				X		X				X	
H*			X	X			X			X			X		
I*	X			X			X			X			X		
J*	X			X			X			X			X		
K*	X			X			X			X				X	
L*	X			X				X		X			X		
M*			X	X			X					X	X		
N*		X		X				X		X				X	
O			X		X			X		X				X	
TOTAL	9	1	5	14	1	0	6	9	0	14	0	1	8	7	0
PERCENTUAL	60%	7%	33%	93%	7%	0%	40%	60%	0%	93%	0%	7%	53%	47%	0%
15	Vida acadêmica	Realização pessoal	Melhorar de vida	Estudo	Realização pessoal	Emprego	Família ou Escola	Amigos / Ídolo	Ninguém	Incentiva	Indica / Obriga	Proíbe / Não incentiva	Apoia incentivas / Sugere	Incentiva obrigações	Proíbe iniciativas

* Estudantes Inscritos no ENEM: 93%

Fonte: Questionário

Dados organizados pelo autor da pesquisa